



5ª edição

Via Láctea

Pelos Caminhos de Santiago de Compostela

GUY VELOSO



SEDNA
editora

Via Láctea

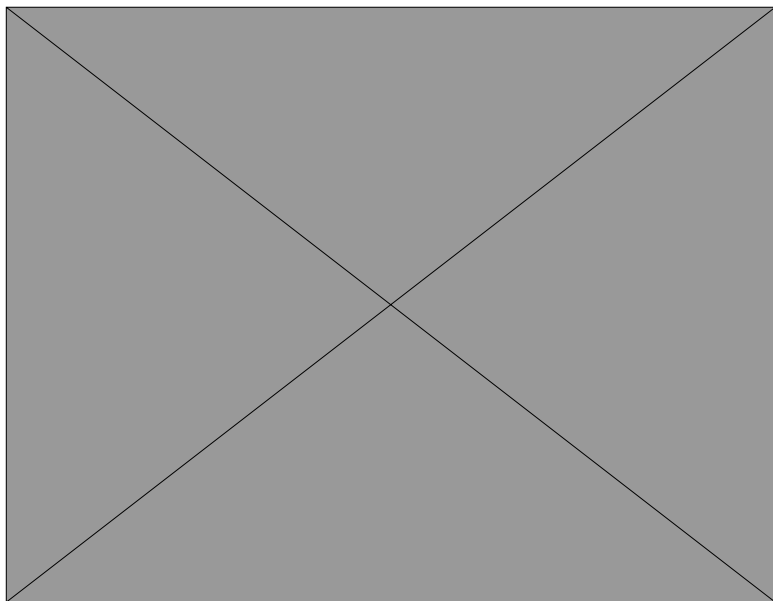
Via Láctea

Pelos Caminhos de
Santiago de Compostela

GUY VELOSO

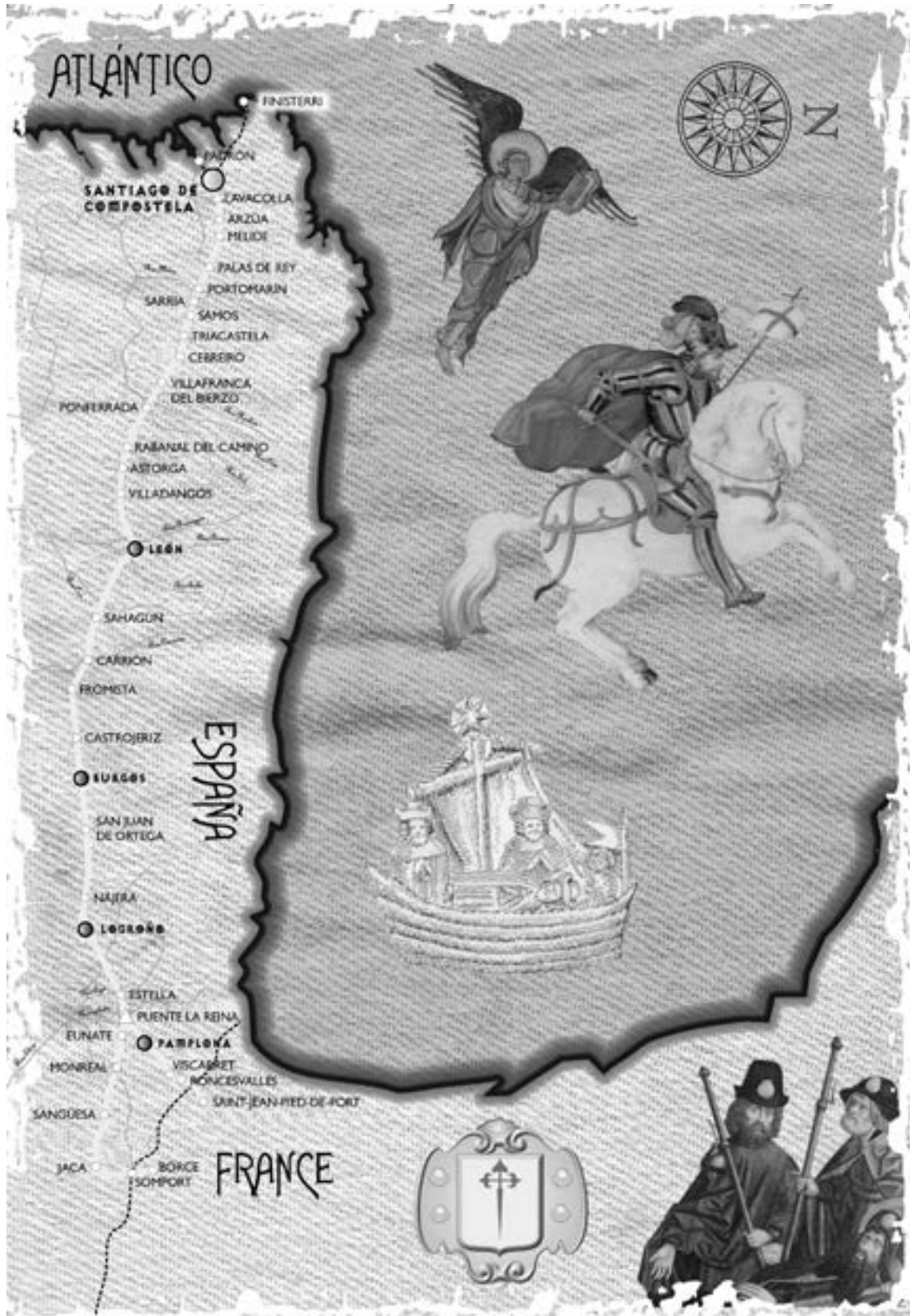
G U Y V E L O S O

5ª edição



SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo I – Via Láctea
Capítulo II – A Partida
Capítulo III – Os Montes Pireneus
Capítulo IV – As Pedras Mortas
Capítulo V – A Fera
Capítulo VI – A União dos Caminhos
Capítulo VII – Os Milagres
Capítulo VIII – A Cruz e a Espada
Capítulo IX – A Grande Arte
Capítulo X – O Quarto Elemento
Capítulo XI – A Espera
Capítulo XII – A Solidão
Capítulo XIII – A Morte
Capítulo XIV – Os Amigos
Capítulo XV – As Portas da Galiza
Capítulo XVI – O Final
Capítulo XVII – As Agulhas da Catedral
Capítulo XVIII – A Glória



ATLANTICO



FINISTERRA
PADRON
SANTIAGO DE COMPOSTELA
LAVACOLA
ARZUA
MELIDE
PALAS DE REY
PORTOMARIN
SARRIA
SAMOS
TRIACASTELA
CERRERO
VILLAFRANCA DEL BIERZO
PONERRADA
RABANAL DEL CAMPO
ASTORGA
VILLADANGOS
LEON
SAHAGUN
CARRION
FROMSTA
CASTROJERIZ
BURGOS
SAN JUAN DE ORTEGA
NAJERA
LOGROÑO
ESTELLA
PUENTE LA REINA
PAMPLONA
MONREAL
SANGÜESA
JACA
BORCE
SOMPORT

ESPAÑA

FRANCE



PRÓLOGO

Somente Deus conhece o caminho
só Ele sabe onde está a sabedoria
porque a Sua vista alcança
os lugares mais distantes do mundo.

LIVRO GROSSO, pesado, com ricas iluminuras de rosáceas e entrelaços de folhagens no frontispício. Palavras ordenadamente divididas em tomos, capítulos e estes, em estrofes. Desenhos em miniatura sobre o papel amarelado pelo tempo ilustravam tão antigo texto. Vislumbrei anjos segurando harpas ou, algumas vezes, espadas. Cenas heróicas vividas por homens, no tempo em que homens pareciam deuses na imagem e semelhança.

Meu dedo percorrera nervoso suas linhas, deixando ao final que as palavras de um versículo do Livro de Jó, escolhido ao acaso, em uma página do mesmo modo selecionada, significassem uma res-

posta a tantas preocupações que carregava desde a minha partida rumo ao Velho Mundo.

Tão feliz escolha, em meio a numerosa gama de possibilidades, com certeza significava um bom presságio, feliz agouro, um ótimo começo. Naquela hora de indecisão e insegurança, era do que mais eu precisava. Na verdade era só o que tinha.

Tudo havia acontecido muito rápido: a decisão, o pedido de férias e a fila de espera no aeroporto. Chegara à Europa há dois dias e ainda sentia o cheiro de casa, podia ouvir vozes de amigos e familiares. Lembrava o gosto da comida e o sabor calmo de dias e noites sempre iguais.

Por meses sonhei com esta viagem rumo ao desconhecido, à aventura e ao aprendizado. E, no momento em que ela finalmente começava, sentia-me como uma criança que ouve o primeiro trovão antes da chuva.

Por um instante, indaguei-me se estaria realmente preparado. Se aquela seria a hora certa, o tempo mais propício para realizar a tarefa que há muito tinha me prometido.

Mas logo descobri que na realidade nunca estamos verdadeiramente prontos; que, se todas as vezes esperasse pelo instante mais favorável, nunca seguiria em frente. Ficaria sempre no mesmo lugar, com as pernas enrijecidas pela dúvida.

Há tempos havia lido e escutado muitas crônicas sobre um itinerário medieval de peregrinação que se prolonga por todo o norte da Península Ibérica. Desde o século IX, indivíduos do continente europeu partiam de suas cidades e países percorrendo a pé ou a cavalo centenas de quilômetros, utilizando na maioria das vezes o mesmo caminho até a cidade de Santiago, no extremo oeste da Espanha, onde se acredita estar sepultado o santo homônimo, apóstolo de Jesus, o Cristo.

Essa Rota, ou o conjunto delas, demarcada através dos séculos pelos passos dos peregrinos, ficou popularmente conhecida como o Caminho de Santiago de Compostela.

Meus pés pousavam sobre a história da própria Europa, a pe-

quena cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port, capital da Província da Baixa Navarra, a sudoeste da França, região predominantemente de etnia basca, minoria tanto naquele país quanto na Espanha. A poucas milhas da fronteira espanhola, no coração dos Montes Pireneus, Saint-Jean é um dos pontos de partida mais tradicionais de peregrinos.

Eram 11h30 da manhã do dia 5 de junho de 1993. Estava sentado ao lado de uma velha prateleira coberta de livros empoeirados na ante-sala da Associação Francesa dos Amigos de Santiago, uma das organizações que hoje luta para sustentar esta remota tradição. Esperava, impaciente, minha vez de ser atendido por sua mentora, a Senhora Debril, figura singular e famosa pelo labor em divulgar o Caminho e zelar pelos viajantes.

Ali, receberia a Credencial del Peregrino, documento oficial que me daria diversas prerrogativas, como, por exemplo, pernoitar gratuitamente em albergues especiais e mosteiros ao longo da Rota.

Em minhas mãos, a antiga Bíblia ainda aberta prendia meus olhos surpresos e marcava como deveria ser o meu Caminho de lá para a frente; um trajeto em busca da sabedoria, da verdade. Se alcançaria meus objetivos, era impossível saber.

“Não cabe a mim conhecer o caminho antes de percorrê-lo”, pensei.

Na minha mente, imagens de um tempo em que muitos se sacrificaram a fim de cruzar os campos verdejantes da Espanha e adorar os restos do apóstolo, tidos como milagrosos. Aventuravam-se por terras inóspitas e selvagens, sujeitos à constante ameaça dos inimigos muçulmanos. Histórias de centenas, milhares de caravanas medievais que se submetiam a uma jornada longa, perigosa e exaustiva, que não raramente levava à doença e à morte.

Sentia como se cada um dos peregrinos que deixaram suas pegadas por estas terras santas através dos séculos clamasse para que levasse em frente esta tradição. Pedindo para que eu não desistisse. Rogando para que continuasse sempre em frente, pois

a memória das peregrinações deveria ser renovada. Sempre.

Antes que a Senhora Debril notasse, com cuidado e respeito recoloquei o livro sagrado de volta ao seu lugar na estante. A sorte de ter aberto em pura inspiração o volume certo, exatamente no tomo, página e versículo que guardavam as palavras que eu mais precisava, encheu-me de ânimo. Coragem.

O consolo daquela sentença bíblica me fez sair um pouco da realidade: esqueci que, em finais do século XX, estava prestes a, sozinho, percorrer a pé os 800 quilômetros que separavam a pequena cidade francesa de Saint-Jean-Pied-de-Port do meu destino e meta final, a suntuosa Catedral de Santiago.

E, enquanto já esperava há quase uma hora por Debril para tornar-me oficialmente um peregrino, continuei recordando a história gloriosa do Caminho de Santiago de Compostela.

Tradição milenar que, em tão pouco tempo, já havia entrado como um susto em minha vida. História que então começava a se mesclar com a minha própria.

Capítulo I

VIA LÁCTEA

SOB A ÉGIDE e proteção da cruz vermelho-sangue de São Tiago de Compostela – forma de espada, duas guardas em flor-de-lis, punho rematado na figura de um coração com a ponta virada ao alto –, homens e mulheres por séculos seguidos desbravaram a Península Ibérica, percorrendo centenas de léguas, tendo o céu, os campos, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas como testemunhas.

Tiago foi um dos doze escolhidos por Jesus para seu círculo principal nos três anos de pregação. Filho de Zebedeu e Salomé, irmão de João, o Evangelista, São Tiago por sua personalidade forte era conhecido como *Boanerges* – Filho do Trovão – e foi o primeiro apóstolo de Cristo a ser martirizado, em 44 d.C., por ordem de Herodes Agripa.

Uma tradição muito antiga diz que, após a dispersão dos apóstolos pelo mundo, São Tiago Boanerges foi pregar na Galiza¹, Província do Império Romano, um dos extremos do mundo

¹ Em castelhano, Galicia.

conhecido até então, tendo sido ele, à sua época, quem levou o evangelho a terras mais distantes.

Retornando à Palestina após cumprir sua missão, foi preso e decapitado, e seu corpo jogado para fora das muralhas de Jerusalém. Dois de seus discípulos, Teodoro e Anastácio, recolheram seu cadáver e o levaram de volta ao Ocidente de barco – segundo algumas versões, nau de pedra bruta com um anjo no timão –, aportando na antiga cidade de Iria Flávia, atual distrito de Padrón, na costa oeste espanhola, sepultando-o secretamente em um bosque de nome Libredón.

O lugar foi esquecido, até que, oito séculos depois, um eremita chamado Pelágio começou a observar um estranho fenômeno que ocorria nesse mesmo local: uma verdadeira chuva de estrelas caía todas as noites sobre um ponto no bosque, emanando uma luminosidade intensa.

Avisado das luzes místicas, o bispo de Iria Flávia, Teodomiro, ordenou que fossem feitas escavações no lugar, encontrando uma arca de mármore com os ossos do apóstolo Tiago. A notícia se espalhou e pessoas começaram a se deslocar para lá a fim de conhecer o sepulcro – primeiro da própria região, depois da Europa inteira –, originando, desse modo, o Caminho de Santiago.

Em pouco tempo, uma cidade se levantou em torno daquele bosque, testemunha das “chuvas de estrelas” vislumbradas por Pelágio, logo chamada de Compostela, derivada do latim *Campus Stellae*, Campo das Estrelas.

Lá, até hoje, sua imensa Catedral, erigida exatamente sobre a tumba, guarda em uma urna de prata os restos mortais de São Tiago.

A cristandade vivia um período espinhoso: grande parte da Península Ibérica ainda estava sob o controle dos mouros, enquanto reinos católicos guerreavam entre si, muitas vezes aliando-se a seus inimigos de fé.

Com a descoberta das relíquias e o início das levadas de peregrinos pelos campos espanhóis, deu-se o ânimo necessário para

que os cristãos se unissem, a fim de expulsar os muçulmanos de toda a Península. Seus soldados, de modo algum menos valentes que o inimigo, passaram a combater fervorosamente não apenas por ouro e terras, mas também pela morada final do santo, amigo de Jesus.

Segundo a lenda, o próprio São Tiago teria aparecido miraculosamente em carne e osso em uma decisiva batalha, lutando sobre seu cavalo branco contra as hostes inimigas, levando à vitória os que brandiam a cruz como insígnia em seus escudos.

A quantidade de peregrinos crescia rapidamente, à medida que os mouros iam recuando para o sul. Em diversos pontos-chaves do percurso construía-se pontes, igrejas e hospedarias. Logo, os monarcas europeus viram as peregrinações como um modo de conservar os árabes bem longe e, ao mesmo tempo, estimular o comércio.

O Caminho passava então a atrair todo o tipo de gente, de reis a mendigos. Pessoas de diversas origens que imitavam a intrépida e longa jornada feita séculos antes por São Tiago até a remota Galiza. Adoravam as relíquias de mártires e heróis locais ao longo das dezenas de cidades que passavam, lá deixando um pouco de sua cultura.

Ladrões, vadios, pícaros, meretrizes, falsos monges misturavam-se à gleba de peregrinos e eram combatidos pelas diversas Ordens Militares defensoras do Caminho – Templários, Hospitalários, Santiaguistas etc.

Embora houvesse diferentes itinerários utilizados em diversas épocas ou situações – o Caminho do Norte, a Via da Prata, o Caminho Português, dentre inúmeros outros desvios e ramais secundários –, o mais concorrido sempre foi o que se estendia pela Península em sentido leste-oeste, servindo-se das planícies que ladeiam a Cordilheira Cantábrica, conhecido como Real Francês.

Por isso, o cânone franco Aymeric Picaud escreveu em 1122 o *Codex Calixtinus*, famosa obra em homenagem a São Tiago e ao papa Calixto II, considerado o primeiro “guia de viagem” da história. Em seu tomo quinto, o *Liber Peregrinationis*, dedicou-se a dar informações

práticas aos peregrinos, guiando-os através de todo o território norte espanhol pelo Caminho Francês.

Dividindo o roteiro em treze etapas, o livro contém dados geográficos e demarca as cidades em que os antigos andantes recebiam alimento e estadia a partir de dois pontos da fronteira hispano-francesa: Saint Michel – povoado vizinho a Saint-Jean-Pied-de-Port –, ponto de partida da Rota de Port de Cize ou Caminho Navarro; e a vila de Borçe, início da Rota Aragonesa.

Ambos os trajetos do Real Caminho Francês tradicionalmente unem-se pouco adiante, na cidade espanhola de Puente la Reina, formando um só Caminho à casa do apóstolo.

Mas o fenômeno das peregrinações começa muito antes, em tempos imemoriais, pré-históricos, quando diversos povos consagraram lugares únicos por sua tradição, beleza ou misticismo, atraindo multidões movidas por misteriosos sentimentos e desejos ainda pouco compreendidos, porém repetidos há milênios por homens de fé.

Hindus, jainistas, maometanos, judeus, budistas e outros tantos conservaram em suas tradições a busca do sagrado através das peregrinações, algumas que resistem até os dias atuais como as de Meca, Hébron, Varanasi, Sarnath, Lumbini e Kathmandu.

Nas próprias terras cortadas pela Rota de Santiago, há provas arqueológicas de uma peregrinação muito mais antiga que o cristianismo. Comunidades neolíticas, povos celtas e romanos viajavam até o Cabo de Finisterre – ponto mais ocidental da Espanha, próximo à cidade de Santiago –, local que acreditavam ser o fim do mundo devido à posição geográfica, onde a vista nada mais alcança senão a linha do horizonte marítimo.

Lá, sacerdotes pagãos cobertos de ouro ajoelhavam-se ao crepúsculo em honra ao sol, que morria à vista infinita do oceano Atlântico.

A Igreja copiou essa velha fórmula resultando nas três grandes rotas de peregrinação da cristandade: o Caminho de Roma, que leva os fiéis até o mausoléu de São Pedro naquela cidade, percorrido pelos romeiros; o Caminho de Jerusalém, que leva a lugares sagrados da vida de Jesus, percorrido pelos palmeiros; e o Caminho de Santia-

go de Compostela, trilhado pelos peregrinos ou concheiros.

Assim, pode-se calcular o passo de centenas de milhares de peregrinos indo e vindo pela Espanha, sendo considerado o maior fluxo nos séculos XII e XIII. No século XIV, inicia-se um declínio provocado pela peste negra e pela Guerra dos Cem Anos, o caso este que se acentuou nas centúrias seguintes com o advento do protestantismo e das correntes racionalistas de pensamento. A afluência de concheiros, então, reduziu-se drasticamente, embora o movimento nunca tenha cessado por inteiro.

Até que na segunda metade do século XX grupos de historiadores, artistas e místicos “redescobriram” o Caminho Jacobeu – de *Jacob*, Tiago em latim –, formando associações para estudo e preservação do Caminho, como ajuda aos modernos peregrinos.

Os roteiros foram remarcados utilizando, na medida do possível, as primitivas rotas medievais que, por sua vez, aproveitavam-se de outras vias mais antigas, como as numerosas estradas romanas e celtas que uniam diferentes pontos da Península, algumas delas que o atual andarilho pode observar suas ruínas.

E toda essa história já soma onze séculos. Acontecimentos que marcaram profundamente o continente europeu. Muitos deles metódicamente documentados em livros ou esculpidos em pedra; ao contrário de outros, emanados do inconsciente desses povos, em que, não poucas vezes, fica difícil saber onde termina a história e começa a fábula.

Tempos em que homens e mulheres, de geração em geração, divulgaram feitos mitológicos a partir desses traçados peregrinos para todo o mundo cristão. Lendas que até os dias de hoje sobrevivem intocadas no imaginário de quem se permite sonhar.

De todas, a minha preferida conta que o imperador franco Carlos Magno, de passo pela Espanha, no século VIII, onde enfrentaria levantes mouros, certa noite descobriu uma seqüência de estrelas que indicavam uma perfeita rota em forma de espinha dorsal.

Um enorme e brilhante trajeto no céu da Europa perfilado sobre o paralelo 42. Um cinturão estelar caprichosamente estendido pela mão divina desde o início dos tempos exatamente sobre a Ibéria, aci-

ma do que depois se chamou Caminho de Santiago. Rota que desde então passou a guiar os andarilhos medievais, que tinham esses corpos celestes como únicos pontos de referência na outrora bárbara e despovoada Espanha.

A mesma nebulosa que, hoje, o moderno peregrino pode observar em noites claras no meio do firmamento, prolongando-se de leste a oeste até os confins da Península, apontando ao Ocidente, à Galiza, ao túmulo do apóstolo.

Essa longa estrada de astros faiscantes descoberta pelo imperador, então espelhada na Rota terrena, trazida metaforicamente ao percurso físico pelos antigos alquimistas, deu ao Caminho de Santiago outra denominação bastante popular, Via Láctea, comprovando a máxima ancestral de Hermes Trimegisto: “O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo.”

E era este o imenso tapete estelar que eu estava prestes a percorrer. O meu desafio. O sonho. Via Láctea que me levaria por caminhos tão repletos de vida até o Campo das Estrelas.

Capítulo II

A PARTIDA

– MONSIEUR VELOSO? – envolvido por tanta história, assustei-me com a voz aguda da Senhora Debril chamando-me por detrás de seu reservado, quando finalmente pôde me atender. Eu tinha passado mais de uma hora naquela saleta sonhando com o tempo das peregrinações medievais ora não tão longínquo, enquanto iam chegando pequenos grupos de concheiros de diversos países, ávidos por receber suas credenciais peregrinas, já lotando a ante-sala da Associação.

Entrei em um anexo onde ficava seu gabinete particular, lugar também repleto de estantes de livros e abarrotados de ex-votos, telas e imagens de São Tiago. Cajados, conchas, cruces vermelhas, fotografias e mapas integravam-se na desordem do escritório e lembravam um Caminho que aos poucos se tornava também meu.

Os pensamentos ainda tão desordenados pela timidez e

ansiedade acalmaram-se à visão de uma dama de setenta anos. Senhora elegante, ágil, usava óculos de armação retangular bem pequeninos, daqueles típicos das avós. Pele alva, olhos azuis, Debril há 30 anos administrava a Associação Francesa dos Amigos de Santiago de Saint-Jean-Pied-de-Port, à Rue de la Citadelle, 27.

Ela me cumprimentou com ar de quem sabia que haviam remediado nos livros da saleta, e tive um impulso – logo reprimido – de falar-lhe das palavras do Livro de Jó, que pouco antes tinham me acalentado.

Sentei em frente da sua escrivaninha, bastante desarrumada, aliás, enquanto aquela velha senhora manuseava por intermináveis segundos, indiferente, papéis cheios de anotações com sua caligrafia mínima e arredondada em meio aos volumes, fichários, blocos que formavam imensas pilhas de papel em sua mesa.

O ambiente fechado, à primeira vista um pouco escuro, cobria-se de uma penumbra misteriosa e envolvente: a janela lateral semi-aberta deixava a luminosidade entrar diretamente sobre Debril, refletindo em seus cabelos ora transformados em fios de prata.

De início, somente nos fitamos com inusitada cumplicidade. Depois, ela retomou suas anotações, enquanto indagava-me as questões de praxe em um espanhol carregadíssimo, anotando quase literalmente as minhas respostas.

Em pouco tempo, havia-lhe relatado minha longa jornada aérea até Madri, conexão a Pamplona, ônibus ao povoado de Burguete e vinte quilômetros de táxi, cruzando a fronteira até Saint-Jean-Pied-de-Port. Também um pouco de minha vida, família, trabalho e meus sonhos.

– Este é um ano muito especial: celebramos o Jubileu Apostólico, o Ano Santo Jacobeu criado pelo Papa Calixto em 1221 – falou-me a Senhora Debril.

– Desde então, toda vez que o dia de São Tiago – 25 de julho, quando foi martirizado – cai em um domingo, este ano torna-se particular, com especiais bênçãos e privilégios espirituais aos peregrinos. Assim, na atual década, foram contemplados o presente ano de 1993 e o calendário de 1999 – completou.

Dona Jeanne Debril pôs-se a dar informações práticas que seriam muito úteis durante toda a aventura. Falou-me das marcas amarelas em forma de setas, pintadas à mão incansavelmente pelas Associações ou até mesmo pelos peregrinos, que são os principais pontos de referência pelas trilhas até Santiago:

– Em todo o norte da Península Ibérica, desde os Pireneus, a leste, até os extremos da Galiza, a oeste, os concheiros encontram no chão, nas pedras, em postes, muros, troncos de árvores e até nas fachadas de residências as tradicionais “flechas amarelas”, verdadeiras estrelas guias dos andarilhos. Bastava segui-las para chegar à cidade do apóstolo.

Também entregou-me a Credencial del Peregrino, o passaporte oficial dos viajadores a Santiago, objeto maior de minha visita à Associação que já durava quase duas horas. Com ele, em cada município que tivesse albergues próprios, receberia estadia gratuita, além de informações sobre as rotas ou algo urgente que precisasse.

A caderneta continha várias lacunas em branco para a posta de carimbos nos lugares que pernoitasse, a fim de comprovar minha passagem. Assim, mais tarde, ao chegar a Santiago, receberia a Compostelana, um belo diploma em latim igual aos concedidos desde o século XV, coroando minha viagem.

– A cada ano cresce o número de peregrinos de passo por estas terras sagradas nas três maneiras autênticas de peregrinação: a pé, de bicicleta ou a cavalo. Alguns saem de lugares longínquos como Bruxelas ou Paris, por exemplo; outros, como tu, preferem pontos igualmente tradicionais nas cercanias da fronteira hispano-francesa baseados no *Codex Calixtinus* – continuou ela.

Senhora Debril levantou-se e tocou carinhosamente em meu ombro, desejando-me êxito. Despedimo-nos como velhos amigos e saí vagando pelas ruelas medievais de Saint-Jean-Pied-de-Port.

Uma grande alegria tomou-me por inteiro: pela primeira vez me senti um autêntico peregrino. Dia seguinte, iniciaria um trajeto mágico que provavelmente repercutiria por toda a minha vida.

Era como se eu estivesse dormindo. E, ao acordar, o sonho continuasse.

Domingo, 6 de junho do Ano Santo Compostelano de 1993. Calça *jeans*, camiseta branca, mapas, cantil, bússola e minha velha Nikon. Cinco horas da manhã, arrumava a mochila verde-oliva, aproveitando para nela costurar três grandes conchas, através de incisões em seus cascos.

Desde os primórdios das peregrinações, a concha – também chamada “vieira” – é usada como distintivo, geralmente carregada no peito em cordões ou ainda pregada nas roupas e bolsas.

Entre outros significados, ela representa a lendária viagem marítima que o corpo de São Tiago fez desde a Palestina até a Galiza, como também, de uma forma metafórica, o receptáculo que guarda a alma, a sua casca, o invólucro duro de algo mais sutil e essencial.

Abaixo das vieiras, insígnia maior dos peregrinos, agrupadas em triângulo reto, pus ao centro uma pequena bandeira quadricolor, símbolo maior de meu país.

Eu estava pronto e minha ansiedade fazia o dia clarear mais lentamente.

Havia despertado várias vezes durante a noite. Erguia-me da cama sobressaltado e corria para ver as horas. Foi uma madrugada difícil, cheia de sonhos, todos relacionados com a minha jornada.

Hospedara-me numa pensão familiar, típica casa de montanha na Rue d’Uhart, perto das muralhas que guardam a cidade de 1.500 habitantes. Lugar aconchegante, revestido internamente de madeira em todos os aposentos, administrado por um casal de idosos.

Desci do quarto e meus hospedeiros, apesar da hora, esperavam por mim, tendo preparado como presente de despedida uma fausta refeição, fora do preço estipulado, aliás. Uma surpresa magnífica. Mas não a única daquela inesquecível manhã.

Eram quase sete horas quando levantamos da mesa. Os dois velhinhos, em silêncio, deram-me adeus com seus olhos de céu sem nuvens, não escondendo a excitação de ver mais um jovem andari-lho saindo de sua cozinha em direção ao desconhecido.

Era como se eu, resguardado por meus 23 anos de idade, realizasse um sonho por eles. E tive a certeza de que levaria comigo um bocado daquela alegria, um pouco destas pessoas em minha peregrinação.

Abri vagarosamente a porta sentindo no rosto o vento gelado da manhã. Tinha chovido muito durante a noite, e o dia estava cinzento e úmido. Imaginei o quanto estariam escorregadias as trilhas rústicas nos altos montes que deveria cruzar naquele dia até o vilarejo espanhol de Roncesvalles, horas de marcha à frente.

Respirei fundo e pus, ainda vacilante, os pés para fora da casa. Naquele exato momento, os sinos da igreja não muito distante começaram a repicar incessantemente.

De imediato veio-me o trecho do livro escolhido ao acaso um dia antes na ante-sala da Associação, o que me encheu de ânimo e denodo. Por um instante, achei que aquelas felizes circunstâncias que não paravam de acontecer desde antes da minha partida do Brasil seriam provas de que eu teria uma boa ventura. Que alcançaria plenamente meus propósitos.

E apesar daquela imensa alegria inicial, fui logo renegando esta nova situação como uma dádiva ou pequeno milagre:

“Ah, foi mera coincidência. Somente a chamada para a primeira missa do dia; de forma alguma um presságio ou presente de boas-vindas”, pensei.

Renunciei a felicidade de um momento único. Naquela época, ainda não havia aprendido que “meras coincidências” não existem. Que nada ocorre por acaso.

Sentindo o peso excessivo da mochila em minhas costas, andei alguns quarteirões até a igreja de Nôtre-Dame. Queria ali

marcar o ponto zero de toda a caminhada e fazer um juramento.

Os fiéis do ofício dominical já chegavam em trajes sóbrios quando encostei as mãos abertas, depois o corpo todo, naquelas paredes de pedra. Elas já tinham presenciado a partida de centenas de milhares de peregrinos. Andarilhos medievais que, em condições bem mais adversas que a minha, avançaram dali rumo a seus objetivos.

Agora seria a minha vez.

E rezei para que chegasse incólume a Santiago. Que nada de grave acontecesse.

Sim, havia riscos. Alguns deveras preocupantes como perdas de trajeto nas montanhas e florestas; acidentes nas áreas em que a Rota coincide ou cruza com as auto-estradas; e perigos diversos nas serras, bosques e campos quase sempre desertos. Outros mais, que pareciam fruto de histórias populares como os cães prontos para atacar os peregrinos ao longo do percurso.

Porém, os riscos não eram nem de longe comparáveis ao medo do fracasso.

“No Caminho de Santiago podia-se até morrer. Muitos passaram por ele e lá mesmo deixaram seus corpos e sonhos enterrados por inteiro”, imaginava.

Desistir antes de alcançar a cidade do apóstolo, sem que houvesse um motivo relevante, seria algo que iria acompanhar-me. Dia a dia. Para o resto da vida.

Sempre tão rigoroso comigo, jamais aceitaria o que considero o pior tipo de derrota: perder para mim mesmo.

Aos pés da Matriz da pequena cidade francesa de Saint-Jean-Pied-de-Port, prometi solenemente empenhar-me ao máximo. Que chegaria caminhando ao túmulo do apóstolo Tiago na Espanha, apesar de todas as provas e dificuldades.

Jurei dar o melhor de mim em honra daqueles antigos concheiros que durante séculos cruzaram toda a Península Ibérica rumo aos confins da Galiza. Muitos encontraram a morte antes de Santiago. Outros tantos retornaram às suas casas com uma experiência única e imensurável.

A eles, os heróicos peregrinos medievais, dediquei todo o esforço de minha caminhada que estava se iniciando.

Outra igreja, em outro país, oito centenas de quilômetros adiante, a majestosa Catedral de Santiago de Compostela era, a partir daquele momento, o meu ideal maior.

Agora que havia começado, não dava mais para voltar atrás.



Capítulo III

OS MONTES PIRENEUS

A montanha é tão alta que quem a sobe tem a impressão de tocar o céu com a mão.

Codex Calixtinus, sobre a Rota de Napoleão.

SÃO 28 QUILÔMETROS de caminhos rurais sob fortes ascensos em áreas desabitadas: até Roncesvalles seria uma longa jornada. Como esperava, acabou sendo uma das mais árduas de todas.

Tudo começou com a dúvida. Havia dois itinerários históricos possíveis até o vilarejo onde aspirava pernoitar: a Rota de Vancarlos, acompanhando a auto-estrada; e a Rota de Napoleão, pelas altas e selvagens encostas montanhescas, aproveitando-se de antigas vias militares e comerciais que remontam ao Império Romano, hoje em dia utilizadas como trilhas pastoris.

Escolhi o mesmo traçado que testemunhou os passos de legiões romanas, hostes invasoras árabes, Carlos Magno e seu exército, líderes da Revolução Francesa e soldados de Napoleão. Seria um começo muito difícil. Mas a vontade de conhecer de perto os famosos Montes Pireneus era maior que a minha razão e responsabilidade.

Segui pelas ruelas apertadas de Saint-Jean-Pied-de-Port ainda vazias e silenciosas, deixando para trás a Matriz onde a missa iniciava-se. Meus passos solitários faziam eco por aquelas construções medievais de chão e casas de pedra.

Desde um arco com imensa porta de madeira cravejada de pregos, dobradiças e lingüetas de ferro, o Pórtico de Nôtre-Dame, cruzei a ponte sobre o rio Nive e atravessei os muros da cidade pelo Portal d'Espagne, seguindo metodicamente as flechas amarelas pintadas na calçada, nas árvores, ou nas paredes das casas.

A respiração, ofegante. Não ainda pelo cansaço, decerto, mas pela emoção de estar iniciando, a pé, o milenar Caminho de Santiago de Compostela. De finalmente estar sobre a Via Láctea, adentrando o grande labirinto de areia e pedra. Pisando o mesmo solo em que marcharam os antigos peregrinos, viajantes-penitentes que deixaram lágrimas, suor e sangue por esta terra.

Eu estava só e por minha própria conta. Restava ir adiante. Sempre a oeste. Rumo à Galiza.

Na minha frente, já podia ver os gigantescos penhascos, enquanto as últimas casas davam lugar ao arruamento de paralelepípedos no sopé da montanha. Aos poucos, Saint-Jean ia ficando para trás em um rápido e desgastante aclave.

O panorama logo se modificou para cercas de arame farpado defendendo as encostas vicejantes cobertas pelo orvalho da manhã. Ao largo, rebanhos de ovelhas soltas espalhavam-se pela vastidão das faldas recortadas em pequenos ranchos, formando pontinhos brancos na amplitude verde.

Uma densa neblina trazia, vez por outra, ligeiro chuvisco, forçando-me sucessivamente a parar a caminhada, a fim de vestir uma capa de plástico e pôr outra apropriada sobre a mochila. Começava a andar mais lento com a desculpa de evitar escorregões na estrada sinuosa e molhada. Na verdade, sentia dores no corpo com as subidas muito maiores e difíceis do que poderia prever.

Em quatro horas, eu já estava bem ao nível das nuvens, e era difícil acreditar o quanto já havia progredido a cordilheira. Ao redor, os cimos dos Montes Pireneus franceses e espanhóis, fronteira

natural entre os dois países, emolduravam o grande vale ainda escondido pela névoa.

A força inicial dava lugar ao extremo cansaço, vitimado pelo oxigênio rarefeito e o peso da bolsa nas costas. Um pouco tonto, parei alguns minutos e comi frutas – pêssegos, uvas e maçã – que trouxera na bagagem.

Deitado na relva pirenaica, apreciava a paisagem ao som dos guizos nervosos dos cordeiros ao longo das ilhargas, deixando o corpo e os pensamentos estendidos ao vento, o mesmo que ora trazia, ora levava a chuva.

Mas, quando já me preparava para voltar ao trabalho, em um raro e veloz momento, aconteceu algo inusitado e deslumbrante: por um breve minuto um pouco da bruma dissipou-se com a ventania e, na direção em que descansava meus olhos, pude ver Saint-Jean-Pied-de-Port bem abaixo, brilhando aos raios coloridos do sol emanados de um clarão nas nuvens, como vindos de um buraco no céu.

Mesmo de longe enxerguei as suas muralhas, as ruelas estreitas, a praça-forte, o mercado e a torre da igreja.

O ruído de trator resgatou meu olhar distante, quebrando a solidão. Ele vinha em minha direção pela diminuta estrada, com sua cor vermelha contrastando com a imensidão verde dos pinheiros franceses. Logo, o motorista passou por mim bem devagar e, fitando-me, apressou a marcha sem falar nada, nem ao menos respondeu ao meu *bonjour*.

Minutos depois, o vi retornando pela mesma trilha, em velocidade deveras perigosa para as curvas das orlas montanhescas com enormes desfiladeiros.

Não tive nem tempo para me assustar: um homem robusto de uns cinqüenta anos, corado de sol e vestindo uma jardineira *jeans*, saltou do trator rubro e, calado, presenteou-me com uma vara de madeira com aparência de ter sido recém-colhida.

Resistente, embora bastante leve, o bastão serviria-me como cajado, fornecendo um sustento a mais nas subidas e base de apoio aos descensos, além de defesa para eventuais ataques de

cães.

Sem nenhuma explicação ainda, o sujeito tomou os cordões de ajuste de minha mochila, fazendo uma divisão mais uniforme do peso sobre as minhas costas, tornando-a menos desconfortável. Então, olhou-me dos pés à cabeça como que se certificasse de que nada mais faltava, tomando o seu trator e desaparecendo ao planalto do mesmo jeito que chegou.

E meu agradecimento a esse homem, de tão perplexo, ficou preso na garganta, admirado com as surpresas que o Caminho de Santiago de Compostela proporcionava a cada instante, ainda mais no primeiro dia de jornada. A cada atalho, curva ou ascenso aos montes.

O vento forte trazendo chuva, em mais uma mudança repentina do tempo, era o convite formal para que retomasse a tarefa, aquecendo o corpo gradativamente. Apreensivo, olhava sempre para trás à procura de outros andarilhos ou talvez algum pastor, a fim de certificar-me de que estava no trajeto correto.

Nem podia imaginar o risco de perder-me por aquelas paragens isoladas e passar a noite ao relento, sem abrigo, comida e, especialmente, agasalhos.

O traçado flanqueou os penhascos, beirando colossais gargantas que despencavam em vales profundos, ao tempo em que a chuva procurava outro morro e o calor vespertino levava embora a cerração que me acompanhou por toda a manhã.

As setas amarelas indicaram um desvio por uma estreita via de terra que, de forma bastante íngreme, galgava ainda mais abruptamente o desnível. Incrédulo, insisti pela estrada vicinal com a esperança de achar novas marcas indicativas de uma rota menos penosa. Tudo em vão: só existia aquele curso. Teria mesmo que transpor a rampa em dramática elevação.

Avancei penedo acima em terreno irregular e escorregadio, muitas vezes afundando minhas botas na lama, enquanto o cajado era de fato minha terceira perna, poupando-me forças e evitando quedas que, em alguns casos, devido às trilhas ladeadas por imensas ribanceiras, podiam ser fatais.

Cheguei exausto ao topo. Alegre com a pequena – porém significativa – vitória. Mas a euforia durou pouco: a pista continuava ao fim do atalho com mais e mais escaladas.

E notei que o Caminho de Santiago deveria ser sempre assim, cheio de obstáculos que teria de superar. Uns quase intransponíveis, talvez. Um constante duelo contra as minhas limitações.

O carreiro descambou para alguns pares de laboriosos quilômetros, passando bem ao lado de manadas de cavalos pelas minúsculas vias que costuram os montes, muito usadas no passado recente como rotas de contrabando, invadindo, depois, uma floresta de carvalhos.

À sombra de um azinheiro, sosseguei por quase uma hora até ser desperto por Lisa, uma jovem peregrina alemã, que viajava de bicicleta escoltada por dois enormes cães *dobermanns*, a única pessoa que avistei em mais de cinco horas após o encontro com o homem do trator vermelho.

Ela me repreendeu duramente em um inglês de acento britânico, dizendo que eu já estava bastante atrasado e deveria retomar o quanto antes o percurso, pois faltavam poucas horas até escurecer.

Fiz pouco caso do conselho. Logo depois sofreria as consequências desse engano.

Mais andarilhos passaram por mim; alguns sós, outros em pequenos grupos. Embora eu tentasse, não os conseguia acompanhar. O mapa indicava estar por ali a fronteira franco-espanhola. Não vi divisões ou marcos. Talvez pela fadiga não os tivesse notado.

Ao bosque, seguiram-se mais e mais colinas pela Rota de Napoleão em intermináveis progressões, até que atingi o cume da legendária montanha Port de Cize, imponente em seus 1.480 metros de altitude, de onde pude contemplar os confins do norte da Espanha.

Era exatamente o que muitos séculos atrás Aymeric Picaud relatou em seu *Codex Calixtinus*: “Parecia tocar o céu com a mão”.

Naquele mesmo local, Carlos Magno ajoelhou-se em direção ao oeste, donde chegam os ventos que sopram da mítica Galiza,

terra em que descansa São Tiago, e rezou ao apóstolo pela primeira vez em solo espanhol. Os concheiros franceses imitaram por onze séculos esse ato, ali marcando sua passagem com cruzeiros de madeira.

Hoje em dia, na aba de um montículo há um emaranhado de centenas de cruzeiros rudimentares de todos os tamanhos, postos pelos modernos viajantes, a grande maioria improvisados com gravetos e fibras colhidas nas redondezas.

Ao cimo da montanha, o vento frontal batia firme de encontro a todo o meu corpo e partes lateral e superior da mochila. De tão vigoroso, violento, desequilibrava-me, obrigando-me a curvar para frente, a fim de não ser mandado ao chão.

Fazia um ruído fantasmagórico em meus ouvidos. Grito de quem está muito incomodado com a minha presença. Uivo estridente. Forte assobio. Um som que pela primeira vez pude tocar, sentindo-o na pressão do ar em meu peito, e ver com meus olhos semifechados, em forma de redemoinhos de poeira.

Ao lado, ovelhas desgarradas espremiam-se umas às outras pelo frio. Arbustos balançavam em movimentos sincronizados, e as poucas e baixas árvores perdiam suas últimas folhas. Parecia que uma tempestade estava por vir. Mesmo assim, tentei me acalmar, procurando as marcas amarelas que esperava que fossem me levar, ainda naquele dia, até a um lugar seguro.

Do platô do maciço, vi pequenos núcleos urbanos na planície, indagando-me se algum deles seria Roncesvalles, meu objetivo já há dez horas entre as sendas irregulares das cordilheiras. Uma rude placa de madeira na borda do precipício apontava para baixo e indicava: “Burguete a 1,50 hora”.

“Mas como? E Roncesvalles? Peguei o caminho errado? Como encontrarei o trajeto antes da tempestade iminente e, principalmente, antes de anoitecer?”

Concluí que tinha calculado mal o tempo. Que não deveria ter adormecido no bosque nem parado tantas vezes para repousar ou tirar fotografias, arrebatado pela beleza alpina.

“A alemã estava certa: agora deve faltar pouco para escurecer

e, caso ainda esteja no meio da serra, não conseguirei chegar antes do dia seguinte a Roncesvalles”, intuí.

“Quiçá a claridade do verão espanhol ainda ilumine estas veredas rústicas por mais algum tempo”, era a minha esperança.

Mas logo avistei o que muito temia: vindo do leste, uma gigantesca nuvem carregada movia-se rapidamente na minha direção. Ela estava bem ao nível dos meus olhos e não tardaria por chegar. Era algo espantoso, surreal: à medida que avançava, sua monstruosa sombra a seguia pelas encostas das chapadas, logo cobrindo todo o planalto.

Nesse momento, não mais compreendia o mapa nem as setas amarelas, que ora apontavam para a direita em uma descida brusca e bastante acidentada, ora mandavam progredir pela esquerda, subindo um morro com uma torre retransmissora de TV.

Em pouco tempo, o céu ficou escuro e os trovões sucessivamente caíam do firmamento, ora tão perto, bem ao alcance da palma da minha mão.

O medo tomou conta de todo o meu corpo e mente. Sôfrego, andei de um lado para outro, impossibilitado de tomar alguma decisão. Até que, em certo momento, de tão exausto, parei. Combalido, fiquei à espera do temporal e da noite que não mais se rogariam por tomar os Pireneus.

Foi então que senti mãos pesadas em meus ombros. Virei-me assustado e deparei com um homem alto esquivando-se do vendaval e frio intensos, sob capa de chuva azul-marinho.

Olhava-me bastante surpreendido, como que não acreditasse encontrar alguém àquela hora ainda tentando vencer os montes. Ele apontou para um *jeep*, também azul, um pouco acima, estacionado na miúda estrada que dava para a torre de TV junto com mais dois homens.

Eram todos soldados da Defesa Civil Espanhola em sua última ronda do dia naqueles lados da fronteira, logo convidando-me a seguir em seu carro até Roncesvalles ou outro povoado qualquer que eu preferisse.

A comodidade do *jeep* representava para mim a segurança, o

alívio, a preguiça. “Em breve estaria em algum hotelzinho de quarto bem quente, se possível, com lareira nos aposentos”, supunha.

Mas também seria o fim prematuro de meus sonhos, o cabo da aventura de chegar à pé até a Catedral de Santiago após cruzar toda a Espanha e parte da França.

Intimamente, sabia que se entrasse naquele automóvel declararia minha desistência ao Caminho, pois a peregrinação só teria valor se feita de forma completa, enfrentando todos os desconfortos, medos, perigos, tempestades e guardas da Defesa Civil.

Já caminhava amparado pelo oficial rumo ao carro, quando meus passos cruzaram uma seta amarela pintada no chão. Parei instintivamente. Meus olhos fixaram-se naquele sinal. Era como se algo dentro de mim não desistisse, não se rendesse.

O guarda continuou sozinho, observando-me de longe junto com seus colegas de escolta. Parecia que, pela sua espera, estava pondo em minhas mãos a importante decisão.

Foi aí que algo surpreendente aconteceu: eu saí correndo. Isso mesmo. Corri de mochila e tudo na direção que apontava aquele símbolo amarelo-peregrino, tomando a ladeira por uma minúscula e abrupta picada no matagal.

Descendia quase sem ver onde pisava, sempre mais rápido, cada vez mais ágil, muitas vezes escorregando ou arranhando a pele em arbustos e galhos pontiagudos. A tormenta que começava a desabar e o barulho ensurdecido dos trovões não me assustavam mais, e sim a possibilidade de os oficiais virem atrás e me obrigarem a entrar no carro.

Mas a nebulosidade negra já encobria toda a montanha e eu sabia que o *jeep* não poderia me alcançar por aquele terreno acidentado.

Sob aguaceiro, a baixa visibilidade fazia-me perder o curso. Relâmpagos serpenteavam entre o céu e a terra. Pedras soltas rolavam pela encosta e ramais secundários entrecruzavam-se, fazendo-me em alguns casos retroceder.

Apesar de tantas dificuldades, acabei superando em um pouco mais de uma hora o violento declive, alcançando na planície um

lugar chamado Ibaneta, ao tempo que a precipitação abrandava-se. Distante dois mil metros de Roncesvalles, esta várzea inabitada testemunhou no ano de 750 uma derrota dos exércitos francos – comandados por Carlos Magno – ante os mouros numa batalha em que morreram quarenta mil homens.

Pela autopista que cortava uma floresta de eucaliptos – onde as rotas de Napoleão e a de Vancarlos se uniam – cheguei, enfim, à histórica vila de Roncesvalles, quando o sol se escondia para além dos montes, dando um susto nos padres que conversavam à entrada da Abadia Colegial de Santa María.

Também não era para menos: eu estava pálido, tremendo de frio, todo molhado e sujo de lama das botas à cabeça.

O prior foi chamado às pressas e fez, assim como Debril, as perguntas comuns – nacionalidade, ponto de partida etc. – anotando atentamente as respostas que saíam ofegantes de minha boca e pulmões. Registrando em seus livros mais um andarilho que ali seria acolhido, em confirmação de um trabalho de séculos em prol das peregrinações.

Ao termo da entrevista, ele carimbou minha credencial de peregrino, imprimindo um belo selo do Monastério de Santa María de Roncesvalles com a figura de Nossa Senhora segurando o Menino. E fui conduzido por um sacristão a um enorme quarto numa ala do mesmo prédio secular, onde passaria – gratuitamente – a noite junto com outros concheiros, estes já acomodados.

Sim, eu consegui!

Saí vitorioso em meu primeiro dia como autêntico peregrino. Emocionado, as lágrimas corriam soltas, misturando-se ao suor e à poeira de meu rosto.

Elas lembravam o sofrimento de um dia inteiro de dificuldades e incertezas. De um trajeto que descobri ser duro, às vezes covarde. Mas também de momentos reconfortantes e puramente simples. Assim como a vida da gente.

Um verdadeiro Caminho de Santiago. Todos os dias.

Capítulo IV



AS PEDRAS MORTAS

RONCESVALLES AMANHECEU radiante ao sol sem nuvens. A luminosidade da manhã despencava da janela sobre a cama feito uma cachoeira amarela, ofuscando meus olhos recém-despertos, trazendo a estranha sensação de não saber onde estava.

Aos poucos fui me dando conta da realidade: quarto amplo repleto de beliches, mochilas espalhadas pelo chão e pessoas com ar sonolento. Estava em um albergue de peregrinos ou, na “língua” do Caminho, um “refúgio”. Lugar simples e limpo com velhos colchões de mola. Ao meu redor, pessoas de todas as partes do mundo que usufruíam a experiência de viver em um grupo ímpar: a casta dos “peregrinos a Santiago”.

Pessoas que falavam abertamente de suas vidas, roteiros de caminhada e sonhos. Juntas comemoravam uma etapa superada ao percurso. Às vezes, discutiam aos berros por melhores camas ou furavam a fila do banheiro, até. Na verdade pouco diferenciava

dos Albergues da Juventude que freqüentara na adolescência. Mas a história já havia destacado este lugar entre tantos outros.

Neste mesmo local em que passei a noite, os concheiros medievais desfrutavam sua primeira acolhida em solo espanhol, muitas vezes após semanas de sacrifício e privações. Eram nutridos e tratados de suas chagas. Consta que nos séculos áureos das peregrinações eram distribuídas, anualmente, cerca de trinta mil rações de alimento.

Em agradecimento à hospitalidade recebida, peregrinos abastados, incluindo reis e rainhas, faziam ao Mosteiro doações volumosas em ouro e prata. Por séculos, este minúsculo povoado encravado nos Montes Pireneus, a poucas léguas da fronteira com a França, gozou de extraordinário poder econômico e político, situação ressaltada pela posição geográfica estratégica.

Apesar disso, Roncesvalles não acompanhou o tempo e continuava do mesmo tamanho, do mesmo jeito que oito séculos atrás. Uma relíquia bem guardada de uma época de fanatismo religioso, guerras que não tinham fim, e demonstrações de fé e coragem, glória e dor.

Uma peça a mais deste gigante Caminho de Pedra, trajeto esculpido em igrejas, fortalezas, palácios, catedrais; cidades inteiras erigidas precisamente embaixo de um corredor de estrelas no céu da Europa. O mais rico e monumental itinerário do Ocidente.

O sol começava a esquentar em manhã de clara segunda-feira. Ainda era demasiado cedo para Roncesvalles que, preguiçoso, banhava-se à brisa gelada das montanhas da Província de Navarra.

Depois de um banho frio e da mais completa falta de privacidade do refúgio de peregrinos, saí andando pela vila sem rumo, como se isso fosse possível em um lugar tão pequeno: apenas uma rua, poucas casas, uma pousada e as belíssimas construções que remontam à Idade Média.

Entrei por espessos portões como que por instinto, guiado por uma imensa curiosidade pelo que é sagrado pelo homem, pelo tempo e pela história. Percorri a Igreja Colegial de Santa María, uma das primeiras construções góticas de toda a Europa, consagrada em 1219.

Através de suas galerias frias, de ar pesado, acudi ao claustro onde repousa Sancho, el Fuerte, rei e herói dos navarros. O enorme túmulo reproduz as exatas medidas do soberano retratado fielmente na pedra: 2,25 metros.

Diante do sarcófago, as grossas correntes que protegiam a tenda do rei árabe Miramamolím na batalha de Navas de Tolosa, em 1212, rompidas pela própria espada de Sancho – e convertidas em motivo heráldico do Reino de Navarra –, são troféus de uma guerra tão remota quanto bárbara.

Um padre falando em basco conduziu-me aos empurrões à nave principal do templo. A missa estava começando e, logo nas fileiras iniciais, meia dúzia de andarilhos chamavam a atenção por suas roupas leves e mochilas multicoloridas, contrastando com os devotos rotineiros da primeira cerimônia do dia.

Incensos inspiravam uma profunda calma, ao mesmo tempo em que cinco padres concelebrantes, em gestos soberbos, diziam suas litâneas, faziam invocações em latim e solfejavam cânticos gregorianos a plenos pulmões.

Ao final da celebração, todos os peregrinos são chamados à frente do altar-mor e, em tom solene, ganham a primeira bênção exatamente do mesmo jeito, com os mesmos ritos e fórmulas que eram feitos na Idade Média.

Naquele momento único, a felicidade de estar recordando tradições pretéritas fazia meus olhos procurarem pelos cantos daquele prédio secular antigos andarilhos com suas roupas compridas e sujas de barro, chapéus de abas longas, esclavinha colada no corpo, bordão em riste, cabaça refeita de puro vinho, vieiras adornando a capa; entoando hinos de louvor, outras vezes, cantando saudades de casa.

Minha mente vagava por histórias arcaicas ao som de espadas que se digladiavam em uma luta feroz entre a cruz e a meia-lua. Cristãos e muçulmanos. Mal sabiam eles que lutavam entre irmãos. Guerreavam pelo mesmo Deus.

Lembranças de um tempo de glória para Roncesvalles. Uma história que vou revivendo, pouco a pouco, com a minha peregrina-

ção. Um passado que ressurgiu em cada viela, cada esquina. Em cada construção de pedra e alicerces medievais.

Um cruzeiro marcava a saída da aldeia e a retomada de minha viagem. Dois senhores espanhóis, Carlos e Ferdinando, esperavam-me ávidos por conhecer alguém que vinha de tão longe para fazer o ancestral caminho que segue as estrelas.

Marchamos por longos tapetes de folhas secas conversando sobre nossos países, vencendo deliciosos bosques que nos poupavam do calor. Falávamos propositadamente mais alto que o normal, quase gritando, já que atravessávamos uma zona de caça esportiva, comum nas paisagens rurais do norte espanhol.

A senda era muito bem sinalizada, com fitas amarelas amarradas nos galhos menores das árvores. Um insólito campo de futebol coincidindo com a tradicional Rota Jacobeba foi pretexto para recordarmos partidas inesquecíveis.

Ferdinando, um estudioso das peregrinações, discorreu sobre o Caminho enumerando os santos que percorreram humildemente suas veredas. Assim foi com São Francisco de Assis, Santa Isabel de Portugal, Santo Amaro, São Simeão, São Martinho, São Vicente Ferrer, Santa Paulina, São Geraldo, Santa Brígida, entre tantos outros santos e beatos, metodicamente citados por ele.

O curso indicava o passo por fazendas e propriedades privadas. Atravessamos algumas porteiras rústicas de madeira com mensagens bilíngües – escritas em basco e espanhol – rogando aos peregrinos que não se esquecessem de fechá-las depois de passar.

No Caminho de Santiago não havia fronteiras, e os fazendeiros abdicavam um pouco de sua privacidade e segurança para não desviar um traçado tão antigo, em memória de gerações de seus antepassados que assim o fizeram. Pela força de uma tradição.

Em um tirão alcançamos o *pueblo* de Burguete, velho burgo de Roncesvalles. Até Compostela seriam dezenas deles, pequenos

agrupamentos de casas onde os peregrinos, reconhecidos por seus símbolos – em especial a concha que todos orgulhosamente portavam –, eram tratados pela população local de forma singular, diferenciada aos demais viajantes. Carregando sempre a alegria e o incentivo desta gente simples que, em troca, somente pedia que levássemos suas preces até os pés de São Tiago, o padroeiro da Espanha.

Muito cansado, recomecei a empreitada sozinho e lentamente, sentindo as conseqüências da forte jornada do dia anterior – dores nas pernas e nas costas. Sorte que não havia mais as bruscas e constantes subidas, e em pouco tempo atingia o bosque de Mezkitiz.

Ali, uma lápide de pedra em honra à Virgem de Roncesvalles desviou minha atenção, fazendo-me contornar um cerro por trilhas de pastores. Após meia hora sem ver mais os sinais amarelos, descobri que estava perdido.

Vaguei por sendas irregulares, ziguezagueando entre capinzais e cultivos por quase duas horas. Mas só quando a água do cantil estava no fim é que vi ao longe, engolida aos intermináveis campos de trigo, uma família inteira de lavradores que acenava insistentemente.

Eles me convidaram à sua casa na base da colina. Lá, ofereceram vinho, frutas e pão. Disseram que já estavam bastante habituados com andarilhos perdidos por aquelas bandas. Graças à generosidade dessa gente, o Caminho de Santiago continua existindo.

Retomei, aliviado, a rota original bordeando o arraial de Viscarret – na Idade Média, famoso em todo mundo cristão por sinalizar o final da primeira etapa do livro-guia dos primitivos concheiros, o *Codex Calixtinus*. Baixei um ligeiro declive ao lado de um velho pastor e dezenas de ovelhas nervosas que se espremiavam pela diminuta via, sob o brindar agudo dos guizos incessantes.

Traspassando mais uma porteira de fazenda, reparei numa frase escrita em amarelo, quase apagada pelo tempo, no seu tronco-base. Detive-me alguns instantes a fim de transcrevê-la em

meu caderno.

Por uma ponte gótica que salta o rio Arga entrei na povoação de Zubiri, decidindo encerrar lá o dia depois de 29 quilômetros e procurar uma albergaria para a noite. Uma senhora obesa afogada em suor, de pele bastante vermelha de sol, que parecia ter saído de um filme do Almodóvar ou de um quadro de Botero, indicou uma padaria onde meu passaporte de peregrino poderia ser carimbado.

Lá encontrei Lisa, a peregrina-ciclista com seus cachorros, e um grupo de senhores italianos. Após selarmos as credenciais, batemos à porta do alcaide – o “prefeito” do povoado – a fim de obtermos as chaves do refúgio. O lugar era uma escola fechada para as férias de verão, adaptada como abrigo de peregrinos, com trinta camas e um único banheiro com diversos chuveiros enfileirados e sem divisórias.

A noite caiu veloz, enquanto eu jantava com todos os colegas instalados em Zubiri no único bar da freguesia. Pude notar que, dada a multiplicidade cultural, éramos a grande novidade do lugar, certamente motivo para conversas por vários dias.

Depois que todos os companheiros de estrada foram dormir, fiquei sozinho na cozinha do albergue escrevendo postais com fotos de Madri. Chovia bastante, uma daquelas tempestades de verão. A única lâmpada acesa do prédio – talvez da aldeia inteira – piscava com os trovões.

Na mesa central encontrei o “livro de visitas” do refúgio, comum em toda a rede de estalagens do Caminho. De capa dura, folhas grandes e brancas, nele estavam depoimentos de peregrinos que passaram antes de mim por estes cantos perdidos da Espanha.

Li registros emocionados de pessoas contando detalhes das suas jornadas e dando apoio aos viajantes desencorajados. Outras, transmitindo singelos recados para amigos que ficaram para trás.

O som da água batendo no telhado aos poucos me envolveu junto com aqueles relatos. Em português mesmo, descrevi o quanto me sentia feliz de estar lá, em um diminuto povoado com albergue improvisado e dores nas pernas. Testemunho de estar

passando por exatamente aquelas experiências. Alegria de fazer exatamente aquilo.

Algum peregrino brasileiro ou lusitano que no forte verão de 1993 passou por aquelas terras quem sabe o tenha lido. Caso contrário, não havia problema algum.

Estava tarde e ainda chovia. Imaginei o trajeto da manhã seguinte. Desta vez, não mais com medo ou consternação, porém gozo e sobriedade.

A frase escrita em meu caderno pela manhã, copiada de uma das tantas porteiras sempre abertas aos peregrinos que cruzei naquele dia, não me saía do pensamento. Um enigma que então esperava para ser decifrado:

“Estão ressuscitando as pedras mortas do Caminho de Santiago.”

Capítulo V



A FERA

*De tanto olhar as grades de seu olhar
esmaeceu e nada mais agarra. Como que só houvesse
grades na terra: grades, apenas grades pra olhar.*

Rainer Maria Rilke

O CÉU ESTAVA cinzento, quando os hóspedes do albergue de Zubiri preparavam-se para a caminhada. Estavam todos calados, introspectivos, como se pudessem prever uma jornada difícil para o dia sob a inevitável chuva.

Sáímos do *pueblo* ainda juntos, passando ao lado de uma fábrica de Magnetite, também cinza. Um a um, íamos nos dispersando pela Estrada de Santiago. Primeiro os ciclistas, depois os “atletas”. Logo, eu também palmilhava sozinho por matas e descampados, cultivos e bosques, tendo sempre o rio Arga ora à esquerda, ora à direita da rota. Como um companheiro de viagem, ele seguia ao lado do Caminho das Estrelas até Pamplona, onze quilômetros à frente, com suas águas claras e rasas correndo no mesmo sentido dos passos dos peregrinos.

Atingi Larrasoaña pela Ponte dos Bandidos, nome alusivo aos bandoleiros que tempos atrás eram a grande ameaça aos que se

aventuravam por estas trilhas solitárias. Aguardando o temporal iminente, as ruas estavam vazias e suas antigas casas de granito com portas e janelas trancadas, dando aparência de cidade-fantasma.

A essa altura começava a sentir fisgadas violentas nos joelhos, resultado de dois dias de marchas longas e duras. Apesar disso, menosprezava a agonia, fazendo surgir de dentro de mim um poder que me fazia andar cada vez mais forte, cada vez mais rápido pelas veredas então castigadas pelo temporal e cobertas de lama.

Era como se a mente depreciasse o cansaço, a dor e os obstáculos naturais do próprio Caminho. Mesmo sem ter feito nenhuma preparação física antes da viagem, sentia-me como um cavaleiro andante cruzando, vigoroso, aqueles bosques íngremes no sopé das montanhas.

O esforço excessivo dava-me um bem-estar. Segurança de que eu estava vencendo o Caminho. Porém, as conseqüências viriam tão rapidamente quanto o meu caminhar: o Caminho estava a ponto de me vencer.

A passos largos, conheci algumas vilas pouco habitadas na bacia do rio Arga até as cercanias de Pamplona. Mas, sentindo forte tontura, terminei a etapa do dia um pouco antes dessa cidade, procurando abrigo na Basílica de Trinidad de Arre, antiqüíssimo convento de freiras maristas. Lá, as monjas reservavam aos peregrinos um quarto simples com camas individuais, lençóis limpos e água quente. Um verdadeiro paraíso.

Logo foi chegando mais gente: Hans, um belga rotundo então mais vermelho que um tomate, Lisa e um grupo de ciclistas ingleses. Pela noite, aconteceu o previsível: senti dores terríveis nos joelhos e mal dormi, ainda mais com os cães da alemã que do lado de fora ladraram a madrugada toda.

Amanheci com enorme inchaço nos joelhos que mais pareciam duas bolas de basquete. Lisa e o belga, depois de uma sessão de massagens, recomendaram que eu procurasse um médico em Pamplona, a cidade grande mais próxima. Parecia mesmo a decisão mais correta.

A dor física contrastava com a energia e fortaleza do dia anterior. Perguntava-me o motivo de tamanha obstinação em um ritmo tão potente. Parecia que minha alma escondia um grande assombro: o medo de desistir. Temor de que ocorresse uma situação similar a que me levou a quase largar a caminhada nos Pireneus.

Em verdade, eram os meus primeiros dias na Rota, e sentia-me ao mesmo tempo inseguro e maravilhado com tudo aquilo. E o receio de não conseguir completar o trajeto fazia-me inconscientemente andar cada vez mais depressa, a fim de chegar o mais cedo possível a Santiago, cumprindo, então, a missão que me impusera.

“Foi mesmo uma tolice ter continuado em marcha tão forçada”, pensei.

O bastão dava apoio às minhas pernas ao avançar lento e manco por Villava, agrupamento urbano em conurbação com Pamplona. A todo momento, podia ver nitidamente a cena do médico examinando meus joelhos logo mais, com aquela expressão fria característica.

“Não, eu não podia deixar que me obrigassem a parar o Caminho. Mal havia completado setenta quilômetros”, julgava.

À terceira esquina, entrei em um comércio para comprar umas frutas para o café da manhã. Minha imaginação ainda errava nervosa pelo hospital, enquanto o sisudo vendedor entregava-me o troco das maçãs e bananas.

Ao sair, dei meia-volta e, educadamente, cogitei ao homem da quitanda trocar algumas bananas que achava estarem pouco maduras. O fruteiro recusou a proposta e, ofendido, começou a resmungar-me frases inteiras em basco e espanhol em tom e gestos inusitadamente agressivos.

Foi o bastante para que os desconfortos da jornada, a noite maldormida, a agonia nos joelhos e todos os meus temores, dores, pecados e dívidas viessem à tona: em um só impulso joguei em seus pés as frutas, vociferando palavrões e maldições.

Ele não esboçou nenhuma reação. Talvez estivesse muito assustado com um comportamento tão insano. Ou, quem sabe, já acostumado ao humor dos peregrinos a Santiago, muitas vezes

exaustos ou doentes, que passavam todos os dias por sua porta.

Segui pela vila rilhando os dentes e rosnando baixinho, mas sem nenhum ruído exteriorizado, nenhuma lágrima tombada de meu rosto. Não sentia mais dor ou cansaço, somente ódio e indignação.

Perguntava-me o que estava fazendo ali, em uma terra tão distante, longe de minha casa e amigos. Acordando todas as manhãs ao lado de pessoas de quem pouco ou nada conhecia, sacrificando-me como um andarilho de um tempo que há muito já passou. Um tempo tão longínquo quanto a Idade Média.

Eu não queria mais estar lá. Nenhuma parte de meu corpo nem os menores fios de minha barba ainda por fazer.

Haviam despertado algo vivo, forte e poderoso dentro de mim: a fera.

“Peregrinos, este cruzeiro assinala a Rota de Santa Maria de Santiago” – um monumento saudava os concheiros ao atravessarem uma vez mais o rio Arga, vigiados pelos muros de pedra da cidade.

Pamplona foi fundada por Anneu Pompeyo, imperador romano que alçou acampamento às margens refrescantes do rio, no exato lugar onde se levantou depois a Catedral. Visigodos, mouros, franceses e castelhanos tomaram-na e saquearam-na em seus 25 séculos de existência. Suas pedras, incansavelmente repostas; prédios, metodicamente reerguidos.

Venci suas altas e grossas muralhas após cruzar o fosso por uma ponte levadiça, entrando na cidade através da “Porta da França”. Enveredei Pamplona adentro, seguindo as marcas amarelas nos postes de luz, admirado com a beleza da primeira metrópole alcançada pelos viajantes jacobeus em território espanhol, depois de alguns dias acostumado a bucólicos e pouco habitados vilarejos, montanhas e florestas.

Porém, a imagem do evento na quitanda não saía de meus pen-

samentos, como um martelo batendo e batendo em minha cabeça, sem que nada eu pudesse fazer contra isso.

Meu caminhar era lento e difícil. Pele corada pelo sol e marcada pela dor. A roupa gasta e molhada de suor, a mochila verde-oliva com as três conchas pregadas, o cajado e as botas sujas de barro ressequido chamavam a atenção pelas ruas. Não raro, flagrava palavras cáusticas:

– Este aí vai andando até a Galiza. Que homem louco! – comentaram dois senhores na parada de ônibus.

Eu não era mais aquele herói caminhante dos *pueblos* e das paisagens campestres, e sim um forasteiro em meio a automóveis, poluição e vida urbana do século XX.

Achei uma pensão de preço razoável com, finalmente, banheiro privativo. Pela tarde, fui ao hospital público local munido da credencial de peregrino, surpreendendo-me com suas instalações e limpeza, que infelizmente nada lembravam a rede de saúde estatal de meu país.

Fiquei na sala de espera junto com outros pacientes também nervosos, aguardando chamada. Uma criança atropelada foi posta bem ao meu lado. Era um garoto de uns nove anos com escoriações pelo corpo e suspeita de ter quebrado a perna. Orgulhoso, ele não chorava, mas seus lábios tremiam e lágrimas escorriam lentamente.

A triste visão do pobre menino e de rostos tão angustiados ao redor trouxe-me de volta à dura realidade do dia-a-dia que estava bem distante nestes quatro dias de andanças. Imaginei que ali mesmo despediria-me do Caminho. Deixaria para trás um sonho. Do mesmo modo que, aliás, eu já tinha feito muitas vezes antes.

“Todo mundo tem projetos que nunca irão se realizar”, concluí.

Mas, por outro lado, a mesma ânsia dolorosa, intensa e ardente que já havia sentido dias antes nos Montes Pireneus, quando cogitei pela primeira vez desistir, mostrava-se viva. Era uma parte de mim que não se entregava.

Duas enfermeiras conduziram-me à sala de raio X. Minutos depois, fui atendido pelo médico que me aconselhou de cara a pa-

rar de caminhar e fosse de uma forma mais direta ao encontro do apóstolo: de ônibus.

Com minha insistência quase mendicante, ele autorizou meu retorno à Via Láctea desde que fizesse alguns dias de repouso, tomasse remédios – à base de fortes antiinflamatórios e analgésicos – e poupasse ao máximo os joelhos durante toda a viagem, parando sempre um dia por semana.

Parti do hospital com os sorrisos das enfermeiras, o coração apertado e a notícia de que o garotinho não havia quebrado nenhum osso. Já os meus, bem, estes precisavam de um descanso.

Mas o que importava era que eu continuaria em frente. Agora com mais ânimo e gana do que antes.

Prometi que nunca mais ao menos pensaria em desistir da peregrinação. E, de tantas promessas que fiz para mim mesmo durante o resto de meus dias no Caminho de Santiago, esta foi uma das poucas que cumpri integralmente.

No trajeto da pensão, parei em uma igreja. Precisava meditar no tanto que estava vivenciando em tão pouco tempo. Um casamento estava prestes a iniciar com pessoas muito bem vestidas, elaborados arranjos de flores e expressão ansiosa do nubente no altar.

Eu era um completo estranho, de calça *jeans* e camiseta “surrada”. Mas entrei assim mesmo no templo, apesar dos olhares “de canto de olho” dos convidados, quando procurava os últimos lugares vagos.

Muitas vezes me flagrei tão tímido e preocupado com as aparências, incomodado quando chamava por algum motivo a atenção. Desta vez, não senti inquietação nem estorvo com a opinião dos outros. Afinal, através dos séculos que enrugavam este santuário, peregrinos como eu certamente já haviam feito isso antes.

Sentiram as mesmas angústias de uma aventura de final tão incerto, e nesta pequena igreja do centro histórico de Pamplona procuraram asilo.

Agora era a minha vez. O tempo de um caminhante a Compostela, que buscava um pouco de paz e inúmeras outras coisas que nem ao certo sabia o que eram, nem se na verdade existiam.

Após a saída de todos, fiquei entre suas talhas barrocas revestidas de folhas de ouro, ainda ouvindo o burburinho dos convidados fora da igreja. Eu estava só e tinha muito o que conversar. Um tanto de coisas para desculpar-me. O triplo para agradecer.

Fiz uma oração. A primeira depois da partida em Saint-Jean-Pied-de-Port, aliás. Pedi perdão para o homem da quitanda e agradei por ele ter cruzado meu caminho. Vi o quanto aquela experiência, apesar de dolorosa, foi necessária. Importante para a minha peregrinação e para a minha vida inteira.

O Caminho de Santiago lembrava-me de meus erros, mostrava meus defeitos. Naqueles dias de catarse e transformação, nada poderia ser tão bondoso. Certamente, chegaria mais depurado à cidade do apóstolo. Mais gente.

Saí do templo com meu corpo inteiro sendo banhado pelo sol vespertino, sentindo a paz, que estava tão distante, aos poucos invadindo meus pensamentos.

A fera estava domada. Talvez não para sempre. Mesmo assim, eu estava perdoado.



Capítulo VI

A UNIÃO DOS CAMINHOS

FIQUEI DOIS DIAS inteiros recuperando-me em Pamplona. Só não posso dizer que tenha obedecido literalmente às ordens médicas, já que tinha conhecido a pé praticamente toda a cidade: catedral gótica, jardins públicos, fortim medieval, além das mais irresistíveis docerias de toda a Espanha.

Pamplona recebia grande quantidade de turistas com o verão, ainda mais com a aproximação do festival de San Fermin, aquele evento em que soltam dezenas de touros raivosos no meio das ruas, com populares fazendo as vezes dos toureiros.

Antes de partir, comprei um moderno livro-guia¹ de peregrinos. Com instruções e planos detalhados, o manual é também dividido em etapas a exemplo do *Codex Calixtinus*. Finalmente, eu poderia deixar de lado os velhos – e imensos – mapas, que, além de estarem fora de escala, nunca os conseguia dobrar direito.

O dia estava ótimo para caminhar, com o sol retraído às nuvens

¹ *Rutas a Pie. El Camino de Santiago*. 2. ed. Madri, El Pais Aguilar, 1993.

que, à primeira vista, não trariam chuva. Feliz em estar de volta à Rota Jacobeba, atravessei a cidade por becos estreitos entre o antigo casario, onde os nomes das ruas eram postos em espanhol e basco.

A vontade de seguir em frente era imensa. Ainda mais que naquele dia planejava chegar ao local em que as duas variantes do Caminho Real Francês, a Rota Aragonesa e a Rota Navarra, encontravam-se às imediações da cidade de Puente La Reina, formando um só trajeto, uma só estrada rumo à casa do apóstolo.

Com uma hora de caminhada, parei na vila de Cizur Menor a fim de carimbar minha Credencial del Peregrino, há três dias sem os cunhos das hospedarias, prefeituras e mosteiros que já enfeitavam meu documento com elaborados desenhos – imagens sacras, cruzes, brasões e vieiras.

No livro dos peregrinos do refúgio, novamente escrevi mensagens e notei que um brasileiro havia dormido lá na noite passada. “Bem provavelmente nos encontraremos”, presumi.

A Estrada de Santiago apontou para o Monte do Perdão, uma colina alta que deveria traspasar em subidas bastante íngremes. Pensei em dar meia-volta a Pamplona com medo de que os joelhos não agüentassem a empreitada. Mas fui adiante mesmo assim, curioso com as novidades que certamente encontraria após a união dos Caminhos.

Iniciei grimpendo o morro lentamente por um atalho apertado em meio a uma plantação de trigo, que ao vento frio dançava como um balé. Por estas terras, Carlos Magno derrotou o caudilho muçulmano Aigolando em uma sangrenta batalha.

Na metade da ladeira, descansei à margem de uma fonte natural de água cristalina, enchendo meu cantil até a boca. Mas não que estivesse demasiado cansado, com a garganta seca ou falta de reservas. Simplesmente queria recordar um milagre ocorrido ali séculos atrás. No tempo em que milagres brotavam da terra. Assim como a fonte.

Contam que um peregrino subia por estas mesmas trilhas quando, extenuado e sentindo imensa sede, teve a visão de um

homem com longos chapéu e capa, portando símbolos jacobeus. Este lhe ofereceu mostrar uma fonte escondida, com a única condição de que renegasse a sua fé em São Tiago e na Virgem Maria.

O viajante sedento resistiu bravamente à tentação e viu quem era o autor de tamanha blasfêmia, disfarçado de concheiro: o próprio Príncipe das Trevas.

Por mérito, reconhecimento de sua firmeza, desta vez lhe aparece São Tiago em pessoa, que revela a nascente oculta e o dá de beber com sua vieira.

Ainda com o milagre vivo em meus pensamentos, atingi o topo do barranco. A paisagem era magnífica: de um lado Pamplona e todo o vasto trajeto percorrido na manhã; de outro, a imensa planície com três povoações que logo alcançaria antes de Puente la Reina, então encoberta pela névoa. Tentei em vão localizar o ponto exato da junção dos Caminhos. A minha ansiedade crescia a cada minuto.

Em pouco tempo invadia o primeiro núcleo habitado da esplanada, Urtega, um típico *pueblo-camino*, ou seja, povoado que nasceu em virtude das peregrinações e que sua única rua coincidia com a Rota medieval, estendendo-se em sentido leste-oeste.

No vilarejo vizinho, ao parar em um bar – que parecia ser o único ponto de encontro do local –, todos calaram-se ao mesmo tempo e olharam para mim, como naqueles velhos filmes de *cowboy*. Pedi um *bocadillo*, típico e saboroso sanduíche com briosas fatias de queijo, salame e presunto, o prato principal de qualquer andarilho na Espanha. A TV curiosamente transmitia uma partida de futebol entre Brasil e Alemanha.²

Um senhor se aproximou e sem maiores formalidades sentou-se à minha mesa, botando sobre ela um garrafão de vinho. Enquanto enchia meu copo, perguntou minha nacionalidade e condição de peregrino. Novamente, o bar inteiro calou-se, todos atentos à nossa conversa.

Era um típico basco: forte, corpo entroncado, pele rosada e boi-

² Em jogo pela US Cup, o Brasil cedeu o empate após estar vencendo no primeiro tempo pelo escore de 3x0.

na na cabeça. Alegre, falante e não sujeito a certas cerimônias, ele me explicou minuciosamente os problemas políticos de sua gente que desejava separar-se do resto da Espanha. Falamos um pouco sobre nossas vidas tão diferentes, regados ao bom vinho local servido generosamente.

O basco desfiou antigas histórias e lendas da sua região. Contou-me das guerras entre árabes e cristãos, acrescentando divertidas fábulas de casamentos entre princesas e reis de ambos os lados.

– Por estas terras a Ordem do Templo guardou a fé cristã em todo o Reino de Navarra e aqui bem perto ergueu uma de suas mais belas e misteriosas construções – disse ele.

Eu já conhecia alguma literatura a respeito dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão, mas achava que só encontraria vestígios dessa poderosa Comendadoria um pouco mais adiante, em Los Arcos, já na Província de La Rioja.

Imediatamente indaguei-lhe como poderia chegar a esse lugar.

Os Templários formaram uma organização militar, política e religiosa que influiu profundamente na Europa dos séculos XI e XII. Fundada em 1119 por dois cavaleiros franceses, Hugues de Payns e Godofredo de Saint-Omer, sua missão inicial era defender dos mouros e salteadores o número crescente de viajantes cristãos que se deslocavam para Jerusalém em romaria.

A Ordem dos monges-guerreiros cresceu rapidamente e sua influência se expandiu por todo o Velho Mundo. Na Ibéria, estabeleceu-se em Portugal, Aragão, Catalunha, Navarra e, logo depois, Castela e Leão, contribuindo decisivamente à reconquista e proteção das terras peninsulares.

Só que seu poder também se tornou muito grande. Castelos, feudos, igrejas, exércitos e cidades inteiras espalhadas pelo continente estavam sob sua jurisdição. Ao Templo, eram tomadas por nobres e monarcas elevadas somas em ouro e prata como empréstimos, tornando-se o maior credor da Europa.

Tamanho senhorio despertou inveja, temor e ganância dos reis e do alto clero. Uma conspiração armada pelo Rei de França, Filipe, o Belo, e pelo Papa Clemente V foi então sorrrateiramente posta em ação.

Assim, após perseguições violentas sob acusações inverídicas ou distorcidas que incluíam práticas de rituais satânicos, adorações de ídolos pagãos e orgias, a Ordem do Templo foi dissolvida em 1312, seus bens confiscados e os principais líderes franceses – incluindo o Grão-Mestre Jacques de Molay – mandados à fogueira.³

Meu amigo basco improvisou um mapa no verso de um panfleto promocional do vinho El Paco, e rumei à edificação templária, enquanto Luisinho fazia o terceiro gol da seleção. Pela primeira vez desde que comecei a peregrinação, desviei-me deliberadamente do Real Caminho Francês, passando por estradas secundárias de terra entre plantações de trigo e pastos.

Para a minha surpresa, Santa María de Eunate, a enigmática igreja dos Cavaleiros Templários, não se situava em nenhuma cidade ou povoado. Ela ficava em meio aos prados, próximo ao lugar onde as Rotas se coligavam, a não mais do que vinte minutos de marcha.

Em uma várzea, de longe enxerguei uma construção harmônica de pedrailhada ao verde campesino, há oito séculos cúmplice silenciosa dos passos dos peregrinos. Seu estilo era românico, de perfeita arquitetura de planta octogonal em uma só nave, incorporando elementos árabes e hebraicos, segundo alguns estudiosos, erigida obedecendo aos cálculos astronômicos.

Vinte e nove arcos a contornavam externamente como um

³ De acordo com a tradição, Jacques de Molay foi atendido em seu último desejo: morreu com a vista voltada à Catedral de Nôtre-Dame de Paris.

claustro circular, semelhante ao Domo da Roca em Jerusalém. O simbolismo expresso em seus capitéis – esculturas que arrematam a parte superior de uma coluna – era prova do conhecimento esotérico da Ordem: em um deles chamava a atenção o alto-relevo de Jesus crucificado com os braços estendidos, mas sem a cruz.

Os irmãos do Templo nunca aceitaram a cruz como símbolo de dor e morte, sendo esta uma das muitas acusações feitas pelo tribunal inquisitório.

Fiquei sentado na última fileira esperando um grupo de turistas sair. No interior, não havia a ostentação barroca dos coros e retábulos empoados de ouro, ou então a verticalização monumental gótica, e sim a sobriedade da pedra cortada em suas colunas e paredes lisas. Uma única e singela talha da Virgem portava ramos verdadeiros de cevada, trocados semanalmente pelos camponeses das aldeias vizinhas, há séculos promessa de boas safras.

Logo, estava sozinho em Eunate – “as cem portas”, em basco. Somente ouvia o cântico dos passarinhos lá fora; vez por outra, o silvo do vento entrando por frestas no portão de madeira. O lugar inspirava à concentração e introspecção.

Por um instante, deixei minhas idéias vagarem por aquelas pedras seculares que me envolviam. Fechei os olhos e parecia sentir a força templária pulsando em minhas veias. Era como uma cerimônia de iniciação. O começo de um período. Assim como os Caminhos Jacobeus que um pouco além se fundiriam num só.

Em minha mente vieram imagens – em *flashes* – de um banquete medieval, lutas sangrentas e estranhas cerimônias. Mas logo culpei a imaginação ou efeitos do vinho El Paco.

Na verdade, esta aura de glória, dor, paixão e fé intensos da Rota de Santiago ainda me assustavam. A todo momento, vivia situações e pensamentos difíceis de aceitar por quem sempre procurava uma explicação pragmática para tudo.

Apesar de ter me apartado um pouco do itinerário, foi fácil reencontrar as marcas amarelas que me dirigiram até a mais um povoado perdido no tempo, Obanos, um lugar que, diga-se de passagem, deu-me a estranha sensação de já o conhecer mesmo sem nunca ter lá pisado antes.

Do céu despencava a noite junto a seus mistérios enquanto eu chegava, por fim, ao exato local em que os Caminhos Aragonês e Navarro se agrupavam. Não havia lá igreja, castelo ou monumento. Era apenas um lugar cercado de campos cultivados, onde uma pista asfaltada e uma estrada de terra confluíam e, a partir daquele ponto, seguiam unidas até Puente la Reina, pouco menos de mil passos à frente.

Porém, através dos tempos foi o ponto onde turbas de peregrinos de origens tão distintas se encontravam e que, de tanto júbilo, abraçavam-se e beijavam-se. Mais importante que a festa, era a grande troca de informações, algo difícil naqueles idos medievais em que as distâncias faziam-se infinitamente maiores.

A Espanha tornava-se um pólo de intercâmbio, ponte entre os diferentes povos do mundo cristão. Centro aglutinador de culturas, transmissor de correntes e idéias, lugar onde nasceu a primeira consciência comum da Europa. Costumes, ciência, fé, política, arte em um só Caminho.

Nos dias de hoje, não havia mais as dezenas de caravanas nos traçados peregrinos que se encontravam, e minha passagem foi solitária, não por isso pouco marcante: sabia que uma importante e árdua etapa tinha sido vencida.

Em Puente la Reina encontrei abrigo no Seminário Mayor, há séculos um entreposto de acolhida aos viajantes-peregrinos, e que hoje segue recebendo caridosamente os modernos concheiros. À entrada do enorme prédio, um grupo de crianças fez uma boa bagunça, saudando efusivamente mais um andarilho que ali se alojaria. Com toda a razão, afinal, eu era um exemplo vivo de suas aulas de

história.

A estalagem lembrava um pouco a de Roncesvalles, ampla e com duas dezenas de beliches. Por lá conheci o peregrino brasileiro, Milton, gaúcho de 32 anos que, assim como eu, iniciou a pé a viagem em Saint-Jean-Pied-de-Port. Também fiz amizade com David, um jovem norte-americano que percorria o Caminho de bicicleta desde Borce – pela Via Aragonesa –, acompanhado de sua esposa e parentes. Acabamos os três indo parar em um dos bares mais movimentados do lugar.

David, professor de espanhol no Colorado, queria a toda hora saber dos brasileiros o motivo de nossa peregrinação. Ele que fazia mesmo por pura diversão, já estava extenuado com as “duras” jornadas sobre a bicicleta e achava espantoso o sacrifício de centenas de quilômetros a pé, insistindo por uma explicação plausível.

Eu e Milton tentamos desviar do assunto, tagarelando sobre as Ordens Militares que protegiam o Caminho, os alquimistas e os mistérios dos capitéis românicos, aproveitando para servir mais e mais vinho ao pobre americano, que depois do sexto copo já mostrava sinais de embriaguez.

Momentos depois, David voltou cambaleando à esposa, e ficamos os dois patrícios alguns quartos de hora no bar conversando alegremente, felizes de podermos, pela primeira vez em mais de uma semana, falar em nosso tão belo idioma, segundo Camões, o mais nobre e encantador do mundo.

As rotas, as dores nos pés e a mulher espanhola foram nossos principais tópicos. Depois, voltamos para o albergue e, não sei o Milton, mas eu caí desmaiado na cama.

Porém, um assunto havia ficado no ar, como que os dois não se atrevessem em tocá-lo: Qual o verdadeiro motivo? O porquê destes dois brasileiros estarem tão longe de casa percorrendo o antigo Caminho de Santiago de Compostela?

Adormeci rápido com medo de que meus pensamentos – junto

com o álcool que começava a mostrar seus efeitos – dominassem a minha mente com perguntas que eu certamente ainda não poderia responder.

Talvez os sonhos desta madrugada o fizessem por mim.



Capítulo VII

OS MILAGRES

OS SINOS DA matriz tocavam com entusiasmo despertando os fiéis da cidade para a primeira missa do sábado, e os peregrinos, para mais uma jornada pelos campos de Navarra. David e Milton cumprimentaram-me sonolentos, enquanto tentava esconder-me embaixo do fino lençol, cedido limpo e gratuitamente pelos cônegos do Seminário Mayor de Puente la Reina.

Depois de um banho frio, iniciei o ritual diário de arrumar a mochila para os quilômetros que estavam pela frente. Ela se tornara literalmente a minha “casa”: tudo que eu precisava estava lá, sobre as minhas costas. Fora isso, um teto pela noite e um pouco de comida me bastavam.

Do lado de fora, encontrei vários camaradas reunidos. David falou-me de um andarilho francês e de seu filho de 12 anos que haviam chegado ao albergue enquanto estávamos no bar.

Eles pagavam uma promessa caminhando já há dois meses

desde Paris. De tão magros, pareciam duas esculturas de Giacometti. Não carregavam dinheiro algum e, segundo ouvi falar dias depois, não portavam documentos. Cansados e sujos, causaram espanto aos demais companheiros por seu estado deplorável, roupas em farrapos e odor.

Tirei algumas pesetas do bolso e pus em um chapéu, que desde cedo corria de mão em mão arrecadando contribuições entre os concheiros, seminaristas, turistas e as velhinhas-de-igreja que saíam da missa.

Nossos dois colegas gauleses receberam roupas novas, suprimentos e algum dinheiro. E sua alegria efusiva deu mais ânimo a todos os que participaram da coleta.

Com o trabalho cumprido, David e seus familiares resolveram partir. Era certo que não voltaríamos a nos ver, já que os sete ciclistas norte-americanos desejavam ainda naquele dia alcançar Logroño, 65 quilômetros distante. Avessos a abraços e palavras de despedida, eles simplesmente pegaram suas bicicletas e saíram em fila indiana tocando freneticamente as campainhas.

Acompanhei com os olhos o grupo descendo as ruas tranqüilas de Puente La Reina até que, em uma curva, não mais os pudesse ver, somente escutar sua canção de adeus. E pode parecer algo engraçado, mas durante todo o Caminho de Santiago, quando ouvia o “trim-trim” típico das sinetas de bicicleta, como por instinto, procurava David e sua alegre trupe.

Com a mochila nos ombros, pernas e cajado a postos, atravessei a urbe pela Avenida de los Peregrinos. Seus prédios ainda guardavam segredos de uma época em que esta cidade foi posta sob controle e proteção dos Templários. Ao meio-dia, abandonei Puente la Reina pela suntuosa construção que lhe dá nome, erigida por Dona Munia, esposa do rei Sancho III, a fim de livrar os concheiros do perigo de afogamentos e das taxas exorbitantes que lhes eram cobradas para atravessar o rio Arga de barco.

Por esta ponte monumental de seis arcos e cinco pilares românicos, desde o século XII, passam os peregrinos então unidos em um só caminho, uma só estrada que se dirige aos confins da

Espanha.

O carreiro singrou no meio de aldeias e cultivos de hortaliças, antes de apontar ao morro em que estava sentada a vila de Cirauqui. Notei que, uma semana e várias milhas depois de Saint-Jean-Pied-de-Port, o corpo e a mente já começavam a acostumar-se com as longas caminhadas e ao ritmo que impunha.

Cirauqui era um local de tradições que se perdiam no tempo. Antes mesmo de o cristianismo tomar estas terras, foi um importante ponto de passagem de viajantes, como provam as ruínas de uma estrada romana na costa da colina, do lado oposto de onde estava.

Os antigos concheiros aproveitaram-se desta rota preconcebida e, desde os primeiros séculos das peregrinações, por ali também marcharam os caminhantes a Santiago, penitentes ou não, o que reforçava meu interesse por este traçado historicamente autêntico.

Vislumbrei o marrom das casas sobre o cerro, contrastando com o horizonte de céu azul profundo que abençoava a Espanha nesta época do ano. Uma ruela estreita e bastante íngreme que ascendia bruscamente o outeiro, era o único meio de adentrar o povoado. Em um só impulso, subi a ladeira seguindo as marcas amarelas ainda frescas, recém-pintadas naquelas velhas paredes.

Suas ruas sinuosas formavam becos apertados, labirintos medievais que por séculos atestaram os passos dos peregrinos. As casas de reboco ocre e magenta sofreram poucas modificações a cada geração, preservando as linhas originais. O sol calcinante da tarde esmaecia ainda mais suas cores e escondia as pessoas.

Do mesmo modo que em Roncesvalles e Puente la Reina, era fácil perceber a atmosfera de centenas de anos atrás. Como se a Idade Média por efeito de alguma alucinação – individual e coletiva – ditasse o tempo em Ciuraqui.

Desejei muito ficar mais tempo ali. Era a mesma ânsia que senti em outros locais que passei naqueles dias. Ímpeto de conhecer mais profundamente pessoas e lugares. Porém, havia uma missão

maior pela frente, e a decisão de permanecer em qualquer ponto dependeria exclusivamente da minha condição física, premissa maior para que eu concluísse com sucesso a empreitada até a Galiza.

Desci sua encosta inabitada a oeste, pisando o ancestral corredor ordenado de pedras, uma estrada antes usada por legionários romanos, mercadores de especiarias das Índias, cavaleiros cristãos e peregrinos. Uma pequena ponte de um arco só, construída sobre um rio que não existia mais, foi o desfecho desta senda histórica, retornando ao traçado regular entre altos arbustos que usurpou o clima onírico que vivenciava.

Ao final de 25 quilômetros pela Via Láctea, aportei em Estella, a Cidade das Estrelas, fim da terceira etapa do *Codex Calixtinus*, iniciada em Pamplona. Lugar de enorme tradição jacobea, nascida em virtude das peregrinações como induz seu nome.

A prefeitura parece que esqueceu este passado, amontoando os andantes em pequenas salas de aula em uma velha escola. Pela tarde, dei um passeio por suas vias movimentadas, descobrindo as suas igrejas seculares, todas já decoradas para a festa de *Corpus Christi* do dia seguinte.

Ao amanhecer, apertei o passo – bem cedo e sozinho como de costume – por uma região famosa por seus vinhedos. O percurso se espremeu no matagal, afunilando entre abetos, espinheiros e silvos. Viam-se também gerânios, alecrins, tasnas¹, álamos negros e outras flores e ervas muito usadas pelos antigos andarilhos como medicina informal aos males de estômago, insolações, cicatrização de feridas e analgésicos.

Em pouco tempo, alcançava na planície fértil o Monastério de Irache e, à sua frente, uma deliciosa surpresa: do lado de fora de uma vinícola, uma fonte ao ar livre aberta a todos que passavam por aquele ramal.

Só que, em vez de água, da bica jorrava o mais puro vinho de Navarra.

¹ *Senecio jacobea*, a “Erva de São Tiago”, é até hoje usada pelos peregrinos nas bolhas e calos nos pés.

Sim, a fonte brindava os viajantes, concheiros ou não, com um pouco do trabalho e do chão de Navarra. Dei vários goles e saí pela vereda bem mais leve, por algum tempo esquecendo os problemas corriqueiros – o joelho, o peso da mochila, o calor –, colhendo amoras silvestres e sorrindo às matas e bosques que passava.

Quando me avizinhava de Villamayor depois de uma estirada de sete quilômetros, não pensei duas vezes antes de forrar o chão com a capa da mochila e descansar no acostamento da estrada vicinal que galgava o morro em potente elevação até o povoado.

Fadiga e sonolência tomavam o corpo todo, vitimado pelo vinho e multiplicado pelo sol que já se fixava no meridiano do céu. Ao longe, escutava o barulho de fogos de artifício, certamente da festa do Corpo-Santo daquela povoação.

Apesar de minha curiosidade, pelo mapa do livro-guia observei que poderia fugir do grande esforço iminente, contornando o monte sem ter de subir até a vila. Assim o fiz uma hora depois, passando no meio de pastagens e cultivos.

Em uma encruzilhada de trajetos rurais reencontrei o Milton sentado ao pé de um robusto carvalho. Ele não percebeu a minha aproximação até que, mais de perto, vi lágrimas em seus olhos.

Milton mal podia falar de tanta emoção. Havia acabado de voltar de Villamayor de Monjardín – o lugar que, por preguiça, recusei-me a visitar – e presenciado uma das maiores experiências de sua vida: ao entrar de mochila e tudo na igreja em que celebravam a missa de *Corpus Christi*, logo foi reconhecido como peregrino e saudado como herói.

– Cara, eles começaram a me aplaudir. A igreja lotada dando vivas, até que o padre me levou pela mão à frente do altar e limpou com sua estola as lágrimas de meu rosto – disse o brasileiro com sorriso de criança e tez vermelha de sol.

Andamos juntos em silêncio, introspectivos, por extensos campos amarelados pelo verão, saudados por uma onírica revoada de borboletas brancas e azuis que, de tão densa, parecia cobrir a luz do dia.

Duas horas mais tarde víamos o próximo núcleo cobrindo a pla-

nura, Los Arcos, lugar de passado próspero fundado sobre uma vila romana em um entroncamento de estradas pré-cristãs, há mais de nove séculos um posto de acolhida aos concheiros.

Com o refúgio em construção, tivemos de nos contentar com um quarto mínimo nos altos de um sobrado abandonado, sem banheiro nem lençóis e com cheiro de mofo, cedido provisoriamente pela prefeitura.

Milton saiu batendo de casa em casa pedindo para usar o banheiro. Iguamente, utilizei minhas prerrogativas de tradicional peregrino, a fim de arranjar um lugar para tomar banho nas redondezas. Seguiu-se um quarteirão inteiro de negativas, até que fui atendido por uma senhora que me deixou usar a mangueira de molhar plantas no fundo do quintal.

Recuperado o corpo da árdua etapa diurna, andei sem direção pelas ruas sossegadas de Los Arcos. Minha atenção pairava muito longe de tudo que via. Indiferente ao que ocorria ao meu redor, meus pensamentos – ou talvez toda a minha alma – estavam mergulhados em imagens confusas e contraditórias. Ao longo de quase duas horas errando pelo município, o sol já havia baixado no horizonte e eu tinha passado várias vezes pelos mesmos locais.

Era difícil admitir para mim mesmo o que acontecia: a toda hora lembrava a história que Milton contara, e não me perdoava por ter negligenciado o povoado que o acolheu tão bem e perdido a experiência vivida por ele na igreja.

Na verdade, desde o meu primeiro dia no Caminho de Santiago, esperava ansiosamente por acontecimentos místicos, surreais, algo fantástico que provasse a existência dos anjos ou, no mínimo, validasse o meu esforço e a minha dor.

Era como se o real motivo para esta penosa andança fosse presenciar esses milagres. Nada tão especial, decerto, como aparições miraculosas ou cruces pintadas no firmamento.

Aguardava, sim, algum pequeno sinal que mostrasse que era este o caminho certo. E aquela experiência na igreja de Villamayor teria me trazido de volta o entusiasmo que estava perdendo, pouco a pouco, entre as dezenas e dezenas de quilô-

metros diários de caminhadas.

Sentia-me como que enganado pelos céus que escolheram outro andarilho para passar por aquela vivência maravilhosa, enquanto as dores nos joelhos seriam o meu quinhão.

Marchei de volta ao albergue improvisado pelas ruas ora escuras e desertas. Milton já dormia e foi bom eu ter continuado sozinho sem ter de esconder sentimentos tão repugnantes e tão humanos ao mesmo tempo.

Fechei os olhos temendo meus sonhos. Sabia que aquela noite dormiria lado a lado com meus fantasmas.

O dia posterior foi cheio de passos solitários por vastas terras desabitadas: hortas, vinhas, olivais e campinas incultas. Com o tempo escaldante, detive-me em Torres del Río para comprar suprimentos e encher meu cantil. No centro da freguesia, a igreja poligonal do Santo Sepulcro dizia a todos os que passavam que ali existiu um Capítulo da Ordem dos Templários.

Nos vinte quilômetros subseqüentes, a monotonia só foi quebrada uma vez, ao cruzar Viana, o último povoado peregrino de Navarra, que se erguia em uma colina onde existiu um santuário em honra à deusa Diana; em cujos bosques adjacentes, grupos de bruxas faziam seus *sabbats*, dizem.

Com tanto tempo caminhando sozinho sob o silêncio dos prados, era natural ser levado a momentos de introspecção. Um recolhimento forçado pelas milhas de andanças em que acabava, mesmo involuntariamente, pensando em minha vida.

Problemas pessoais que há muito escondia vinham à tona. Eram velhas lembranças. De oportunidades perdidas, sonhos que não consegui realizar. Planos queridos e pessoas que um dia deixei ir embora para sempre.

Lágrimas que foram reprimidas, condenadas a não cair, e que agora banhavam meu peito, transbordando em sentimentos aparentemente distintos como raiva e compaixão, ódio e saudade,

arrependimento e vingança, prazer e dor.

Pensei muito nos milagres que tanto ansiava. A cada vinhedo, a cada bosque, em toda fonte rezava para que eles acontecessem ali mesmo, enquanto não houvesse ninguém olhando. E a cada passo que dava, a decepção acompanhava-me mais de perto.

Cruzei o marco divisório das Províncias de Navarra e La Rioja sem olhar para trás, passando ao lado de um acampamento de ciganos para, logo depois, subir um barranco já visualizando a próxima cidade na ponta do horizonte.

Logroño causou um impacto semelhante ao da chegada a Pamplona. As altas agulhas barrocas de suas igrejas, sem prédios modernos por perto que usurpassem sua majestade, apontavam para o céu não muito distante.

Já escurecia ao vencer o caudaloso rio Ebro – que ostentava a lenda de ter sido navegado por Tubal, neto de Noé – através de uma extensa ponte edificada nas bases de outra levantada por um santo, Santo Domingo de la Calzada, achando no centro histórico o refúgio onde passaria a noite.

Porém, o abrigo austero a que havia me acostumado nestes dias dava lugar ao que mais parecia um hotel cinco estrelas pelo luxo, limpeza, dimensão e comodidade, gratuitos aos peregrinos.

Não encontrando Milton, saí com um grupo de ciclistas neozelandeses para jantar. Avisados que a estalagem fecharia às 23 horas, foi engraçado participar da corrida dos que, em cima da hora, voltaram ao albergue municipal maratoneando pelas ruas e praças bem cuidadas.

No amplo quarto, deitado no beliche ao lado da janela, ainda fiquei algum tempo acordado. Era tarde e não sentia sono. Tudo o que havia descoberto sobre mim mesmo pelos caminhos solitários, nestes dias de transformações, vinha à mente.

Através do vidro, fitava as construções seculares da cidade e o céu de estrelas sobre Logroño. Foi então que imediatamente antes de fechar os olhos, ao contemplar a torre mais alta da Igreja de Santa María del Palacio, os milagres que eu tanto ansiava começaram a acontecer incessantemente. Um atrás do outro.

Não, não eram luzes místicas ou anjos abrindo as nuvens com suas espadas flamejantes. Simplesmente descobri que o verdadeiro milagre era eu estar lá, em terras sagradas ibéricas, trilhando a pé um roteiro milenar. Milagre era eu estar há duas semanas buscando o meu sonho apesar de tantas dificuldades. Milagre era o joelho estar bem, e eu não ter desistido nos Pireneus ou cedido às muitas outras tentações para largar a Rota.

Milagre era uma tradição tão antiga ainda sobreviver nos dias de hoje, fazendo com que homens e mulheres caminhem pelos campos da Espanha e mudem suas vidas.

E na cama de um refúgio “cinco estrelas” da primeira grande cidade da Província de La Rioja, sob a Via Láctea, celebrei o milagre de estar vivo. De ser eu mesmo. Com minhas próprias experiências e dores. Medos e cansaço.

O milagre de acordar todo o dia e, pela noite, dormir e não saber mais que existia.



Capítulo VIII

A CRUS E A ESPADA

*Disse um homem que viu São Tiago cavalgando
com duzentos guerreiros; e o cavalo que montava
era um astro de brilhos intensos.*

Federico García Lorca

NO LOMBO DE seu curso branco imponente, à mão esquerda estandarte com a cruz, à direita, espada erguida no ar pronta para o golpe, São Tiago Apóstolo galopa sobre corpos tombados de guerreiros mouros, conclamando o triunfo ibérico da cristandade sobre os infiéis.

Defronte à Igreja de Santiago el Real, eu olhava para o alto em direção à grande escultura eqüestre em sua fachada, que divulgava para toda a cidade de Logroño os feitos lendários do santo, lembrando na iconografia cristã as imagens de São Jorge tão abundantes no Brasil.

Essa variação bastante popular na representação do apóstolo, conhecida como Santiago Mata-Mouros, era muito encontrada em igrejas e prédios ao longo de todo o Caminho, principalmente nas áreas em que houve disputas sangrentas pela posse da terra.

Tudo começou com Ramiro I, monarca cristão, indignado com o tributo anual de cem donzelas pago por mais de um século aos

muçulmanos a fim de manter a sua neutralidade declara guerra ao rei mouro Abderramán II, suplicando ajuda dos céus para a difícil missão.

Foi então que na batalha de Clavijo, no ano de 844, quando as tropas cristãs estavam em grande desvantagem numérica, Ramiro recebeu o auxílio tão aguardado: São Tiago materializou-se em carne e, pessoalmente, combateu lado a lado com seus soldados, levando a cristandade à vitória e ao fim do famigerado tributo, alavancando a reconquista peninsular.

Ao santo-guerreiro brandindo a cruz e a espada, congreguei minhas forças em frente da sua igreja para mais um dia de caminhada a partir de Logroño, lugar que faz questão de não esquecer seu passado belicoso, desde a invasão de tropas comandadas por El Cid, o famoso “vencedor de todas as batalhas”, à honrosa resistência aos mouros em cruéis e violentos combates realizados a poucas milhas¹ desta cidade, em um lugar chamado “Campo da Matança”.

O grito de guerra desses intrépidos homens ainda hoje pode ser ouvido por estas terras: ¡*Santiago y Cierra España!*

Partindo da Rua Sagasta, desviei até a Praça do Mercado onde foram queimadas cinco mulheres acusadas de bruxaria pela Inquisição. Cortei a cidade no sentido leste-oeste atravessando as partes antiga e moderna, até alcançar a zona industrial pela auto-estrada, bastante movimentada e de tráfego pesado, nada pior aos andantes.

Para minorar o incômodo, tomei um desvio por uma área rural achando que as minhas dificuldades iriam desaparecer. Triste engano: em uma curva da trilha recém-aberta por tratores em meio aos altos arbustos, dei de encontro com três enormes cães vadios que viviam naquelas paragens desabitadas.

Incomodado com a minha presença em seu território, o maior deles veio em minha direção com jeito de “poucos amigos”, exibindo quase toda a sua dentição. Felizmente, tudo ficou somente na ameaça, já que eu estava duplamente protegido: por São Tiago e pelo meu cajado.

¹ O Vale de Clavijo em que principiou a mística do Mata-Mouros situa-se a dezesseis quilômetros ao sul de Logroño.

E foi só dar algumas bordoadas no ar que toda a matilha fugiu com o rabo entre as pernas. Melhor assim.

O sol alto roubava minha sombra ao subir, tempos depois, a encosta do monte em que se incrustava a povoação de Navarrete. Superei os últimos metros de sua ladeira com dores nas pernas e nos joelhos, encharcado de suor e com o peso do corpo dobrado por tanta poeira. Era meio-dia e sobre meus ombros a Via Láctea inteira flamejava, oculta, no céu.

Resolvi ficar por lá mesmo, alugando um quarto numa pensão barata de nome familiar, La Carioca. Por suas ruas estreitas de velhos sobrados geminados, ostentando muitos deles motivos nobiliárquicos em suas fachadas, reencontrei o Milton. Pela noite jantamos juntos conversando sobre nossas experiências nesses últimos dois dias, que constatei serem repletos de milagres.

Desta vez era ele que parecia melancólico, falando do que deixou para trás em Porto Alegre. Fatos mal resolvidos em seu trabalho e no relacionamento com sua noiva. E pude entender melhor pelas experiências dele as transformações que eu mesmo estava passando ou que ainda almejava.

À alvorada, abandonei Navarrete passando pelo cemitério municipal. Ali, um simples marco de ferro na murada lembrava uma jovem belga que morreu atropelada em 1986, quando percorria o Caminho de bicicleta. Rezei por ela e escrevi seu nome em meu caderno de anotações: Alice de Craemer.

O curso seguiu novamente pelo asfalto, bem longe da sombra acolhedora dos bosques a que havia me acostumado, aumentando consideravelmente o calor e o perigo. Carros passavam em alta velocidade, alguns fazendo questão de cumprimentar-me com buzinaços e acenos – todos alegremente retribuídos. No chão duro e negro, frases de incentivo em amarelo: “Faça um Caminho de fé!”, “Adiante peregrino!”.

Um pouco antes de atingir o próximo município, contemplei, pintado no muro de uma construção abandonada, um longo verso em homenagem à Estrada de Santiago. Ao final de suas estrofes,

dizia:

A força que me empurra,
a força que me atrai,
não sei como posso explicar.
Somente Ele lá de cima
o sabe.

Terminei a empreitada do dia com apenas dezesseis quilômetros percorridos e muita fadiga e cãibra pelo corpo todo, procurando abrigo em Nájera, cidade fundada pelos muçulmanos em um terreno rochoso cheio de covas naturais, tomada pelos cristãos no ano de 923, conservando-se o nome árabe.

Nos primeiros séculos das peregrinações, o roteiro passava um pouco mais ao norte, até o rei navarro Sancho el Mayor conquistar estas terras, convertendo Nájera em capital do reino e conseqüente passo obrigatório dos concheiros.

Hospedei-me no monastério de Santa María la Real, um prédio fundado em 1052 por D. García, filho de Sancho, no exato local em que descobriu, miraculosamente, a imagem da Virgem dentro de uma gruta com um terraço de azulejos a seus pés.

Lá, os padres franciscanos separavam aos andarilhos um vasto quarto a poucos metros dos magníficos claustro gótico, panteão real e nave central da Igreja, que ainda mantinha a olhos vistos de todos a caverna e o terraço com a escultura da Virgem, cultuados como milagrosos.

Jantei sozinho em um hotel com vista para o rio Najerilla e suas longas margens cobertas de grama como uma praia verde. Crianças corriam atrás de uma bola e jovens passeavam em barulhentos grupos. Deitados na relva, um casal de namorados chamava a atenção e constrangia os mais velhos.

Mais uma vez foi impossível não sentir aquela melancolia que já começava a fazer parte do meu Caminho. Dor que parecia arrancar meu peito para fora e que cerrava meus olhos às belezas de Nájera.

“Ainda faltavam mais de 500 quilômetros até Santiago. A solidão teria que esperar”, imaginei.

Antes de dormir, li a mensagem do Milton endereçada a mim no livro de visitas do albergue, o qual fazia questão de folhear todas as noites. Também conheci mais um brasileiro, Flávio, catarinense de 19 anos. Igualmente ao refúgio de Logroño, às 23 horas, foram apagadas as luzes e todos mantiveram um respeitoso sossego. Um silêncio em homenagem aos dez séculos daquelas construções.

A viagem por toda a manhã até as imediações de Santo Domingo, apesar de longa e cansativa, foi serena, desbravando a imensa esplanada recortada por cultivos, passando ainda por dois povoados, Azofra e Cirueña, onde a cada encontro era consolado, em minhas dores físicas, pela população local com calorosos *buenos días* e água gelada.

Pelo Caminho de Santiago de Compostela compreendia o verdadeiro sentido da palavra caridade: via como era o “outro lado”, ou seja, era eu desta vez quem precisava de ajuda. Seja em providenciais copos d’água, informações, calor humano ou até comida. E quase sempre era satisfeito em minhas necessidades, muitas vezes até bem mais do que as minhas expectativas.

Os vinhedos imperavam na região e a trilha passava entre eles, cruzando propriedades particulares abertas aos viajantes jacobeus. Em uma delas, fui abordado por um senhor de idade, com mãos e rosto marcados por rugas profundas, e convidado a experimentar a sua produção.

Ele mergulhou o copo em um barril meio enferrujado e deu-me de beber um vinho estupendo. Cheiro leve e doce. Gosto da terra de La Rioja. Paladar da Rota das Estrelas.

E assim, pisando este mesmo chão que me dera o vinho, e vendo não muito distante as altas torres da Catedral de Santo Domingo de la Calzada, a cada passo ia lembrando dos dias ora tristes, ora de extrema felicidade que estava experimentando.

Começava a discernir os caprichos que o próprio Caminho infligia-me nestes dias, quer tornando-os cheio de amarguras, quer proporcionando momentos únicos de regozijo, encontros e peque-

nos milagres. Cruz e espada.

Imaginei se, por algum desígnio dos céus, não conseguiria separá-los à minha vontade. Que a partir daquela hora haveria somente os momentos tristes, ou apenas os abarrotados só de alegrias. Pois aquela dúvida, aquela variação de ânimo quase instantânea, doía em meu peito e nada podia fazer.

“Talvez houvesse uma resposta a que eu pudesse me prender, amarrando-me a ela com todas as minhas forças. Quem sabe em alguma curva do Caminho a descobriria”, pensei.

Ela podia estar agora bem perto, pintada em um muro nos arredores de Nájera, ou bem longe, perdida nos Pireneus, ou quem sabe guardada na Galiza. Não importa, um dia haveria de encontrar.

E o ar ébrio com cheiro dos vinhedos soprou forte em meu rosto, cobrindo-me de alegria e expectativa pelos últimos metros da estrada de terra que me levava até a cidade de Santo Domingo. O mesmo vento refrescante, meu grande camarada naqueles dias de alto verão nas rotas peregrinas de Santiago de Compostela.

Capítulo IX

A GRANDE ARTE

*Santo Domingo de la Calzada,
onde cantou a galinha depois de assada.*

Antigo adágio peregrino

SANTO DOMINGO ERA uma cidade deserta pelo calor inóspito e costume espanhol da *siesta*, quando a maioria dos estabelecimentos fecha nas primeiras horas da tarde. No refeitório de uma pensão familiar, encontrei um grupo de andarilhos mal vestidos, com roupas gastas e pesadas – rudes túnicas marrons cobrindo o corpo inteiro, sandálias de sola e correias de couro com pregos, escarcelas e chapéus largos já em farpas.

Era um casal de peregrinos alemães junto com seu filho de 18 anos que se preparavam para deixar a cidade. Eles tomavam seus últimos cálices de vinho fazendo planos de viagem, servidos pela filha do alberguista que não tirava os olhos do rapaz – embora ele não correspondesse.

Dávamos adeus na cantina, quando três soldados, portando lanças e espadas, entraram no recinto e aprisionaram o moço peregrino metendo-lhe a ferros e grilhões sob a acusação de furto: haviam descoberto objetos valiosos em sua carga, subtraídos da hospedaria.

Horas mais tarde, o pobre menino é julgado e logo enforcado em praça pública.

Seus pais resolveram assim mesmo seguir a Compostela, pedindo ao santo pela alma do filho, sem saber que, na verdade, os objetos tinham sido colocados propositadamente na bagagem pela moça da albergaria enquanto dormiam, como vingança do seu coração partido pela indiferença do rapaz.

Porém, quando eles já retornavam da Galiza em direção à sua cidade natal, passando por esta mesma localidade, foram informados em sonhos que seu filho continuava vivo, e desse modo o encontraram pendurado ainda na forca.

A fim de tirar o filho das cordas, o casal de alemães, em desespero, procurou o chefe da guarda em sua casa que ora estava à mesa comendo um galo e uma galinha assados, contando-lhe o milagre atribuído a São Tiago e Santo Domingo.

O oficial, interrompido de seu almoço, desdenhou dos pobres concheiros, dizendo que seu filho estava tão vivo quanto o galo e a galinha de sua mesa.

Dito e feito: os galináceos imediatamente saltaram do prato e puseram-se a ciscar e cantar.

Eu estava há alguns quartos de hora sentado nos bancos centrais da Catedral de Santo Domingo de la Calzada. Sentia-me como que tivesse realmente presenciado aqueles fatos. Como que testemunha da condenação medieval do rapaz e da seqüência de milagres.

Minhas fantasias, de tão constantes, começavam a misturar-se às fábulas e histórias do Caminho, tornando-o mais fascinante e intenso. Mergulhado nas tradições peregrinas, eu era muitas vezes transportado para a Idade Média e, lá, levantado residência.

Ao redor, via lembranças da lenda secular, inclusive, um pedaço de madeira pertencente à mítica forca, a mesma que não conseguiu matar o jovem alemão e que deu vida à galinha.

Hoje, no interior do templo há um galo e uma galinha vivos, curiosamente dispostos em um elevado de madeira de frente para o altar, formando uma enorme gaiola barroca. Eles não se intimidam de bater asas e cantar durante a missa ou à chegada de concheiros em sua igreja.

Depois de muito tempo de sonhos, lendas e gargarejos, deixei de lado os devaneios, ansioso por carimbar minha credencial, comer alguma coisa e conhecer a modesta cidade que levava o nome do santo, famoso por seu trabalho aos peregrinos de sua época, que edificou no século XI com uma engenharia laica, igrejas, albergues e pontes, além de abrir uma estrada ligando Nájera a Burgos através de outrora perigosos pântanos e florestas.

As ruas estavam cheias de crianças aproveitando o alto verão europeu, que iluminava tanto as suas brincadeiras quanto as rotas peregrinas até pouco mais das 22 horas. Jovens lotavam os bares e casais bem vestidos passeavam de braços dados. Lojas de *souvenirs* vendiam todo o tipo de bugigangas em que pudessem ser postas figuras de galos e galinhas: *bottons*, chaveiros, bonés etc. Nas chaminés dos prédios mais altos, cegonhas preparavam seus imensos ninhos e nos brindavam com sua sinfonia única, batendo freneticamente seus bicos.

A cidade recebia uma quantidade grande de turistas que se hospedavam, os mais abastados, no El Parador, um hotel de luxo construído sobre o Hospital de Peregrinos erguido pelo próprio Santo Domingo, onde se conservam algumas paredes originais.

Segundo antigos relatos, ali se albergou São Francisco de Assis ao passar por estas terras como peregrino a Santiago, no século XIII.

Já instalado no refúgio, achei no banho as primeiras – e enormes – bolhas em meus pés. Ao longo destes 250 quilômetros de viagem, muitos foram os que ouvi reclamando deste tipo de irritação cutânea e sempre orgulhava-me de estar com os pés intactos.

Tentei um curativo que, de tanto ver os outros fazerem, já aprendera: peguei uma agulha com linha embebida em mercuro-

cromo e a introduzi na bolha, deixando no interior da chaga parte do fio com ambas as extremidades para fora, fazendo uma espécie de drenagem do líquido seroso, a fim de secar a ferida. Apesar de doloroso, este método surpreendentemente funcionou, já que tentei também muitas outras “receitas” aviadas pelos colegas de estrada, a grande maioria sem lograr sucesso algum.

A partir daquele dia, as “cirurgias” nos pés tornar-se-iam tão penosamente habituais quanto os meus passos pelo Caminho. E lembrei o que um sacristão bem-humorado havia me confidenciado dias antes em Puente la Reina:

– As três maiores dificuldades dos peregrinos são os cães, as bolhas e os padres.

Em um bar perto da estalagem reencontrei Flávio, aquele catarinense que conheci em Nájera. Na sua fala “cantada”, carregada de gírias, disse que estava há dois anos perambulando pela Europa e que fazia o Caminho “por pura aventura”, achando “aquele negócio de busca interior uma bobagem”.

Manhã seguinte, iniciamos os dois juntos a caminhada, a fim de “treinar” o português, saindo de Santo Domingo pela faustosa ponte de 24 arcos erigida pelas mãos do santo, tomando o rumo que apontavam as flechas amarelas.

Na vila subsequente, Granón, repousamos na soleira de uma casa demolida no fim da rua principal que dava à Rota. Sem maiores cerimônias, Flávio acendeu um cigarro de haxixe. O dia começava a esquentar e não havia ninguém por aquelas bandas. Logo ele se despediu e, com o vigor de atleta, partiu na frente com passos largos – um pouco vacilantes, decerto – pelo Caminho das Estrelas.

Atravessei lento e sozinho o marco divisório das Províncias de La Rioja e Burgos, tomando um desvio por trilhas áridas para conhecer Vitoria, aldeia em que nasceu Santo Domingo de la Calzada, hoje bastante decadente, bem como muitos outros vilarejos desta terra ensolarada, despovoada por décadas de êxodo de seus filhos para os grandes centros.

Lá, um homem de meia-idade apareceu do nada com as chaves

da igreja e fez questão de acompanhar-me por seus altares, narando detalhes da vida de Santo Domingo e dando-me a beijar um relicário dourado com um fragmento de osso do santo aparente.

Ao pé de uma colina, terminei o dia na povoação de Belorado, procurando abrigo na Igreja de Santa María. O pároco recebeu-me à porta e conduziu-me através do templo, passando por duas imagens do apóstolo, uma de Santiago Mata-Mouros, cavalgando com elmo, gorjal, armas e malhas de ferro; outra de Santiago Peregrino, descalço, portando vieiras, chapéu, bastão e capa larga. Um paralelo interessante.

Ele selou minha credencial, rezou comigo três ave-marias e contou-me a lenda do padroeiro do lugar, São Vitores, soldado cristão que, mesmo após ter sido decapitado pelos mouros em combate, continuou guerreando, segurando à mão direita a espada, à esquerda a sua própria cabeça.

Em um anexo da paróquia improvisava-se o refúgio. Ali, já estava um grupo de espanhóis “quarentões” – como eles mesmos se intitulavam – e Dominique, um francês *hippie*. Também conheci um casal de Turim que fazia o trajeto ao contrário, ou seja, partiram os dois de Santiago. Excêntricos esses italianos!

Dia posterior, ganhei a estrada junto com o sol que acordava a leste, aquecendo-me com seus primeiros raios, preparando o corpo para uma jornada dura até a vila que levava o nome de outro santo-engenheiro, San Juan de Ortega.

Em alguns pares de horas, deveria transpor uma cadeia de montanhas, os Montes de Oca, algo que pelo exemplo das altas cordilheiras Navarras e boatos de ataques de cães, além de histórias de viajeros perdidos em meio à névoa bastante comum neste itinerário, temia de antemão.

O cajado entregue a mim pelo camponês na subida de outra serra, agora já bem longe, os Pireneus, fincava-me à terra, dando o apoio à ladeira que de pronto tornou-se estafante, tendo o sol a pino, a inclinação do terreno e a pesada mochila colada ao meu corpo como os maiores desafios àqueles primeiros e mais difíceis metros em dramática elevação.

Insisti vencendo passo a passo estes selvagens morros, que formaram uma fronteira natural entre os antigos reinos de Navarra e Castela, chegando até os 1.200 metros de altitude. Aos poucos, ia encontrando alguns companheiros; uns extenuados, quase moribundos; outros que mais pareciam competidores da marcha olímpica.

Horas mais tarde, entrei por rua deserta e sem pavimentação orlada de umas poucas casas, algumas parcialmente desabadas, escutando apenas o ruído dos meus passos e vozes distantes e difusas trazidas pelo vento.

No monastério que dominava o arraial, fui recebido por um senhor que, naquele forte verão do Ano Santo de 1993, tomava sua folga para cuidar dos peregrinos. Fazia parte do Corpo de Hospitaleiros, voluntários, na maioria ex-concheiros, que dedicavam um pouco de seu tempo vago, muitas vezes as férias inteiras, ao ideal das peregrinações.

Até Santiago foram vários que assim me ajudaram, estrategicamente instalados nos refúgios mais remotos.

Meu hospiteiro, Dom Antonio, mostrou-me a estalagem no próprio convento e devotamente contou da época de San Juan de Ortega, discípulo e ajudante em várias obras de engenharia de Santo Domingo, que levantou a igreja no tempo em que estas paragens eram totalmente desabitadas, e os andantes expostos a uma jornada longa e áspera até a cidade de Burgos. Parecia que pouca coisa mudou desde então.

O templo românico do século XII, que deu origem à freguesia, ainda conservava parte dos traços originais do santo-construtor. Lá, os forasteiros apreciavam uma das maravilhas da arte de todo o mundo, embora pouco conhecida: o Capitel da Anunciação.

No alto de uma coluna à direita do altar, havia singelas esculturas na pedra representando as passagens bíblicas da Anunciação, da Visitação e do Nascimento do novo salvador.

Acontece que, dois dias antes de cada equinócio, lá se dava um raro fenômeno: um raio de sol poente entrava por uma das janelas, incidindo diretamente sobre essas imagens, iluminando cada uma

por uns poucos minutos e, para espanto dos que testemunhavam esse raro feito, obedecendo à ordem cronológica descrita na Bíblia.

O chamado “Milagre da Luz” começa pelo arcanjo Gabriel anunciando a gravidez, seguida por Maria nos braços de Santa Isabel que toca seu ventre – figuras principais do conjunto artístico –, São José apoiando-se em um bastão em forma de “Tao” com um anjo tocando sua cabeça, representando um sonho de inspiração divina, terminando com Maria deitada na cama após conceber, velada pelos três reis magos.

Não por coincidência, esse fenômeno, que acontece por volta dos dias 21 de março e 23 de setembro e dura não mais que cinco minutos, ocorre, o primeiro do ano, nove meses antes do Natal.

Almocei no único bar da vila com o grupo de camaradas espanhóis “quarentões” que conheci no dia anterior. Lá estava também Ramon, um peregrino basco de oitenta anos com rosto alvo coberto de rugas, cujo entusiasmo e vigor físico eu já tinha ouvido falar nos albergues e achava ser pura lenda, e que, diziam, já fez o Caminho por quinze anos seguidos.

Após merecida *siesta*, fomos todos chamados para uma reunião íntima no claustro da abadia, cujas paredes e colunas são contemporâneas das grandes expedições marítimas ibéricas.

Éramos doze andarilhos sentados em círculo, além do hospiteiro que saudou os visitantes e pediu que cada um falasse sobre suas experiências naqueles dias de peregrinação.

Ouvi testemunhos emocionantes, de pleno desabafo de alma. Pessoas que se despiam das comuns amarras e barreiras do dia-a-dia e em poucos minutos resumiram suas vidas.

Na minha vez, todos fizeram questão de que eu falasse em minha língua-mãe, embora já estivesse bem acostumado ao castelhano. Pausadamente, em português mesmo contei-lhes de minhas dores, dúvidas e alegrias nesta jornada que já se tornava porção essencial e inseparável da minha história.

Na verdade, não sei se fui entendido em tudo que disse. Pensando bem, aquelas palavras, naquele momento, não precisavam fazer sentido algum. A emoção do grupo disposto em círculo e a aura de um lugar santo e muito antigo sobrepujavam quaisquer verbalizações. Era aquela a nossa língua.

Esse desabafo me reanimou, já que foi a primeira vez em semanas que pude exteriorizar minhas sensações. Além disso, descobri que não era o único a passar por tudo aquilo. Que havia pelo menos mais onze pessoas que atravessavam experiências semelhantes e, com elas, construía algo novo em suas vidas.

Ainda juntos, ouvimos à missa ao lado da tumba do santo de Ortega. O celebrante, Dom José Alonso, outra figura carismática e famosa do Caminho, conduzia a liturgia de forma incomum, gesticulando e conversando diretamente com os fiéis, quebrando quaisquer barreiras entre o altar e a assistência, acompanhado de dois jovens peregrinos belgas – os quais eu não sabia serem eclesíásticos – que concelebraram o ofício.

Ao jantar, sentamos todos em uma ampla mesa na cantina do mosteiro junto com o hospitaleiro e os curas. Sem que nada fosse combinado, cada um botou sobre ela toda a comida que guardava.

Assim, quem só tinha *bocadillos*, tomou sopa. Salames foram trocados por pedaços de pão. Quem ofereceu chocolates – o meu caso – também comeu carne de peru.

Todos esbanjaram-se e saciaram-se.

E de tudo o que passei durante a Rota Peregrina, esta foi talvez a maior lição que tive. Na verdade, algo que, de tão simples, passa muitas vezes ao largo, à margem.

Pois é certo que cada um dos homens e mulheres que fazem o Caminho de Santiago aprende, inevitavelmente, a grande arte de compartilhar.

Seja comida, seja sentimento.

Capítulo X

O QUARTO ELEMENTO

*Perguntas não vão lhe mostrar que eu
sou feito da terra, do fogo, da água e do ar.*

Raul Seixas e Paulo Coelho

UMA FORTE NEBLINA cobria as matas que rodeavam San Juan de Ortega, dificultando o trajeto pela baixa visibilidade. Por pouco não me perdi entre vários ramais camponeses abertos aos prados. À medida que caminhava, ia encontrando enormes cruces de madeira fincadas no solo que, além de servirem como pontos de referência, davam, misturadas à bruma, uma visão surreal, enigmática.

Elas pareciam brotar da terra. Eram muitas, dezenas delas espalhadas ao longo do traçado até Burgos, como se ali estivessem somente para lembrar que o Caminho de Santiago também era de sofrimento, de obstáculos; mostrando o preço que todos haveriam de pagar antes de conquistar seus ideais maiores. Aviso para que não fossem esquecidas a humildade e as experiências, boas ou ruins; carregando-as, dia a dia, junto com nossas cargas. Nosso fardo.

E a mochila pesava nas costas e os sapatos feriam cada vez

mais os pés.

O percurso bifurcava-se em três vias possíveis, levando-me a escolher a mais ordinária, não por isso menos autêntica. De lá para frente, mais precisamente até a entrada da Galiza, o trajeto seria quase sempre plano, assentado sobre a antiga estrada militar romana Burdeos-Astorga, também chamada de Via Traiana.

Por roteiros de terra nua cruzei pomares, lavouras, páramos e vilarejos tranqüilos. Em um deles, Cardeñuela, uma fonte de pedra construída pelos romanos, seguia fornecendo água aos caminhantes. Ao lado, em um muro estava pintado em letras garrafais algo que todo o concheiro a passo por lá gostaria que não lhe fosse recordado: “A Santiago, 476 km”.

Fazendo as contas, avizinhava-me de Burgos pelos belos montes verdes que flanqueavam a zona leste da cidade, seguindo pedras dispostas no chão em forma de flechas, vendo ao longe a metrópole que se estendia à esplanada.

Ali, juntei-me ao alegre grupo de espanhóis, os “quarentões”. Com alguma dificuldade, atingimos a zona industrial, traspassando viadutos e auto-estradas, sempre com atenção redobrada pelo trânsito pesado de carretas e caminhões.

Meus colegas estavam muito bem dispostos, cantando músicas típicas de suas regiões. Também, não era por menos: eles viajavam sem nenhum peso nas costas, já que tinham fretado uma perua que levava suas cargas até o albergue predeterminado. Ma-landros, nada!

Eu, ao contrário, estava mudo, extenuado demais para esconder um certo mau humor, aumentado pela perda do sabor brejeiro do itinerário que ora contrastava com a poluição das fábricas e carros.

Eles me ofereceram o serviço do automóvel, o qual neguei terminantemente. Do mesmo modo agia a quem se apresentava para carregar a minha pesada mochila pelos longos quilômetros de subúrbios. Um dos peregrinos até propôs que todos revezassem nesse trabalho.

E, quando a insistência em ajudar-me já se tornava mais esta-

fante que a gravidade sobre minhas costas, um deles falou:

– Deixem o brasileiro em paz. Cada um sabe como carregar a sua cruz.

Burgos era a maior cidade de todo o Caminho. Levantada ao lado do rio Arlanzón, teve seu desenvolvimento vinculado às tradições jacobebas, já que ali se cruzavam o Real Caminho Francês com uma das várias Rotas Marítimas que traziam devotos da Grã-Bretanha e de outras regiões insulares e que, a partir daquele ponto, avançavam por terra até a Galiza. No século XV, chegou a ter 32 hospedarias de peregrinos.

Instalado no albergue municipal, pela tarde conheci o belíssimo centro histórico-monumental de um lugar cheio de vida, como as grandes capitais européias. Sua Catedral, gótica, iniciada no ano de 1221 e só concluída no século XVI, era uma das maiores e mais afamadas nesse estilo, comparável às de Amiens, Reims, Chartres, Paris, Viena e Colônia.

Dezenas de pináculos e torres de pedra rendilhadas de gárgulas apontavam para o céu, serenas de sua glória. Arcobotantes sustentavam o colosso, ricamente adornado com imagens de santos e reis. Uma cúpula gigantesca terminada com estrela de oito pontas intercedia as naves laterais e central.

Em seu interior não menos magnífico, refugiei-me em uma de suas inúmeras capelas. Lá, uma escultura de Jesus pregado na cruz, de tão realista, recaía a lenda de que seus cabelos e unhas cresciam cada semana a olhos vistos.

Nada mais natural: o Caminho de Santiago já me fazia achar bastante comum um santo se materializar na terra e lutar lado a lado com valorosos soldados, assim como um galo assado cantar e estátuas de madeira exalarem um pouco de vida.

– Recomendações ao nosso apóstolo! – um aldeão que capinava à beira da via rústica pediu que eu levasse suas preces a São Tiago. Sua esposa descansou também a enxada, gritando de longe: – Por que o peregrino anda sozinho? Deve ser muito triste!

O tempo estava encoberto ao abandonar Burgos por uma estrada rural. A etapa prometia ser amena, sem nenhuma subida. Apareceram novas e imensas bolhas em meus pés; mas, antevendo um aprazível passeio através dos ermos campos de Castela, não dei muita importância.

No livro de visitas do abrigo, havia achado o registro de mais um andarilho brasileiro, Fernando, que ali passara cinco dias antes. Como provavelmente não o alcançaria, utilizei os “Correios Peregrinos” para enviar-lhe um “alô”.

Tudo muito prático: entreguei o bilhete ao encargo de um peregrino-ciclista que tiraria essa diferença em dois ou três dias.

Incrível pela sua simplicidade, esse método era muito usado por grupos que, ao longo da viagem, iam desagregando-se, pois àquela altura tornava-se difícil acompanhar a “passada”, o ritmo dos outros, às vezes fraco ou forte demais, mostrando como o Caminho ao mesmo tempo podia unir como também separar as pessoas.

E assim, em um conjunto de rotas desertas e rudimentares, sem telefones ou fax, os peregrinos vão se comunicando à distância, enviando e recebendo mensagens. Se para trás, pondo recados nos livros dos albergues. Se para a frente, através dos ciclistas. Era essa a técnica.

Passei por alguns povoados interessantes, fazendo como sempre questão de conhecer, fotografar e conversar com a população local. Com isso, muitas vezes demorava o dobro do tempo normal para atingir os objetivos.

Naquele dia caminhei lento, aproveitando a paisagem extensa da planura e os encontros amigáveis até Hornillos del Camino. Um pouco adiante, cheguei a um refúgio solitário em meio à grande meseta, o Arroyo Sambol, um galpão construído aos prados e cultivos, milhas distantes de qualquer povoação, com a finalidade de

não desviar o autêntico traçado medieval que passava por ali há séculos contínuos.

Lá, estava só um casal de franceses. Eles haviam elegido aquela estalagem longínqua – sem colchões nem banheiro – seu lar por um dia e juntavam gravetos secos para uma fogueira que iluminaria sua noite naquele retiro.

Ajudei-os nesse trabalho logo descobrindo, pasmado, que ambos caminhavam há mais de três meses, desde que bateram a porta da sua casa e saíram andando desde ali, em Mont Saint-Michel, na Normandia.

Aos poucos foram chegando alguns aldeões de vilas adjacentes que, além de muitas histórias, traziam vinhos, queijos e salames. O mais idoso deles, sem maiores pudores, pegou a minha camisa da seleção que ora secava ao sol e agradeceu o “presente”, recordando alegremente dos tempos de Pelé. Fazer o quê?

Após o banquete, resolvi partir, descansado e ávido para vencer mais algumas léguas pela ancestral Via Traiana, enquanto o velho agricultor vestia, feliz, “sua” camisa – com o 10 nas costas – ainda úmida.

Marchei através de campinas despovoadas por mais algumas horas. Eram plantios e pastagens ainda com as cores da primavera, estação que há pouco havia cedido seu lugar. O calor encharcava minha camisa pregada no corpo pelo suor, enquanto progredia solto, com a liberdade de andar para onde o nariz – e as flechas amarelas – apontavam.

A trilha tornava-se cada vez mais estreita, na largura exata de um pequeno trator. Por perto não tinha vilarejos, granjas nem mesmo currais de gado. Ninguém ao redor, muito menos carros ou máquinas. Somente uma densa vegetação rasteira estendia-se até onde a vista alcançava. Arbustos verdes em distintas tonalidades, flores do campo que também balançavam ao vento forte, em um horizonte colorido sem fim.

Havia também os passarinhos. Vinham de todas as partes, mais curiosos do que assustados. Sobre a minha cabeça faziam movimentos sincronizados e malabarismos diversos. Não paravam

de cantar e davam a impressão de que voavam cada vez mais perto. E eram muitos.

Cantei alto junto com eles. Uma só música, em outro tom. Talvez tenha até dançado de mochila e tudo, não lembro. Acredito que a magia do local me tomou por inteiro.

De tão lento, resolvi parar por uns instantes em meio a uma plantação de trigo. Hipnotizado, senti uma comunhão com aqueles ramos dourados, aquela fragrância seca e com os raios solares que beijavam meu rosto.

Somente algum tempo depois, percebi que não tinha ali parado por acaso ou até mesmo por vontade própria. Era como se algo me convidasse a ficar. Parecia que há muito tempo eu já havia feito aquilo.

Passei a recordar meus dias de peregrinação. Lembrei-me da chuva, minha companheira na travessia dos Montes Pireneus. O sol flamejante das jornadas em Navarra. E o vento doce com o cheiro dos vinhedos de La Rioja.

Água, fogo, ar: faltava ainda um reino.

Em um impulso irresistível, joguei-me ao solo, um tapete ondulado de arbustos, sem medo de sujar as roupas ou de irritar a pele já muito castigada pelo sol. Toquei naquele solo rugoso e encostei meu ouvido esquerdo no que parecia ser o centro da terra.

Estirado ao chão, escutei algo. Um som vindo do coração do planeta. Inconfundível, pois ali apenas havia eu, a brisa e os pássaros a fazerem ruídos.

O tempo parou. Não havia dia nem noite. Nem horas ou segundos. Tudo porque a terra, o quarto elemento, estava falando em seu pulsar comigo. Naquele momento, éramos um só rufar de ventrículos.

Abri os olhos e tudo começou a girar. Virei-me de costas ao solo, abri meus braços e contemplei o imenso céu azul de nuvens cheias que se moviam numa velocidade assustadora, ao mesmo tempo que demonstrava uma proteção e intimidade que nunca havia percebido.

Comecei a reparar em como era o mundo visto daquele ângulo.

Na altura dos olhos, os tufos de mato pareciam altas árvores, quase inatingíveis. Por elas, uma aranha – então colossal – passeava pelos seus grossos e fartos galhos. Uma abelha tornava-se vistosa águia sobrevoando suas copas frondosas, enquanto me cumprimentava.

Sim, eu vi outro mundo! Um mundo verdejante, panteístico. Senti-me pequeno a ponto de fazer parte daquela densa floresta de relva gigantesca, águias amarelas que zumbiam e de gotas de orvalho que poderiam facilmente encher meu cantil.

E meu peito tomou-se de entusiasmo por pertencer a esta, agora também minha, terra azul e verde.



Capítulo XI



A ESPERA

AINDA EXTASIADO com as experiências ao longo da pradaria burgalesa, aportei em Hontanas, que, ao contrário de todas as demais freguesias que passara até aquele momento, acudi pelo alto, descendendo por via de pequenas casas unidas lateralmente umas às outras, seguindo a inclinação da colina. No céu, uma imensa e carregada nuvem formava-se a oeste, encobrindo o sol poente. Escurecia toda a Espanha.

Não tinha viva alma nas ruas ou janelas, todos recolhidos da chuva, providencial nestes dias de pleno verão. Um pequeno bar era a única porta aberta neste povoado. Coincidentemente, era reservado aos concheiros o sótão, com quarto e banheiro, que, embora não registrado em meu livro-guia como um refúgio oficial, nada me foi cobrado pela estadia.

Dia seguinte, saí antes da alvorada atrás das setas amarelas. Tinha acordado pela madrugada e perdido o sono, decidindo cair na vereda então iluminada pela minha lanterna e pelo longínquo clarão

da aurora ao nível do horizonte.

O mato úmido pelo orvalho noturno encharcava minhas botas, alcançando até as meias. Só ao final do dia descobriria o quanto esta negligência custou-me. O traçado descaía por ilhargas e pequenas ondulações. Estava em meio à grande meseta de Burgos, encurralado entre o verde das savanas e os vastos campos de ouro das plantações de cevada, em uma região chamada pelos andarilhos de Rota do Silêncio.

Uma jornada melancólica pela solidão de meus passos e a falta de aldeias em mudos quilômetros de panoramas sempre iguais, o que me levou a profunda introspecção, algo muitíssimo comum aos andantes jacobeus que passavam tediosas horas – ou até dias – a sós pelas trilhas.

Tempos depois, o trajeto desembocou numa pista demarcada por altas árvores enfileiradas em ambos os lados, formando um imenso corredor vivo até Castrojeriz, lugar de origem visigótica e palco de sangrentos combates entre sarracenos e cristãos nos séculos IX e X. Por via das dúvidas, um forte no alto do monte até hoje guarda a cidade.

Após selar minha credencial na igreja de Nuestra Señora del Manzano – em cujo portão estavam pregadas as ferraduras do cavalo branco de Santiago Mata-Mouros – parti para mais uma dura caminhada em forte elevação pela Colina de Mostelares, um monte que se punha entre mim e Itero de la Vega, meu objetivo do dia. Um enorme sacrifício, dado o cansaço e as dores nos pés.

Atingi o platô de forma desumana, desleal, em uma escalada vertiginosa de quase uma hora. A partir daquele ponto, cruces de madeira – dezenas delas – marcavam o itinerário quieto e plano através das restevas.

O rio Pisuerga dividia as Províncias de Burgos e Palencia. Mas antes de tomar a ponte, uma construção retangular como uma pequena fortaleza – de paredes lisas e sem decorações, que mais parecia uma caixa de pedra – erguia-se em meu caminho, escondida na planície recoberta de arbustos ressequidos, sem nenhum sinal de vida por várias milhas.

Constatei ser uma capela, San Nicolás del Puente Fitero, onde no século XIII funcionou uma albergaria de concheiros. E, para a minha surpresa, pregada à grossa porta de madeira, uma folha de papel escrito à mão indicava: Refúgio de Peregrinos.

Entrei deslumbrado com suas formas simples, de abside, colunas, nervos e arcos protogóticos. A luz caía de pequenos vitrais, colorindo o ambiente e dando vida às suas pedras.

A Ermida de San Nicolás acabara de ser restaurada com patrocínio da Ordem Militar dos Cavaleiros de Malta e posta sob custódia da Confraria de Santiago da Itália. Por estar no meio do caminho entre duas cidades, Castrojeriz e Itero de la Vega, e também por não constar nos livros-guia, os viajeros acabavam desprezando este “albergue”, primitivo Hospital de peregrinos.

Duas hospitaleiras, Paola, italiana, e Marta, de Madri, membros da Associação e da Ordem, dão-me boas-vindas já sabendo de antemão o meu nome: dias antes haviam hospedado o grupo de ciclistas americanos liderados por David. Já instalado, vi o estrago causado pelas botas e meias molhadas em meus pés: enormes bolhas em ambas as solas, algo inimaginável a quem nunca trilhou sendas peregrinas.

Após o banho, quando a tarde morria no oeste, fui chamado por elas que me puseram sem maiores explicações numa cadeira posicionada estrategicamente no altar, mandando-me ficar descalço.

Ao meu lado estava Xavier, um galego que iniciou a jornada pela Via Aragonesa e chegara ao crepúsculo. Como não havia luz elétrica no templo, velas iluminavam o recinto dando um tom fantástico àquele lugar, onde não era muito difícil sentir a presença dos antigos peregrinos que por séculos ali também se albergaram.

Estando há tantos dias no Caminho e após ter passado por tantas e tantas experiências magníficas, achava que nada mais poderia me surpreender.

Estava muito enganado.

Minhas hospitaleiras vestiram capas negras com a cruz vermelho-sangue de São Tiago de Compostela bordada e puseram uma

bacia de ferro com água no chão.

Para o nosso espanto, elas lavaram e beijaram nossos pés.

E sob pomposa investidura, como em Roncesvalles, ganhamos a bênção exatamente do mesmo modo que o faziam aos antigos peregrinos:

– Em nome de Cristo lhes acolhemos no Hospital de San Nicolás. Que o descanso lhes conforte e repare suas forças para que continuem o Caminho.
Amém.

Em seguida, convidaram os dois emocionados hóspedes para uma farta ceia oferecida por elas e pela Confraria. Minha viagem, então, recuperava o sabor místico de seu início, algo que já havia sido diluído pelo dia-a-dia da marcha.

Com o peito inundado de alegria, fui dormir guardado por aquelas pedras seculares no silêncio absoluto. Meu colchão foi posto ao lado de duas tumbas de monges que, assim como Paola e Marta, certamente naquele mesmo local serviram outros andarilhos séculos antes. A história se repetia.

Abandonei a Província de Burgos ao amanhecer pela ponte medieval de onze arcos, com sorriso de criança estampado no rosto e olhos. Talvez sentindo a mesma felicidade que o Milton experimentou no dia de *Corpus Christi*.

“O Caminho é mesmo sábio”, pensei.

Até Frómista, que marcava o final de mais uma etapa do roteiro de Aymeric Picaud, foi um passeio agradável sob teto encoberto por nuvens de chumbo, recortando trechos campestres irrigados de verde exuberante e povoados de corvos, em uma visão dramática que parecia tirada de um quadro de Van Gogh.

Como não havia abrigo disponível para todos, a prefeitura im-

provisou barracas de *camping*. Uma ótima solução, visto que as rotas começavam a ficar a cada dia mais concorridas dada a chegada das férias escolares.

Frómista era um local em que os forasteiros tinham uma real impressão do que foi a Espanha nos tempos áureos das peregrinações medievais: a Igreja de San Martín de Tours. Magna obra de linhas perfeitas, sóbrias e equilibradas, ápice do estilo românico que penetrou em terras ibéricas através da Estrada de Santiago.

Seus capitéis somavam-se às dezenas, conjuntos soberbos de entalhes na pedra. Viam-se cenas bíblicas inteiras, motivos vegetais, animais nobres – lobos e leões –, monstros dantescos do bestiário feudal e símbolos metafísicos.

Eles ensinavam a fé aos iletrados, a ampla maioria da população antiga, representando suas histórias no granito. Já aos “iniciados”¹, iam mais além, dando emblemas e metáforas a serem decifrados. Mensagens herméticas gravadas à eternidade.

Até os dias de hoje, os capitéis do Caminho de Compostela formam um manancial de saber, à disposição dos modernos viajantes.

Outra vez unido, no dia posterior, aos velhos amigos “quarentões” para uma nova etapa, dividimos nossa comida em um farto café da manhã e caímos na estrada pelas zonas agrárias de Palencia, em uma região conhecida como “Terra de Campos”.

Passamos por vilarejos que, apesar de modestos, ostentavam suntuosas igrejas góticas e renascentistas, algo muito comum ao longo de todo o trajeto peregrino. Ao cruzar uma várzea deserta por diminutos ramais em meio à vegetação alta, uma das três vieiras pregadas na mochila engatou-se em um galho seco, fazendo-me levar uma forte queda, agravada pelo tamanho e peso da bolsa.

Ainda recuperando-me do susto, notei que a concha arrancada da mochila também se precipitou ao solo, a poucos passos de onde eu estava.

1 Pela natureza de sua alcunha, São Tiago Apóstolo, o chamado *Boamerges* – Filho do Trovão – tem domínio sobre o fogo, a mágica e o milagroso. Por isso, ele gozou especial devoção dos alquimistas que chegaram até a chamar a Rota de “Caminho da Morte” ou “A Grande Obra”.

Não sabia bem o porquê, mas resolvi deixá-la ali mesmo. Muito tempo depois, semanas mais tarde, entendi o real motivo desse ato.

Retomei o curso com alguns arranhões nos braços e joelhos, porém confortado pelas correntes brincadeiras de meus amigos e amigas. Ao redor, extensos campos marrons de terra arada esperando o plantio, com sulcos recém-abertos em longas formas onduladas, quase infinitas, que se estendiam ao vale.

Em Carrión de los Condes, recebemos estadia na Igreja de Santa María del Camino, um lugar que, cinco séculos antes de um certo Cabral aprender a navegar, já era hospedaria de peregrinos. Um quarto simples com colchões novos era um verdadeiro lar dos exauridos concheiros; todos protegidos pela padroeira, Nossa Senhora Peregrina – segurando o cajado e sob manto adornado com vieiras – , e por José Mariscal, o pároco responsável, que tratava os caminhantes como membros da família.

Na cozinha daquela antiqüíssima abadia, fizemos nossa comida, unindo nossas provisões aos suprimentos de outros grupos de viajantes. O alegre jantar no refúgio era como olhar por um caleidoscópio: uma verdadeira Babel de línguas e culturas.

Um casal de valencianos, Juanjo e Pepa, uniu-se à mesa. Eles contaram, animados, que uma senhora de Azofra – povoado vizinho a Nájera que passei havia uma semana – tinha lhes dado uma moeda de cobre cunhada pela vila que remontava um costume feudal: ela seria o pagamento adiantado pelas orações feitas pelos peregrinos ao chegarem a Santiago em intenção da pessoa que a deu, ou melhor, que “pagou” a reza.

Juanjo percebeu que eu fiquei muito decepcionado por não ter encontrado ali a tal mulher e revivido esta antiga tradição. Logo, presenteou-me a moeda sob a mesma condição: que eu rezasse por ele em Compostela.

Aceitei de imediato o “contrato”, lembrando de que, ao efetuar o “pagamento”, eu deveria incluir na prece também a senhora de Azofra.

O dia ulterior amanheceu sob mormaço e trilhei – então so-

zinho e cultivando o silêncio – vias que se espraiavam entre a vegetação agreste e torrões de capim. Foram dezessete quilômetros de uma infundável planície nua e totalmente despovoada, sem ninguém à vista, nem fontes, árvores ou sombras. Até mesmo o vento decidira fugir destas paragens infecundas.

Um trajeto áspero de solo pedregoso que me pegou desprevenido, sem provisões nem água, fazendo-me padecer de fome e sede debaixo do sol implacável.

Seis horas depois, apontei em Calzadilla de la Cueva, recolhendo o que sobrou de meu corpo e entusiasmo em uma cantina. Um bom vinho me reanimou a persistir além pelos prados secos, para então invadir Terradillos de los Templarios com suas casas marrons de tijolos de barro cozido. O exato lugar em que, diz a lenda, foi enterrada a “galinha dos ovos de ouro” dos frades-guerreiros do Templo. Uma explicação popular para a rápida ascensão e, não menos veloz, queda dessa Ordem monástica.

Ao fim da tarde, após um dia inteiro de paisagens desoladas pela aridez da terra, em um povoado foi-me oferecido abrigo em uma escola com aparência de estar abandonada desde o Ano Santo passado, onde dormiria entre velhas carteiras.

Embora esgotado, prossegui por mais dez quilômetros visando atingir a próxima cidade, Sahagún. Uma decisão errônea, já que tinha calculado mal o tempo e a minha condição física.

Pela primeira vez até então, escureceu enquanto eu ainda não havia alcançado o destino. Sorte que já estava em uma auto-estrada e não em meio às ermas picadas por campinas cultivadas ou matagais, o que me faria perder a direção e dormir ao relento.

Sahagún conservava monumentos com influências da arquitetura moura, remanescente dos velhos senhores destas terras, que, conquistados pelos cristãos, não esqueceram suas raízes. Fundada segundo a mitologia por Carlos Magno, teve dentro de seus muros uma das mais poderosas congregações de toda a Europa, os Monges Beneditinos de Cluny, primeiros divulgadores das peregrinações.

Decidi passar o dia seguinte inteiro naquela cidade, a primeira

da Província de León, tratando dos pés feridos e recuperando os joelhos da semana cansativa como havia receitado o médico em Pamplona.

Na praça maior, achei meus festeiros amigos espanhóis, que continuaram a viagem após almoçarmos. Despedi-me de cada um com uma calidez desproporcional para quem tinha combinado se encontrar dois dias à frente. Era como se interiormente soubesse que nunca mais os veria.

E, infelizmente, esta foi a última vez que me deparei com os “quarentões” no restante de meus dias no Reino da Espanha.

Eles foram bons companheiros. Em tão pouco tempo nos tornamos amigos. Com quase toda certeza, também nunca mais nos veremos. Mas isso era algo que teria de me acostumar durante todo o longo percurso, cheio de encontros engrandecedores e inevitáveis despedidas.

A facilidade e rapidez com que as pessoas entravam e saíam de minha vida pelo Caminho era realmente assustadora.

Após um dia inteiro de repouso, apertei o passo bem cedo em manhã ensolarada, sem nuvens. Em vez das setas amarelas, as trilhas rurais de chão de calcário estavam sinalizadas por monólitos de três metros com a cruz de São Tiago – em forma de espada – ao ápice.

Do mesmo modo como em vários outros itinerários, havia também intermináveis trechos sem nenhuma indicação. Assim, quando as marcas amarelas e os monumentos escasseavam, procurava localizar-me pelo sol, a bússola ou a intuição. De resto, era seguir em frente pedindo a São Miguel que me guiasse em cada encruzilhada. E eram muitas.

Através do imenso e monótono horizonte arbústico de terreno plano, desprovido de árvores, usava o cajado não mais como base de apoio, a tão necessária “terceira perna” dos ascensos às montanhas, e sim um instrumento que dava cadência a meus passos.

Como uma batuta nas mãos de um maestro, suas ritmadas e extremamente fortes batidas ao solo decretavam o compasso de minhas pernas e, em especial, estimulavam a mente a ir adiante.

“Sempre além! Sempre a oeste!”, parecia ouvir a cada passo, a cada légua. Cada vez que a madeira dos Pireneus tocava aquele chão seco e duro de León.

Depois de uma grande reta de quinze quilômetros passando por currais de ovelhas, arroios sem água, cardos, silos, torres onde se criam pombos – os típicos *palomares* – e austeros vilarejos de casas recobertas de massa de barro e palha, parei no refúgio de Burgo Raneiro para uma *siesta*, costume espanhol que imitava nos dias mais cáusticos.

Ainda que cedo, o amplo albergue da localidade já estava praticamente lotado, sendo maioria os ciclistas. O calor sufocante nada diminuiu pela tarde e decidi ficar por lá mesmo. Também reencontrei o Milton e acabamos, como bons brasileiros, passando horas em um bar em frente da nossa estalagem.

Ele havia conhecido na noite anterior os meus amigos “quarentões” e já sabia de meus últimos dias, inclusive de minha queda cinematográfica. Já eu, de tão contente, quase não o deixei falar, relatando com detalhes aqueles últimos – e perfeitos – dias pelos ensolarados campos de Burgos e Palencia, enquanto o dono do bar esforçava-se para não deixar vazios nossos copos de vinho e ouvir aquela língua tão parecida com a sua, mas que pouco entendia.

Foram dias felizes, sim. Árduos fisicamente, porém completos de experiências. De amizades e alegrias. Histórias e antigas tradições. Tempos de tranqüilidade interior que resplandecia em minha face, fazendo-me sorrir para as pequenas coisas do mundo à medida que subjugava diariamente as dezenas de obstáculos impostos pela Rota.

Porém, sabia que aquilo tudo estava prestes a acabar.

Sentia que ainda havia muitas experiências e aprendizados pela frente. Intuí que, cedo ou tarde, várias inquietações do passado viriam à tona depois de uma longa hibernação. Que muitas coisas teriam de mudar dentro de mim. E como toda mudança, haveria a dor e o medo.

Pois logo chegaria o tempo do encontro e da separação. Do choque entre o novo e o velho. Entre a mão esquerda e a direita.

Tempo em que o grande Caminho de Santiago seria percorrido de uma forma diferente: por dentro.

Assim, tratei de pedir mais uma garrafa de vinho no balcão do bar de Burgo Ranero. Tinha de aproveitar ao máximo aqueles momentos de paz e sol.

Poderiam ser os últimos.

Capítulo XII

A SOLIDÃO

QUEM COMIGO CRUZOU naquele início de manhã pelas cálidas rotas peregrinas de Palencia, com certeza notou apreensão e angústia em minha tez. Nas palavras, raras e vagas, inquietação. Ansiedade. Talvez por isso eu tenha caminhado com uma rapidez acima do normal, não dando espaço a ninguém que quisesse puxar assunto.

Melancolia tomava conta de meu peito, mas sem ainda invadir de inteiro meus pensamentos. Sentia uma dor que, por medo, nem de longe tentava saber seu real motivo. Temor de algo ora desconhecido mas que – eu bem sabia – tentava esconder-se sob véu de seda.

Entrei por arroyos e vales desertos em doze quilômetros de uma planície que parecia não terminar nunca. Em certo ponto, a linha férrea atravessava o Caminho de Santiago e, de repente, como que surgido do nada, a monotonia lúgubre dos prados foi quebrada com alegres acenos dos passageiros de todos os va-

gões e apito forte do comboio, alegrando um pouco que seja um coração peregrino abatido.

Até as proximidades da cidade de León foram mais sete horas seguidas de marcha em terreno uniforme, em que a todo momento esquivava-me do contato com outros colegas. No fundo, eu necessitava mesmo de solidão.

Igual a Burgos, a chegada foi difícil pelo trânsito pesado e pela agitação da metrópole. Passada a periferia, alcancei o centro histórico cercado por muralhas, achando depois o lugar reservado pela prefeitura neste Ano Santo como hospedaria, não sem antes seguir várias pistas falsas.

Comprovando o ditado de que “quanto maior a cidade pior a estalagem e o tratamento dispensado aos peregrinos”, fui largado em uma ala vazia de um orfanato, um daqueles prédios funcionais sem personalidade, grande demais e gélido.

Alguém nos corredores imensos falou por alto de uma abadia que também oferecia acolhida. Sem pensar duas vezes, arrumei a mochila e caí fora, achando no velho bairro judeu o Convento de Monjas Beneditinas de Santa María del Carbajal.

Fui levado por uma freira ao ginásio do colégio anexo ao Monastério, estendendo o saco de dormir no chão, onde outros ali mesmo já cochilavam entre as linhas coloridas da quadra.

Não havia lugar para lavar a roupa, e a água da ducha, de início queimante, esfriava nitidamente no momento em que outros iniciavam o banho ou apenas usavam a pia. Agradável, somente a conversa no fim do dia com algumas abadessas ávidas por estimular o moral dos que, assim como eu, já sentiam no corpo e na alma os muitos dias seguidos de esforço titânico.

Apesar do tamanho desconforto, aceitei, agradecido, a estadia sem reclamar. O Caminho começava a me fazer deixar de lado certos bens materiais como também pequenos luxos e vaidades. E o chão duro do ginásio desportivo acabava se transformando em uma grande lição de vida.

Peguei no sono rapidamente naquele pátio frio e escuro. Estava mesmo cansado já que havia aproveitado a tarde para visitar

os inúmeros monumentos de León, em especial, sua Catedral gótica construída sobre um castro romano, afamada por seus soberbos vitrais – mais de 780 conjuntos –, um dos melhores exemplos nesta arte, recobrando 1.800 metros quadrados de suas paredes. Pareciam fontes irrompendo cores para um mundo inteiro oculto naquele santuário.

Pela madrugada, perdi a conta de quantas vezes acordei sobressaltado, dada a completa escuridão, sem lembrar onde estava e o motivo das dores nas costas. Embora já tivesse passado por experiências similares no tempo em que fui mochileiro “morando” em estações de trem na Europa, acordar no chão não era coisa a que estava bem acostumado.

Levantei-me cedo com o corpo inteiro dolorido, prevendo a etapa dura que estava pela frente em autopista. Lento e reservado, cruzei povoados de beira de estrada até Villadangos del Páramo. Em um deles, Virgen del Camino, uma igreja escondia no seu interior uma prosaica lenda da miraculosa aparição da Virgem a um pastor.

Na freguesia seguinte, Villadangos, local em que no século XII enfrentaram-se tropas da rainha Urraca e de D. Afonso, esposa e marido, comprei suprimentos e fiz curativos nos pés – que já me levavam a esquecer definitivamente dos joelhos, aliás. Na farmácia, comprovei o que minhas roupas há tempos mostravam: havia perdido seis quilos desde Saint-Jean-Pied-de-Port.

Também conheci outra igreja singular, a de São Tiago Apóstolo, cujo piso do átrio era adornado por mosaicos feitos com pedras brancas ovais de rio e – descobri pasmado – ossos humanos, provavelmente sacados de carcaças de peregrinos enterrados ao redor do templo.

O refúgio municipal estava apinhado de gente, principalmente “novatos” que iniciaram em León suas jornadas. Embora já estivesse confortavelmente instalado numa cama, as vozes altas e prolixas começavam a me enfadar. Assim, a alternativa foi andar mais dez quilômetros até o próximo albergue pela auto-estrada e sob forte temporal. Uma péssima escolha.

Rios desaguarão do altíssimo. Cachoeiras densas, frias, que se espatifavam em meu corpo, pipocando continuamente sobre a mochila, ombros, e cabeça.

Traziam até a mim um céu liquêfeito. Pedacos sonoros de nuvens.

Pouco antes de escurecer atravessei, extenuado, a imensa ponte de dezenove arcos sobre o rio Órbigo, que marcava, além do passo dos concheiros através dos séculos, uma história de amor.

Contam que nos idos de 1430 um nobre das cortes de Castela, Dom Suero de Quiñones, decidiu provar seus sentimentos pela donzela mais bela da região, desafiando em combates eqüestres todos que, por aquele mesmo elevado, desejassem passar “com honra”.

O repto foi lançado e propagou-se rapidamente por toda a Espanha e países vizinhos: de longe vinham cavaleiros ávidos a demonstrar sua coragem e a pegar em armas contra Dom Quiñones e nove comparsas. Diz-se que, ao final de trinta dias de intensas pelejas, esse “Quixote” rompeu 300 lanças, conquistou sua amada, e seu périplo ainda serviu para inspirar Cervantes.

E não foi difícil identificar-me com Quiñones e sua história cavalleiresca. Só que, no lugar de homens, eu desafiava a mim mesmo.

Fui posto em tendas de campanha cedidas pelo exército em um aconchegante bosque de pinhos. Meu estado físico e de espírito deu margem a comentários das voluntárias que atendiam os viajantes. Também pudera: eu estava todo molhado, lóbrego, com as botas sujas de lama até as meias e descascando a pele corroída pelo sol.

Repousava o corpo enfraquecido ao tempo que a tormenta passava e o ocaso exibia seus últimos raios fugidios por detrás do arraial de Hospital de Órbigo. Estava, enfim, em uma barraca particular, gozando da privacidade que tanto aguardava. Um prazer dúbio. Solidão que começava a me incomodar.

Se naqueles últimos dias me esforçava em ficar sozinho, tinha é claro um motivo, mesmo que ainda não completamente revelado.

Mas também um prazer egocêntrico e mesquinho de “não precisar de ninguém para decifrar as minhas questões e enfrentar meus dilemas”.

Só que, em meio a tudo isso, também sentia aflição, melancolia. Um caldeirão de emoções. Como que comandando ao timão um navio diante da tempestade. E não havia ninguém na casa de máquinas.

Completava meu 25º dia de viagem ao levantar com o corpo recuperado, mas com a mente ainda ansiosa e conturbada, temerosa às imagens distorcidas que há três dias me assolavam, mas que já começavam a tomar forma.

Um verdadeiro embaraço de idéias. Era como se tudo ao meu redor fosse um velho novelo de lã emaranhado. E havia então achado, em meio à desordem, o início e o fim da linha.

Até as proximidades de Astorga, foram doze quilômetros saltando pequenos desníveis por sendas isoladas, mas que em nenhum momento as bolhas nos pés ou a antiga dor nos joelhos foram sequer recordadas. Do mesmo modo, não me lembro de nenhum detalhe especial, muito menos de algum peregrino que tenha eventualmente encontrado pelas trilhas.

Eu estava entregue ao que o Caminho impunha e queria o mais cedo possível acabar com aquela luta. Batalha entre o velho e o novo.

Até que tomei coragem de finalmente perguntar o motivo de tantos conflitos. Saber o que a solidão tinha para me ensinar. E, entre as picadas irregulares que traspassavam capões, eu sabia que era chegada a hora de despir-me. Jogar fora conceitos e preconceitos. Aquela carga pesada. Fardo que todos nós carregamos por muitos anos de nossas vidas e que logo eu teria – mas não sem dor – a oportunidade de aliviar.

O mais difícil era saber que a escolha era minha e de mais ninguém.

Depois de algumas horas – que devem ter sido fisicamente duras dado aos ascensos, não recorde –, de cima da montanha pude ver plantada no vale toda a cidade de Astorga, dominada pela torre de sua Catedral e guardada pelos restos de muralha romana.

Ali, sentado nos pés de um cruzeiro de pedra, também visualizei toda a minha vida sendo passada a limpo em poucos minutos, como um filme antigo sem falas, de rotação acelerada e cenas desastrosas.

Eu estava nu. E meus olhos ora se orgulhavam, ora muito se entristeciam pelo que viam.

Capítulo XIII

A MORTE

Se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto.

João, 12:24

NOS TEMPOS DE domínio romano, Astorga distinguia-se por ser uma encruzilhada de caminhos, estradas em que se escoavam riquezas das províncias do Ocidente, encontrando-se ali as famosas Via Traiana e Rota da Prata.

Em encruzilhada também estava um peregrino. Andarilho de tempos modernos absorto por um trajeto que, de onírico – cheio de lendas cavalheirescas, milagres, epopéias de tempos heróicos –, tornara-se veloz e incrivelmente real, palpável. Seco, duro. Como quem acorda de um sonho bom, querendo, desesperadamente, continuar dormindo e sonhando – e, claro, não consegue.

A via asphaltada conduziu-me ao leve cerro em que pousava a cidade. Dois animais mortos recentemente coincidiram com meus passos: um gato branco, ainda filhote, outro preto, adulto, atropelados na ânsia de atravessar a rua e mudar seus mundos.

Corpos de pequenos mamíferos e pássaros eram comuns de se encontrar ao longo de todo o roteiro, principalmente nas rodovias,

mas só agora reparava neste detalhe, pormenor que certamente traria algo de novo a meus pensamentos tão desalinhados.

Astorga estava recolhida para o almoço e *siesta*, enquanto um oficial da Defesa Civil, notadamente a contragosto, conduzia-me até o outro lado da cidade onde haviam instalações livres em uma escola pública. Fiquei em uma sala de aula abandonada com as férias do meio do ano, deitando meu saco de dormir em colchões não muito novos largados no chão.

Resquícios de construções e lendas do Império Romano sobreviviam em cada canto da cidade, cuja história somava além de 2.000 anos. Restos das ancestrais muralhas, Catedral gótica do século XVI, prédios barrocos e o Palácio Episcopal centralizavam a atenção dos visitantes.

Neste último, obra neogótica do genial catalão Antonio Gaudì, conheci o Museu dos Caminhos, com rica coleção de objetos referentes às peregrinações. Eram velhos mapas, cajados, imagens sacras, hábitos com vieiras bordadas e, o que mais me chamou a atenção, um curioso livro de registro de óbitos do hospital de Manjarin, um povoado hoje abandonado que em poucos dias alcançaria.

Li o desfecho da vida de dois peregrinos, um francês e um alemão, que no dia 1º de setembro de 1787 sucumbiram ao Caminho, mostrando a *causa mortis*, idade e demais detalhes.

Sua caligrafia esmerada e tão rica em rebusques contrastava com a informação contida. Imaginava seus rostos, suas roupas, como seriam aqueles pobres homens que pereceram ao cansaço e à doença ainda tão longe do destino almejado. O livro não me saía da cabeça.

Sentado em um bar de beira de calçada, via grupos de andarihos chegando. Uns dirigindo-se diretamente à estalagem, outros persistindo no trabalho por mais algumas horas e quilômetros. Crianças aos bandos brincavam nas ruas, e os mais velhos procuravam as sombras mais robustas ao sol ainda forte.

Mas a placidez exterior era inversamente proporcional ao meu desassossego: aqueles dois nomes escritos no livro de óbitos de

Manjarin iam e vinham em meus pensamentos, a cada respiração, em cada piscar de olhos, e não sabia o que fazer.

Haviam tocado em uma região obscura de minha alma, deixando sua porta entreaberta, desprotegida.

Foi então que a angústia retomou o meu peito, seu velho camarada, que, de tão íntima, nem precisava mais ser anunciada à porta. Ela arrancava do seu esconderijo antigos temores e feridas que se ocultavam pelos cantos da casa e debaixo do tapete.

Na verdade, nestes últimos dias a imagem da morte chegara de forma muito ativa ao meu lado. E, desta vez, não era mais a beleza enigmática dos capitéis românicos e seus simbolismos alquímicos que falavam da grande “morte iniciática”. Agora era algo mais palpável. Verdadeiro.

Recordei pessoas queridas que se foram, amigos e familiares. Também outros meros conhecidos ou até personagens que somente vira na televisão. Tornei a conversar com a morte, algo que no início da adolescência era tema de preocupações e torpor e que, neste momento, regressava como uma antiga companheira.

Só que desta vez não mais a rejeitaria: eu a sentia dentro de mim.

À estrada estava posto dia ulterior bem cedo. Pretendia percorrer o traçado histórico por vinte quilômetros até Rabanal del Camino, o começo de uma etapa difícil de dois dias pelas montanhas.

A paisagem aos poucos ia mudando: ao redor não existiam mais cultivos e hortas, e sim um campo árido e ocioso, em que a sobrevivência parecia espinhosa para seus habitantes. A trilha fazia uma elevação considerável, mas paulatina, quase imperceptível. Com o passar dos quilômetros, o solo ficava mais estéril, e as aldeias que sucediam, ainda mais pobres.

Seu povo, no entanto, não demonstrava suas agruras, e eu era saudado com acenos e sorrisos; alguns que interrompiam seu tra-

balho para conversar com os peregrinos e abastecer-lhes de água e biscoitos, até.

Com este encontro mais direto, constatei a particularidade de traços físicos dessa gente forte e alegre, remanescentes de uma etnia conhecida como Maragata, descendentes da miscigenação de europeus, ciganos, judeus e árabes.

A visão quase mística da morena-moça de olhos mouros, grandes e negros, corpo de volumes perfeitos, gestos desleixados, quase infantis, fez-me esquecer as atribulações que me assistiam naqueles dias e lembrar, por muito tempo, pela então candente Rota de Santiago, o nome de um povoado, homônimo daquela bela mulher: Catalina.

Em mais uma vila típica, El Ganso, com suas casas de teto de palha e ruas vazias, sosseguei em um estábulo de madeira transformado em bar. Uma espumosa cerveja e alguns andarilhos acompanharam-me, enquanto lá fora poucas almas arriscavam-se a enfrentar o sol que reinava uno, absoluto no céu, sem nenhuma qualidade de nuvens.

Outros mais do mesmo grupo foram aproximando-se, na maioria madrilenos universitários que partiram juntos de Astorga para uma jornada de menos de 300 quilômetros até Santiago, todos empolgados com o Ano Santo.

Marchei junto com eles – éramos em treze no total – por duas horas, já sentindo a ascensão e vendo os rugosos vales castanho-amarelados bem abaixo, que em cada curva da estrada mostravam a sua beleza desértica. Um pouco adiante, avistamos um outeiro em que funcionou uma importante mina de ouro dos romanos, a Fucarona, uma das muitas existentes¹ nestes lados da Província de León.

O calor não atenuava e com muito esforço e sorte chegamos

¹ Fiquei sabendo depois que essa região, bem como outras cortadas pelo Caminho, é também riquíssima em quartzo em seu subsolo, sendo esta uma das explicações dadas pelos “místicos” sobre o imenso poder telúrico da Rota Jacobea.

todos vivos a Rabanal del Camino, final da nona etapa do *Codex Calixtinus*, bela e remota localidade na orla da montanha, cujas pedras de xisto rosadas de suas casas e do chão de suas passagens ainda se lembravam das histórias de muitos séculos seguidos de peregrinações. A igreja octogonal de Santa María, obra dos Cavaleiros Templários, era prova disso.

Almoçamos juntos no bar El Camino de Santiago que rivalizava com o pequeno restaurante El Peregrino a atenção dos poucos que por ali se aventuravam. Dominique, o francês *hippie* que não encontrava desde Belorado, uniu-se à trupe. Antes mesmo de fazer a digestão, todos caíram na estrada, já que o albergue estava, para variar, lotado.

A rua maior do povoado levou diretamente à senda rústica que prosseguia galgando a cordilheira, sempre rumo oeste. O grupo era divertido: comandados por Oscar e Miguel, faziam piadas e dedilhavam ao violão minhas canções preferidas do Queen.

Confesso que nestes últimos tempos havia esquecido o prazer simples de trocar algumas palavras. E era bom sair um pouco da carcaça e dividir experiências com aqueles novatos, que, com minhas histórias, divertiam-se e aprendiam um pouco sobre o Caminho. Afinal, depois de tanto tempo na estrada, eu já era técnico em rotas, bolhas, calçados e vinhos.

Mas sabia que aquilo tudo era uma farsa: eu estava tentando demonstrar para aqueles entusiasmados concheiros – e também a mim mesmo – somente a parte boa do percurso, sem expor em nenhum instante as dúvidas por que estava passando.

Não falei da morte, da falta de fé, da pouca coragem. Da guerra que se travava em meu peito. Dor e cansaço.

Assim, tratei de inventar logo uma desculpa para desvincular-me do grupo, quando em uma curva na ladeira oriental do Monte Irago vi as primeiras construções de Foncebadón, antiga povoação no alto da serra, hoje abandonada, à exceção de uma só casa. As fotografias a serem tomadas daquela cidade-fantasma foram o álibi que a minha solidão necessitava.

Fiquei naquele lugar sombrio por duas horas, sozinho, escutando o ladro de cães não muito distante. Por estar em um declive, ao vento forte rolavam algumas pedras soltas pela rua principal que por séculos coincidia com o Caminho, dando uma visão sinistra ao lugar.

Seus prédios centenários desvalidos, casas com janelas cerradas por tábuas de madeira, algumas com o teto desabado, outras totalmente em escombros, contrapunham-se ao poder que Foncebadón usufruiu no passado, onde se encontravam vários hospitais de peregrinos e que foi palco no século X de um importante concílio da Igreja.

A *secura do solo*, tanto quanto a ausência das grandes levas de concheiros, condenou décadas atrás a sua destruição.

Apenas uma senhora camponesa, Dona Maria, resistiu bravamente e, até hoje, ainda vive no local com seu filho. Contam que, quando o arcebispo de León mandou que tirassem os sinos dos restos da igreja-matriz, a fim de os trasladarem a um museu, Dona Maria subiu na torre e pôs-se a jogar pedras e palavrões aos que tentavam realizar o trabalho. E as campanas continuam lá até hoje.

Tive o prazer de cruzar com ela que respondeu rapidamente aos meus cumprimentos, em seguida subtraindo-se pelas ruínas da cidade em que nasceu e viu com seus olhos ser pouco a pouco destroçada pelo tempo.

O trajeto insistiu aos montes extremos da Província em meia hora de subidas, até que avistei em uma paragem desabitada o que era considerado o mais belo monumento de todo o Caminho.

Não se tratava de nenhuma catedral gótica, cidadela medieval ou ponte românica: era um simples mastro de madeira de cinco metros cumeado por uma cruz forjada em ferro, cuja larga base de dez metros de raio e quatro de altura era formada por centenas de milhares de pedras, a maioria posta metodicamente através dos séculos pelos peregrinos que passavam por lá.

Uma ode à humildade. Palavra-chave que todos os que vivem esta Rota acabam – cedo ou tarde – aprendendo o seu significado

mais abrangente.

Ali estava eu, defronte à emblemática Cruz de Ferro, marco prodigioso a 1.500 metros de altura. Lugar de culto anterior até mesmo ao Cristianismo. Paragem insulada a poucos metros das nuvens onde os romanos prestavam reverências a Mercúrio, deus dos viajantes, o mensageiro que trazia sabedoria aos homens de seu tempo.

Quiçá eu fosse também recompensado.

Realizei, jubiloso, um antigo ritual pagão acompanhado pela memória de homens que assim por centúrias o fizeram: colhi uma pedra nas imediações e acrescentei ao monte, aos pés do mastro de carvalho, sob a proteção da cruz, marcando a passagem de mais um peregrino rumo a seus sonhos e a Santiago.

Alguns metros ao lado, descansei à sombra de uma singela capela, a menor de todo o traçado. Ali, esperei a tarde definhar sem ser perturbado. Diante de meus olhos, a natureza mostrava-se em sua plenitude: um arco-íris saía de dentro da terra e tocava o firmamento, tendo ao fundo os verdes píncaros chamados pelos romanos de Montes de Mercúrio, e o passo de grupos de modernos andarilhos que, um por um, somavam pedregulhos ao cruzeiro. Cumpriam uma tradição.

Não sabia direito o motivo, mas de forma alguma desejava sair daquele lugar. Não antes do fim da noite que num instante tomaria os morros de León.

Era um sentimento confuso que partia das entranhas de minha mente.

“Meus novos amigos devem estar me esperando no próximo refúgio e talvez estejam preocupados”, presumia. Mesmo assim, um forte desejo – insano, desesperado – de ficar ali sozinho até o dia seguinte, dormindo ao relento, no chão, bem ao lado da ermida – que estava com a porta trancada – começava a vingar.

Na verdade, passava por uma enorme aflição: uma parte de mim queria impor-me uma prova, um teste para que defrontasse os medos que me assistiam de perto nestes últimos dias. Era como uma nova iniciação, um ensaio; um preâmbulo de tantas e tantas

respostas que o Caminho começava a confidenciar-me baixinho.

Outra parte, mais racional, achava tudo aquilo um risco desnecessário e uma perda de tempo.

Estava prestes a tomar uma decisão, quando o sol começou a afundar por detrás dos maciços e precipitava sobre meu corpo cansado um vendaval gélido.

Se escolhesse partir, teria que ser logo, pois em pouco tempo não haveria mais luz para trafegar em trilhas tão desertas nos morros. Se ficasse, trataria dos preparativos para uma noite fria e talvez perigosa.

Eu estava no coração do labirinto e tinha que decidir rapidamente entre fugir ou matar o Minotauro.

Pus o saco de dormir encostado na parede da ermida, que, se não dava abrigo, protegia-me da ventania. Nos Montes de Mercúrio, passaria mais uma noite no Caminho das Estrelas. Só que sem albergue, sem companhia alguma. Somente a luz refletida pela Cruz de Ferro, que na margem de meu olhar brilhava à lua cheia.

Sentia medo. Frio. Mas não estava arrependido. Intuí que deveria mesmo passar por aquela experiência; que, cedo ou tarde, o próprio Caminho iria botar-me em uma encruzilhada.

Era meia-noite. E, como um pavio longo cuja chama ansiosa está prestes a atingir seu objetivo, acendeu-se em mim uma idéia: resolvi de uma vez por todas colocar os pés no chão. Na terra. A mesma que testemunhou meus passos pela Rota de Santiago já por 600 quilômetros.

Voltei ao mundo real esquecendo as fantasias que carregava desde a minha partida. Sonhos de símbolos mágicos, lendas e milagres. Nada mais de santos que constroem catedrais com as próprias mãos, ou cavaleiro que se arrisca em um mês de violentos combates pelo amor de uma mulher.

Decidi enfrentar meus dilemas e medos cara a cara à escuridão, à solidão, à morte. De frente a mim mesmo. Pois sabia que

desafiando os meus fantasmas seguiria minha busca. Transformaria minha vida.

Agora restava torcer para que eu tivesse feito a opção correta. Que aquelas horas não demorassem a passar. Que eu não fosse engolido pelas estrelas nem por meus pensamentos.

Naquele momento, o meu mundo se resumia a uma cruz, uma ermida, a lua e a imensidão negra, fria, oculta ao meu redor.

Com o passar das primeiras horas, as angústias já haviam abrandado, assim como a calidez da tarde que se fora com o sol. Os velhos temores ainda poderiam povoar meu imaginário, mas nunca com a mesma força: havia desfeito seu encanto e roubado muito de seu poder.

Com a mente serena, vagando bem longe pelas selvagens colinas banhadas pela chispa tênue da lua, entendi que não era apenas o medo da morte física que enfrentava naqueles dias. Existia, sim, algo mais sutil por detrás daquilo tudo.

Era a morte, decerto. Só que o fim de um período e início de outro. Como alguém que um dia descobre que não é mais criança.

Recordei os vastos e verdes prados por onde passara lado a lado da solitude. Dias e semanas a sós comigo mesmo. Milhas de caminhadas onde meus olhos, de tanta beleza que viam ao redor, ficavam muitas vezes ofuscados, mudando então o alvo do olhar para dentro.

E foi assim por centenas e centenas de quilômetros, ora embevecido pelo Caminho, ora em guerra, em um pântano de emoções.

Talvez por isso os antigos alquimistas também chamassem a Rota de Santiago de Caminho da Morte; esta longa estrada iniciática que imita o curso do sol que se põe – e morre – no Ocidente. Pois igual é para os seus peregrinos: viajam dias a fio em direção oeste até os confins da Europa, ao tempo que ensaiam profundas transformações em suas almas.

Depois de tantas léguas no Caminho da Morte, sabia agora que

não eram só as minhas pegadas que iam ficando para trás. Havia meditado bastante em minha vida e, tinha certeza, deixado também muito dela pelos desertos campos da Espanha.

As empoeiradas convicções iam pouco a pouco caindo por terra através dos longos percursos; a cada passo, em cada flecha amarela. Verdadeira alquimia. O velho transmutando ao novo. Chumbo em ouro.

Pois o Caminho de Santiago havia sido bastante rígido comigo, proporcionando um amplo – e necessário – vazio dentro de mim.

E onde unicamente existia a solidão e o medo, este vácuo passava a ser gradativamente preenchido por coragem. Iniciativa de deixar à margem o que é passado e assumir o que viria pela frente com ânimo e responsabilidade. Como quem dá as primeiras pinceladas em uma tela nua ou mergulha na tinta a lã alva recém-tecida.

E então descobri o real significado da pedra que há poucas horas havia somado ao monte da Cruz de Ferro: ela representava o peso de meu passado; de meus erros e faltas. Meus enganos e mesquinhas. De tudo que é negativo de uma vida que, simbolicamente, tinha deixado para trás. Ali ao pé da cruz.

Sim, era esta a “morte” que o trajeto tanto impunha e que me seguia de perto naqueles dias: uma transição de valores e idéias. Mudança íntima. A semente que morre ao broto que dará muito fruto.

E era muito bom sentir-me bem vivo.

No céu, procurei feliz a imensa estrada de estrelas há séculos vislumbrada por Carlos Magno. O mesmo Caminho. Via Láctea, que em noites claras nos faz sentir tão pequenos diante de sua majestade.



Capítulo XIV

OS AMIGOS

O VENTO CORTANTE maltratava o corpo trêmulo e pouco agasalhado, transformando meu saco de dormir em uma fina coberta. Faltavam ainda pouco mais de duas horas para a alvorada e a imensa lua clareava um pedaço de céu, revelando vez por outra algumas nuvens carregadas que poderiam trazer chuva, algo que, certamente, infligiria sérios riscos à minha saúde. Não estava seguro disso, mas também achava ter sonhado com a cena da chuva.

Passavam das quatro horas da madrugada quando meus olhos entreabertos toparam a Cruz de Ferro. O frio glacial e o uivo longínquo de lobos eram as únicas provas de que não estava sonhando; de que realmente tinha feito aquela loucura de dormir sozinho ali no topo da montanha.

Só havia uma saída: arrumar os mantimentos e procurar abrigo no albergue mais próximo, dois quilômetros adiante, pela

trilha iluminada somente ao plenilúnio. Outra insanidade. Mas, pensando bem, quase nada comparada à aventura de quem percorre o Caminho de Santiago. Tudo aquilo – riscos, situações insólitas etc. – já começava a fazer parte de meu dia-a-dia.

Decidi então escapar do frio de bater os dentes avançando em passos trôpegos pela encosta dos montes, visualizando uma estrela que ardia solitária no céu, a leste, e as luzes de uma torre de comunicação do exército, a oeste, como pontos de referência.

O silêncio absoluto e a vastidão negra ao meu redor, em que mal podia enxergar a diminuta estrada, era aterrorizante. Porém controlava-me, seguindo sempre além com passadas largas e batidas fortes e ritmadas do cajado ao solo; lembrando que a provação maior acabara de passar horas atrás.

Em mais de trinta – intermináveis – minutos, meus pés esbarra-ram nas primeiras pedras de Manjarin, outra cidade, a exemplo de Foncebadón, abandonada. Dada a escuridão, apenas via penumbras de suas construções desabadas e nenhum sinal de vida.

Porém, meu livro-guia indicava haver naquela soturna localidade em ruínas um velho estábulo, lugar em que os peregrinos que não tivessem forças para continuar a penosa etapa pelas montanhas, ou fossem surpreendidos pela noite, poderiam albergar-se, ainda que sob conforto mínimo.

Era o único prédio habitado de toda a redondeza e foi difícil achá-lo em meio aos infaustos escombros de Manjarin. Tentei abrir seu portão de madeira – estava escrito em uma placa tosca “Refúgio de Peregrinos” – sem sucesso algum. Por fendas entre as pedras, vi uma lareira acesa que era prova de que havia gente lá dentro.

Desesperado pelo frio intenso, comecei a esmurrar a porta.

Foi então que gritos de pavor ecoaram pelos montes silenciosos de El Bierzo: todos os que lá dormiam imaginaram ser um fantasma que, às quatro e meia da manhã, assustava os cansados peregrinos, naquela cidade não menos assombrosa.

E foi difícil provar que era um andarilho em carne e osso. E que, se não abrissem logo aquela porta, aí sim, teriam um fantasma

acompanhando-os até Santiago.

Sob protestos de alguns, o refúgio foi aberto pelo hospitaleiro e peguei no sono ao chão, em frente à lareira, sem dar maiores explicações.

Às sete, o badalar bem perto de um sino – que minha imaginação sonolenta achou ter sido da igreja de Foncebadón – levantou-me de sobressalto. Era na verdade Tomás, o hospitaleiro, que saudava com as badaladas cada um dos primeiros concheiros que passavam na Rota de Santiago bem em frente à pousada de Manjarin, convidando-os para tomar o café.

Todos os outros acordaram ao mesmo tempo pelo inusitado barulho. E a primeira frase pronunciada por um deles, logo proferida em coro pelos demais, foi uma acusação bem-humorada:

– Brasileiro louco! Peregrino louco!

Neste clima alegre tomamos o café da manhã de Tomás, gratuito, diga-se de passagem, onde a história do “peregrino louco” que dormiu na Cruz de Ferro e virou assombração dos hóspedes de Manjarin era contada repetidamente aos que por ali chegavam, caminhantes e ciclistas, todos saudados pelo sino e convidados à mesa posta do lado de fora da estalagem.

Ali, conheci outros andantes e reencontrei alguns mais, saboreando o desjejum, banhado pelo sol matutino que raiava robusto sobre meus ombros e secava a estrada ainda molhada por chuva recente.

Sim, havia caído a chuvarada que vi em meu sonho e fiquei bastante aliviado por ter tomado a decisão correta.

Tive pouco tempo para conhecer essa “figura” que era Tomás, já que ele estava a toda hora cuidando dos demais viajantes ou arrumando alguma coisa em seu modesto albergue de pedra e madeira, onde um observador mais atento podia distinguir símbolos da Ordem do Templo, como, por exemplo, a gravura de um cavalo com dois homens em armas montados, além de auriflama com a cruz de oito pontas firmada em vermelho.

Segundo contou-me sem entrar em detalhes, ele abandonou tudo – emprego, família, amigos – para vir a este povoado em

ruínas e, aos poucos, erguer um refúgio digno com seu próprio esforço e recursos. Desse modo, esse senhor de olhos profundos e barba rala passava o ano inteiro revezando a solidão do inverno e a calorosa presença maciça de peregrinos no verão.

Assim como a Senhora Debril, Tomás, o “templário” – como o chamava –, era mais um personagem tradicional e carismático desta história, deste Caminho que se tornou também meu. E de todos que ali estavam sentados à mesa, não importando suas motivações ou objetivos. Uns por aventura, esporte, misticismo; outros, pela total falta de esperanças, que viam os dias na Rota como a última chance para mudarem suas vidas.

Antes de partir, como de costume contribuí com algumas pequetas à caixa de donativos e deixei um texto no livro de visitas do albergue, agradecendo a estadia. Páginas atrás, li uma belíssima mensagem em português, cujo autor dava a sua definição do que era “o amor e o céu”, afirmando ser algo muito parecido ao que havia encontrado pelo Caminho, em especial naquela pousada.

E foi enorme a minha surpresa ao ver a assinatura, descobrindo serem aquelas emotivas palavras de Flávio, o aventureiro de Florianópolis, mostrando como os quilômetros podiam modificar as pessoas; não só no sentido que davam à peregrinação, como também verdadeiras mutações em graus profundos de suas personalidades.

O sol abrasava mais a cada passo através da via asfaltada que circundava os morros, passando pela base do exército cuja torre de comunicação serviu-me de referência pela madrugada. A paisagem enchia meus olhos com a vastidão seca e desértica dos últimos panoramas leoneses.

Bem à minha frente, pude visualizar as altas montanhas que escondiam a outrora longínqua Galiza, terra em que pregou São Tiago, a ponta noroeste da Península Ibérica, local em que os antigos acreditavam ser o “fim do mundo” e que, inacreditavelmente, estava logo ali, do outro lado da serra, há não mais que dois dias de viagem.

Mas antes de abeirar os próximos cacifes, uma grande cidade,

Ponferrada, estendia-se junto a pequenos núcleos urbanos por um largo vale. Começavam então descidas bastante íngremes, nada pior para os joelhos: primeiro pela própria estrada, depois por picadas estreitas e perigosas onde passava somente uma pessoa de cada vez.

Atingi um povoado de uma rua só que se estendia pela ondulação da ilharga, El Acebo, cuja arquitetura chamou-me a atenção pela mudança repentina de estilo com o simples baixar da cordilheira: bangalôs de pedra de dois pisos, com sacadas e escadas exteriores de madeira e telhados em lâminas de ardósia.

Adiante do cemitério que arrematava a vila, um cândido monumento recordava um peregrino morto neste exato local em 1989. Ali, coloquei algumas flores do campo, amarelas e brancas. Nos caminhos que continuavam através das savanas, cruces de ferro de um metro fincadas ao solo indicavam o trajeto a seguir e expunham a demanda deste minério nas redondezas, como atestava o nome da cidade que manhã seguinte pretendia alcançar: Ponferrada, ponte de ferro.

Após infindáveis descensos, ancorei no burgo de Molinaseca salvando a ponte românica sobre o rio Meruelo, que represado formava piscinas naturais, àquela época, disputadíssimas.

E foi só colocar a mochila nas tendas de campanha verde-rajadas do exército transformadas em estalagem de andarilhos, que passei o resto da tarde naquele parque público cercado de colegas, a maioria espanhóis de diversas regiões. Uns velhos conhecidos, como Xavier, aquele que participou comigo dos rituais da Ermida de San Nicolás del Puente Fitero; outros recém-apresentados, que em poucos minutos tornavam-se íntimos companheiros.

Lá também encontrei mais um brasileiro. Era Fernando, aquele que supunha estar vários dias na frente, ao qual mandei por um ciclista uma mensagem de estímulo em Burgos. Carioca, da minha idade, ele iniciou o percurso em Roncesvalles e há três dias havia recebido o meu bilhete pelos “Correios Peregrinos”, comprovando a sua – incrível – funcionalidade.

No dia seguinte, a visão da fortaleza dos Cavaleiros Templários

à entrada de Ponferrada abrandou a minha comum falta de disposição matinal. Havia outros monumentos na cidade, mas decidi seguir viagem depois de visitar as ruínas de uma das principais bases daquela Ordem militar-religiosa, que, apesar de injustamente destruída pela intolerância e cobiça dos governantes europeus, ainda legou a nossos olhos igrejas e castelos como testemunhas de seu poder.

Atravessar um município de porte é sempre difícil para os que viajam a pé, principalmente se por longos quilômetros urbanos não houvesse sinalizações. Reencontrei o mesmo grupo com quem passei a tarde em Molinaseca e prossegui com eles pela autopista, tomando localidades contínuas acompanhados de tráfego pesado com sua poluição eólica e sonora de sempre.

O sol não amainava, forçando-nos a parar no segundo terço da etapa na freguesia de Cacabelos – em cujas varandas cultivavam-se cores em vasos –, passando horas em uma modesta cantina, degustando inesquecíveis tábuas de frutos do mar, especialidade da culinária galega, tudo regado ao vinho, sempre abundante e indispensável em uma mesa espanhola.

Saímos todos cantarolando pela via principal, a Rua dos Peregrinos, chamando a atenção dos moradores pelo estado ébrio da maioria, gargalhadas e brincadeiras. E era realmente fantástico um trajeto unir pessoas tão diferentes; de estilos de vida, instrução, situação financeira, países, culturas, idiomas, idades e até religiões distintas.

Ver pessoas tornando-se íntimas em tão pouco tempo. Gente que se esforçava de verdade para compreender umas às outras, especialmente quando não falavam a mesma língua. Amigos que choravam juntos por medo de não conseguir cumprir suas metas no trajeto.

Sofriam dores alheias, esquecendo-se um pouco das suas, até. Tratavam-se como se fossem membros da mesma família. Na verdade, éramos sim uma grande família peregrina.

A terra, a dor e a esperança nos unia. E isso nos bastava.

Uma ponte de pedra superou o rio Cua, iniciando uma elevação de duas horas até a próxima localidade dotada de estalagem. Meus amigos seguiram todos na frente cambaleando até Villafranca, enquanto eu ficava para dar um mergulho em suas águas frias.

Villafranca del Bierzo estendia-se em uma pequena várzea espremida no meio dos montes. Depois de muitas subidas embaixo do céu escarlate do crepúsculo, tomei de assalto a cidade pelo alto, visualizando suas casas de telhados pontiagudos que lembravam o interior da França, de onde vieram os fundadores desta cidade – Villafranca, vila dos francos –, segundo contam, peregrinos gauleses que, de passo por estas terras, resolveram ficar, encantados com a beleza destas paragens.

A exemplo de Hontanas e Manjarin, o albergue era privado, situado em uma penha bem ao lado da Igreja de São Tiago: uma junção de várias tendas recobertas de lona e plástico de cores esmaecidas pelo sol pungente. Um imenso barraco, na verdade, embora cuidado com afincos e carinho pela família Jato, que morava em um anexo e que há mais de trinta anos acolhia naquele mesmo local, gratuitamente, os caminhantes a Compostela.

Mas apesar de suas condições precárias – o refúgio original incendiou-se em 1990 em circunstâncias até hoje mal explicadas – ele acabou se tornando, ao final, um dos mais autênticos de todos.

Fatigado pelas ascensões e ferido pelas bolhas que já deixavam as extremidades dos pés em carne viva, cambaleei até a sua entrada. À porta, um senhor de traços ciganos, bem alto, magro e de cabelo e bigode grisalhos foi imediatamente indagando:

– És tu o “peregrino louco”? Aquele que dormiu ao relento na Cruz de Ferro?

Confirmei enrubescendo a tez, sem perguntar como, no meio de tantos peregrinos, ele sabia quem eu era. Sem maiores formalidades, o homem pegou-me firme pelo braço, tirando a já desbotada mochila verde-oliva, contornou meu corpo com as palmas suspen-

sas no ar, a poucos centímetros da pele.

– Cuido do seu campo energético – disse aquele “bruxo”, apresentando-se como Jesus Jato, meu hospitaleiro e dono daquela casa de peregrinos.

Se era o corpo ou a aura que necessitava de auxílio, eu não sei; porém, a energização feita pelo cigano, junto com um banho frio, deixou-me novo em minutos. Revitalizado a ponto de aproveitar ao máximo uma de minhas melhores noites em todo o Caminho de Santiago.

Estranhando não encontrar nenhum de meus camaradas por aqueles emaranhados de bicamas e colchonetes espalhados pelo chão, dirigi-me ao refeitório improvisado do albergue para jantar, já sentindo novamente no fundo do peito um pouco da solidão que tanto me havia acompanhado naquelas jornadas.

Foi quando uma grande surpresa tomou-me de supetão e até hoje enche meus olhos de lágrimas com a mera menção ou lembrança do fato: todos os meus colegas, os novos e os antigos, armaram ali uma festa-surpresa para mim.

Era o meu trigésimo dia na Rota de Santiago e os amigos juntos passaram a comemorar a singela efeméride com muita música, discursos inflamados e botelhas de vinhos.

Lá estavam a maioria deles, coincidentemente reunidos naquele dia especial e albergue único: os alegres “beberrões” daquela tarde em Cacabelos, os jovens estudantes que assustei em Manjarin, Milton e Fernando, os andarilhos compatriotas, além de Kália, outra brasileira peregrina que trabalhava voluntariamente como hospitaleira naquele refúgio.

Não soube como – ou quem – descobriu o “aniversário”. Seguramente algum mais curioso reparou nas datas da minha credencial. Na verdade, nem eu mesmo atinava àquele marco.

Jesus Jato, o meu “bruxo” hospitaleiro, uniu-se à celebração tomando de um vasilhame de cerâmica e, em tom solene, misturando nele ervas e líquidos, tendo o álcool como base. Esconjuros em voz alta foram feitos antes de ele pôr fogo nos ingredientes sob o discurso:

– Que estas chamas queimem todas as dores dos peregrinos.

Eu presenciava o ritual do Orujo, cachaça servida usualmente por Jato aos seus hóspedes, todos fascinados pelo perfume da bebida espalhado no ar e pelas labaredas que pareciam subir aos céus.

– Que vocês ponham o calor deste fogo em seus peitos e possam sentir com o coração uns aos outros – sentenciou ele, brindando ao Caminho de Santiago, ingerindo todos de uma só vez aquela bebida fortíssima.

Intimamente, ergui meu copo também aos que ali não estavam presentes, grandes amigos e amigas que se encontravam tão longe, um oceano inteiro distante. Emocionei-me pela lembrança de todos aqueles que estão constantemente presentes em minha vida; sempre por perto, sempre dividindo comigo um pouco de seu dia-a-dia, e que certamente jamais perderiam uma festa como aquela.

Mas também brindei a tantos outros que por motivos diversos, quer pelo tamanho continental do Brasil, quer pelas pequenas fronteiras que a própria vida cria entre as pessoas, há muito tempo havia me distanciado ou até mesmo perdido todo o contato.

Rememorei-os um por um. Nomes separados por aquelas peças que o destino nos prega. Muitos deles que eu ainda podia, apesar da enorme distância – física ou íntima –, senti-los bem perto, como que ligados por um fio de prata imaginário. Como parte integrante de minha história, de meu passado. De minhas recordações que carregarei por todo o futuro.

Levantei alto meu copo de Orujo brindando a todos eles. No fundo, eu sabia quão longe ou perto estivessem, os verdadeiros amigos nunca deixam de sê-lo.

A festa durou até o último copo da última garrafa de vinho disponível no bar do refeitório. E a minha alegria, acompanhada do gozo de meus queridos colegas de empreitada – e também de outros antes desconhecidos que se juntaram à comemoração –, parecia enterrar todas as tristezas e dificuldades, físicas ou interiores. Fazia-me esquecer todos os tropeços, medos e mágoas



destes exatos trinta dias de buscas e caminhadas.

Momentos radiantes que se seguiram por horas depois, quando, deitado na cama, pude recordar cada sorriso, cada brinde, cada detalhe daquela festa maravilhosa, até ser vencido pelo cansaço e pegar no sono, mas não sem antes pensar em como era incrível que tão poucos instantes felizes pudessem compensar tantos dias e semanas de sacrifícios.

Na capacidade de o ser humano reerguer-se, ou como se diz no Brasil, “dar a volta por cima”.

Assim é a nossa vida. E é sempre bom quando alguém abre a janela e grita bem alto para a gente que vale muito a pena.

Capítulo XV



AS PORTAS DA GALIZA

APÓS OS PIRENEUS na fronteira com a França, os Montes de Oca, em Burgos, e o Monte Irago, de León, faltava só mais uma forte ascensão, o Cebreiro, porta de entrada da Galiza, a casa do apóstolo Tiago. Somente 27 quilômetros separavam-me dessa última região espanhola cortada pelos passos dos peregrinos.

O clima alpino me fez dormir até um pouco mais tarde no albergue de Villafranca. Ao levantar-me, constatei que uma de minhas vieiras tinha sido arrancada à força da mochila enquanto eu dormia.

Achei estranho, mas não fiquei irritado: sobrava-me ainda uma concha – remanescente das três originais – e quem a pegou deveria estar precisando. “Compartilhar já era algo comum no Caminho”, julguei.

Além disso, assim como perdi a primeira concha engatada em um galho nos campos de Palencia, intuía que a ausência desta

segunda tinha também algum significado oculto que me seria logo revelado.

As despedidas no refúgio Ave Fênix – aquele que renasce das próprias cinzas – foram rápidas, como, aliás, eram sempre naqueles dias: sabíamos que o próprio Caminho se encarregaria de nos aproximar – ou não – novamente.

A convite de Jesus, Fernando decidira ficar por lá alguns dias como hospitaleiro. Bem como Kália e os antigos peregrinos franceses fundadores da cidade, ele era mais um que se rendia aos encantos e à magia de Villafranca del Bierzo.

Nem precisa dizer que tive vontade de ficar também. Mas São Tiago chamava-me, inspirando a seguir adiante. Ansioso para conhecer a Galiza, o Final da Terra¹ dos romanos, local prodigioso em lendas e misticismo que eu sonhara por todos estes dias e que, agora, estava tão perto.

Fui o último a partir, não sem antes contribuir com a caixinha do albergue destinada às obras de reconstrução, que corriam ainda lentas, mesmo três anos após o incêndio que abateu a hospedaria e a casa de Jesus Jato; pelo que contam, um ato criminoso, forjado por um grupo de moradores de Villafranca que não queriam mais os peregrinos – sempre sujos, barulhentos e maltrapilhos – deambulando pela sua bela e limpa cidade.

Ali, na estalagem, deixei algumas camisas, meias e um agasalho, a fim de aliviar um pouco a gravidade que pendia sobre as minhas costas. Havia uma respeitável montanha bem à frente e decidi que o peso da mochila tinha que ser diminuído, mesmo que sacrificando um pouco de meu conforto.

O Caminho das Estrelas acabava sendo uma experiência de desapego, desprendimento. Observava a necessidade de contar só com o essencial; de que na verdade não precisamos de tantos bens materiais para viver, ao contrário do que alardeia a “vida moderna”, o mundo consumista, ansioso e imediatista em nossa volta.

A bruma cobria toda a cidade ao descer as velhas ladeiras de Villafranca, dando início à difícil etapa que me levaria por toda a

manhã e a tarde trabalhosas até o cume do Monte Cebreiro, que, embora iniciasse por estrada, tinha grandes momentos de esplendor cortando bosques e matas, além de singelos povoados onde os andarilhos eram obsequiados com frases de incentivo e cerejas frescas.

Pela vereda encontrei Pablo, um artista de Madri. Ao final de cada dia, ele pintava uma aquarela retratando o que mais lhe impressionou durante a jornada. Um pouco do que eu também fazia através de minha câmera.

– São linguagens parecidas – disse ele, explanando sobre a arte na Espanha, desde Murillo, Velázquez, Goya até Miró, Tàpies e, é claro, Picasso.

Na altura de uma vila chamada Portela, que, diga-se de passagem, trouxe ao silêncio destas paragens versos de Paulinho da Viola, juntou-se mais um “personagem”, Antonio, ex-guerrilheiro que contava orgulhoso suas histórias quando na década de 70 partiu para Nicarágua e lutou junto à Frente Sandinista.

A conversa era tão interessante que se perfilaram vários *pueblos* rodeados por colinas e florestas, sem que eu sentisse a lassidão de quase cinco horas de andanças.

Mas só até o vilarejo de Herrerias, aos pés do Cebreiro, quando as violentas subidas iniciaram-se: primeiro por uma diminuta pista de solo rígido; logo depois através de estreitos e íngremes atalhos que penetravam na vegetação que revestia a serra, ziguezagueando em um emaranhado de túneis verdes.

Sozinho novamente, galguei comedido os intrincados quilômetros de terra pela vertente da montanha, passando por duas aldeias incrustadas a ela, La Faba e Laguna, cujo silêncio e solidão de suas ruas era assustador.

Muitos grupos ultrapassavam-me, mas desta vez poucos se interessaram em puxar assunto devido ao cansaço. Melhor assim. O cajado de novo transformava-se efetivamente em minha terceira perna, dando apoio e equilíbrio a todo o corpo, enquanto avançava lento, porém cadenciado, às indicações amarelas dispostas em pedras ou troncos de árvores.

¹ *Finis Terrestis*.

Já bem no alto, ao nível das grimpas dos morros, em um descampado deparei-me com o monólito com a cruz de São Tiago de Compostela sinalizando a entrada na Província de Lugo, a primeira da região galega.²

Eu estava, enfim, pisando as terras sagradas da Galiza. As mesmas que guardam o túmulo e a cidade do apóstolo. Exultante, meus brados de vitória ressoaram pelos tranqüilos Montes de Mercúrio, profanando a surdez daquelas paragens.

Alcançava o fim do mundo, o *Finis Terrestris*, as últimas porções de terra da Europa antes do imenso e outrora inexpugnável oceano. Território longínquo antes visitado segundo lendas e tradições diferentes tanto por Noé e Hércules quanto por São Tiago e Nossa Senhora.

Lugar há milênios buscado por pessoas de fé que ali chegaram do Oriente seguindo as estrelas e não se esqueceram de deixar suas marcas, desde monumentos megalíticos pré-históricos a catedrais.

E foi este o ânimo que me empurrou pelos últimos metros até o topo do Cebreiro, adentrando na vila homônima, historicamente um dos primeiros pontos de assistência aos concheiros desde as mais remotas origens da peregrinação.

A Igreja, uma pousada e o refúgio eram os prédios que dominavam aquele vilarejo de uma rua e vinte casas de pedra, algumas delas as famosas *pallozas*, construções de grandes blocos de granito sob planta curvilínea com teto de palha em forma cônica, remanescente dos celtas, uma das culturas que dominou estas terras e que maior influência notei em seu povo, tradições e costumes.

Situado à beira de um imenso desfiladeiro, o silêncio absoluto de 1.300 metros de altitude tomava de inteiro o arraial. A paisagem brindava os forasteiros com beleza incomum: bem abaixo, um extenso vale recortado geometricamente em retângulos pelas tonalidades dos distintos cultivos, emoldurado por cordilheiras de surreais pe-

nhascos.

O vento batia com vigor ao corpo e sentia frio, apesar do sol sem nuvens que ardia nos olhos e pele. Não havia ninguém por perto nem janelas ou portas abertas. Só mesmo a singela igreja do século IX com traços pré-românicos que me acolheu por alguns instantes, cujo tamanho é inversamente proporcional à sua importância histórica e religiosa.

Segundo conta uma tradição muito antiga, um aldeão humilde das redondezas subiu em uma tarde o Monte Cebreiro para assistir à missa sob um terrível temporal de neve. O padre, que a ninguém esperava devido à tempestade, depreciou interiormente o esforço daquele homem de fé, mas acabou, a contragosto, celebrando o ofício.

Foi quando ao consagrar o pão que repousava na pátena, este transformou-se visivelmente em carne, e o vinho do cálice, em sangue de Jesus.

O prodígio correu toda a Europa divulgado pelas hostes de concheiros medievais que passavam por estes cantos da Galiza e adoravam as relíquias.

Hoje em dia, pouca coisa mudou na ermida testemunha do feito: dentro de uma redoma, um relicário de vidro e ouro guarda o milagre, a olhos vistos dos boquiabertos peregrinos e dos poucos turistas aventureiros que visitam este lugar perdido nos Montes de León.

Lá, não raro é possível ver pessoas de fé que ficam horas contemplando *in loco* a carne e o sangue de Cristo.

Ao lado, estão depositados também o cálice – chamado “Santo Graal” dos peregrinos – e a pátena originais da maravilha, todos expostos à nave esquerda do altar, rodeados de dezenas de velas vermelhas que também simbolicamente recordam o portento.

No ponto mais alto do Cebreiro, os camaradas antes unidos em uma ceia na hospedaria juntaram-se novamente à escarpa da serra para apreciar o sol que se punha ao final das longínquas montanhas, dando o seu adeus à Galiza e brindando-nos com matizes de início amarelados e rubros, logo lilás e violeta, que a partir de seu epicentro

² A Comunidade Autônoma da Galiza é dividida em quatro Províncias, entre elas Lugo e La Coruña onde passa o Real Caminho Francês.

vermelho-alaranjado jorrava cores por todo o céu.

Ficamos ali algum tempo, sem palavras, apenas gozando o grandioso espetáculo. Parecia que cada um naquela hora introspecta recordava seu dia, orgulhoso por mais uma etapa superada; para alguns deles, principalmente os que não enfrentaram os Pireneus, a mais difícil de todas. Torcendo para que no dia seguinte tivessem forças para galgar outras dezenas de quilômetros e, ao fim da tarde, fossem recompensados com surpresas tão gratificantes quanto aquela inebriante visão que inundava nossos olhos de luz.

Esta curiosidade, esta doce ânsia por experiências, era um pouco de nosso combustível, o que nos carregava por este longo e difícil traçado.

Até que o astro-rei enfim deitou-se por detrás dos maciços e a noite caiu feito um raio, assustando-me pela escuridão repentina em que mal podia enxergar as construções ao redor. Era como que saísse de um transe.

Dormi mais uma vez ao chão já que Ramon, aquele basco octogenário que conheci em San Juan de Ortega, tinha chegado bem tarde ao refúgio e, não encontrado vaga, deu-me o enorme prazer de ceder-lhe a minha cama. Antes mesmo da aurora, eu estava com o corpo e a mochila prontos, sob o frio de doer os ossos e as bolhas nos pés, ansioso por descobrir a fundo as terras e os costumes galegos.

Como já era comum, uni meu café da manhã – chocolates e pão – com as provisões de dois andantes que dormiram em camas próximas de onde me instalei e acabara de conhecer – Cristine, suíça, estudante de Arqueologia, e García, escultor espanhol que fazia a Rota pela terceira vez –, resultando em um pequeno banquete.

No corredor que dava acesso aos quartos, contemplei junto com meus novos colegas e outros madrugadores o trabalho de Pablo: belíssima aquarela representando o cálice sagrado do milagre com as colinas galegas ao fundo. E em todos os povoados onde dormi no mesmo albergue do artista tive este prazer a cada

dia renovado.

A trilha ganhou os penedos vizinhos em leves ascensos e descensos. A horizontalidade e aridez do chão que me foi tão comum pelos monótonos campos abertos de Burgos e León davam lugar a densas paisagens verdes e úmidas e de relevo montanhoso.

Horas além avistava Triacastela, final da 11ª etapa do *Codex Calixtinus*, local que aportei junto com uma quantidade inimaginável de andantes para quem iniciou o Caminho na completa solidão dos Pireneus. O albergue novo e amplo era um bom convite, mas preferi um pouco de sossego seguindo mais adiante, acompanhado de Cristine e García, sempre com passos firmes e batida potente e ritmada do cajado ao solo, mania esta que todos já conheciam e até imitavam.

À saída da cidade, perto de onde havia três castelos que lhe deram o nome, uma placa indicava dois percursos possíveis e inteiramente diferentes, que, conforme o mapa do meu livro-guia, uniriam-se somente vinte quilômetros adiante.

Pela direita, vias de terra através de bosques, passando por vários agrupamentos de poucas casas. À esquerda, tomando a auto-estrada por dez quilômetros até um monastério – que, segundo boatos que corriam nos últimos refúgios, dava acolhida aos peregrinos –, para depois persistir por mais custosos quilômetros de pistas até se juntar com o primeiro roteiro na cidade de Sarria.

Embora a escolha pudesse ser fácil, visto que não havia nada que os andantes fugissem tanto quanto o tráfego intenso da auto-avia, tanto mais em um dia quente, acabei elegendo precisamente aquele itinerário. Era um impulso, um pressentimento, não sei.

Avancei forte pelo asfalto escoltado pelo espanhol e pela suíça que, logo nos dois primeiros quilômetros ao sopé do morro que efetivamente separava as duas rotas, já me olhavam com ares de arrependimento. Ainda acima com a total ausência de mapas e melhores informações sobre este curso em nossos manuais, que, mesmo sendo de editoras diferentes, todos aconselhavam o outro ramal, mais fácil e aprazível que as milhas de estrada em linha reta.

Só que a recompensa para tamanha aventura não tardou. Depois de 45 minutos de caminhada, quando o sol a pino já ardia nossas peles e o asfalto fritava nossas botas, tivemos uma fantástica e inesperada surpresa: uma seta amarela pintada no chão.

Sim, uma flecha peregrina apontando um atalho pela direita, uma via minúscula camuflada pelas árvores. Quase não acreditamos. Por segurança, novamente consultamos nossos mapas, a fim de achar qualquer desvio à rodovia, mas não tivemos sucesso.

Sem titubear, fomos então ao encontro do desconhecido, investindo a passos largos por aquela misteriosa senda, passando sob túneis arborescentes em bucólicos caminhos de paralelepípedos.

Muros de pedras brutas dispostas livremente e cobertas de limo dividiam a trilha dos cultivos que, não raro, traspassava ribeiras com pequenas cachoeiras, enchendo o ar de umidade, aromas e sons da natureza. A Galiza abria suas portas e começava a mostrar suas belezas.

Foram quatro vilarejos de pastores que conhecemos, sempre perseguindo os sinais amarelos em um constante sobe-desce às colinas. Em cada um deles parávamos para apreciar suas miúdas casas de pedra, cruzeiros, capelas românicas de linhas bem simples, além de moinhos de rodas-d'água, abundantes nesta região.

A solidude reinava absoluta. Por horas, não encontramos uma só viva alma nas vilas, muito menos no trajeto. Somente uma e outra ovelha desgarrada que cruzava nosso caminho e, de início curiosa, logo fugia embrenhando-se no matagal.

Imenso era o prazer de estar passando por lugares quase inexplorados, rotas isoladas, bosques encantados e aldeias sem nome. De certo modo, igualávamo-nos aos primitivos concheiros, que, por estes mesmos traçados, pisando talvez nestas mesmas pedras, assim o fizeram. Seguindo continuamente a oeste. Marchando em busca dos seus ideais. Sonhos estes que certamente coincidiriam com os dos peregrinos de hoje, ainda mais àquela altura, palmilhando sobre este solo mágico tão perto do fim da jornada.

Após subidas e descidas íngremes serpenteando pela geogra-

fia nervosa da Galiza, em uma curva do alto da montanha, a mata deixou revelar um diminuto vale abaixo cercado pelos montes. Ali, a natureza parecia guardar um tesouro dos mais curiosos: o Monastério de Samos.

Construção imponente flanqueada por um arraial, de cima parecia um quadro cubista por sua arquitetura geométrica contrastando com o fundo verdejante. Não admira este estilo revolucionário de pintura ter florescido na Espanha.

Em minutos descemos da floresta, desbravando suas vielas limpas e históricas, onde de qualquer ponto via-se o complexo arquitetônico barroco e neoclássico de sublime cúpula octogonal. Lá, era oferecido aos caminhantes de São Tiago um quarto com trinta beliches.

Duas hospitaleiras receberam os três fatigados andarilhos à entrada do Mosteiro, carimbando nossas credenciais. Perguntamos a elas o porquê daquela belíssima e bem demarcada rota não constar em nenhum de nossos mapas e guias.

Uma delas, sorridente, desconversou respondendo ser um “caminho secreto”, levando-nos sem maiores explicações ao pároco encarregado dos visitantes, que fazia questão de dar pessoalmente as boas-vindas aos poucos que escolhiam aquele trajeto.

Com ele demos um passeio entre os claustros, capelas, fontes, jardins e a majestosa Basílica que compõe Samos; terminando a tempo de ainda assistirmos como convidados especiais às chamadas vésperas, celebração íntima dos monges com cantos gregorianos e invocações em latim. Realmente inesquecível.

Exaustos pelo passeio de 35 quilômetros, compramos provisões e descansamos às redondezas da vila em um campo gramado, ladeados por um córrego e uma modesta ermida, uma das mais antigas da Espanha, construída há 1.100 anos por cristãos que viviam nestas terras sob o domínio dos mouros.

Estendemos uma toalha e preparamos um piquenique, acompanhados de Edward, um norte-americano que acabara de chegar de Triacastela – ele havia lido nossos recados no livro da pousada

e decidiu seguir-nos no périplo.

O novo membro da “turma” era um sujeito brincalhão de meia-idade. Judeu, iniciou o percurso pela Rota Aragonesa desde Somport na fronteira com a França. Assim como Cristine que é luterana, Edward não via problema algum de envolver-se tão profundamente em uma tradição católica.

Dividimos nossos alimentos sobre a toalha, alegremente esbaldando-nos com frutas, queijos, pães, vinhos, e lambuzando-nos com o mel produzido pelos monges beneditinos de Samos.

Era uma tarde perfeita como há muito não usufruía. Um sentimento de vastidão tomava o meu peito, acompanhado pelo ruído nervoso das águas do riacho que corria sinuoso entre as pedras do seu leito e dos passarinhos que buscavam os restos de nossa comida em vãos rasantes.

Vi que o Caminho me levava a uma abstração do mundo. É como se todos nós fôssemos alijados da “vida real”, do cotidiano muitas vezes duro, tedioso e competitivo, e entrássemos em uma ilusão feliz. Alento. Um sonho.

Lugar onde se podia acreditar em milagres. Em valores que achava terem se perdido para sempre. Afinal, não é qualquer dia que se pode ver pessoas que você não conhece trocando experiências sem compromissos, repartindo sua comida, oferecendo para tratar de seus pés feridos, carregar sua mochila ou até mesmo dizendo palavras francas de incentivo quando mais se precisava.

Ao descer da noite, outra surpresa: era o início da festa anual do vilarejo, com gente vinda das redondezas amontoando-se em um descampado em frente à Basílica. Muita música, fogos de artifício e aquele clima de quermesse do interior com barraquinhas de tiro ao alvo, além de, é claro, comida e bebida fartas.

Esquecemos o cansaço da longa jornada do dia pelo “caminho secreto” e caímos no folguedo, arriscando uns passos em danças típicas, até. De madrugada, os quatro amigos voltaram cambaleando ao quarto da Abadia de Samos, para não mais que cinco horas de sono e a certeza de uma caminhada pela manhã bem mais difícil. Mas sabíamos que tinha valido a pena.

E pela primeira vez em todos aqueles 32 dias de andanças, deitei minha cabeça no colchão sem contar os dias que faltavam até a cidade de Santiago. Pela primeira vez em todo o Caminho, não cobicei a “chegada”.

Pois aquela velha ânsia de atingir o meu objetivo não existia mais. Muito menos o medo, pavor de não conseguir; receio de voltar para casa como um perdedor sem ver as majestosas torres de pedra da Catedral de Compostela.

Desejei que aquela viagem pelo norte da Península Ibérica, ora tão perto de seu desfecho, pudesse durar mais 32 dias pelo menos. Que aquelas horas e dias tardassem a passar.

“Quiçá não terminassem nunca!”, imaginei.

Até que a paz do Monastério e o som longínquo da banda que ainda animava a festa tomaram meus pensamentos como que por encantamento, levando-os para bem longe, onde eu não mais os pudesse enxergar até que o dia amanhecesse.

Capítulo XVI



O FINAL

AS CAMPANAS DA Basílica de Samos insistiam em levantar-me, mas sem lograr sucesso algum. Eu sentia que o término da viagem estava próximo e não queria sair da cama para vencer os quilômetros que me aproximavam cada vez mais da Catedral de Santiago.

“Em quatro dias chegarei ao final de minha peregrinação”, calculava. Porém, o próprio Caminho tratou de antecipar esta previsão.

Às nove, todos já estavam despertos e prontos para a luta, menos um certo brasileiro preguiçoso. Só pus mesmo os pés fora da cama com um convite formal das hospitaleiras que desejavam fazer a faxina diária na hospedaria.

Aproveitei para pegar um esfregão e balde, passando ali mais alguns quartos de hora ajudando com a limpeza. Afinal, minhas anfitriãs desempenhavam um serviço importante e sem nenhum ganho material, com o único objetivo de atender os concheiros. Ajudá-las era mais que minha obrigação.

Com os grandes quarto e banheiro brilhando, enfrentei sozinho treze quilômetros em labirintos de terra nua até Sarria, pitoresca cidade galega. Edward, García e Cristine já tinham passado por lá horas antes e deixado mensagens para mim no livro da estalagem, improvisada nas já conhecidas barracas de lona rajadas do exército. Ali também achei recados do Milton e, para meu espanto, de Lisa, aquela ciclista dos cães que conheci nos Pireneus.

A trilha embrenhou-se nos arvoredos, atravessando vilas e campinas desta região eminentemente agrária, sentindo odor de estrume que não raro pairava no ar por minutos. Ao contrário do que estava acostumado, na Galiza as distâncias entre as zonas habitadas são mínimas, proporcionando alegres e constantes encontros com essa gente simples.

Ali o tempo parecia ter estacionado. Carros de boi carregados de feno desfilavam sem pressa por arruamentos estreitos. A terra que era trabalhada sem maquinário por mãos fortes era a mesma sob a qual adormeciam inúmeras culturas: cretenses, fenícios, etruscos, iberos, lígures, celtas, suevos e mouros.

Sentia a verdadeira aura desse povo: a austeridade de suas idosas viúvas em longos vestidos negros, a placidez brejeira de seus capões e regatos, além de notar sua língua local, o galego, que soava tão doce aos meus ouvidos por causa da enorme semelhança com o português.

Em vias sempre rudimentares e muitas vezes sem pavimentação nenhuma, admirava os magníficos cruzeiros de granito; uns simples e lisos, outros que portavam imagens de Jesus pregado na cruz ou ainda de Nossa Senhora, presentes em todas as povoações por que passei.

A exemplo das cruzes de madeira às adjacências de Burgos e de San Juan de Ortega, bem como as de ferro de Ponferrada, os cruzeiros de pedra galegos marcavam a religiosidade tão íntima desta terra.

Em uma aldeia, Barbadelo, reencontrei os camaradas em seu amplo e recém-construído refúgio patrocinado pelo Governo Provincial. Pelo tamanho e quietude do vilarejo, tivemos todos a

mesma impressão de que havia ali mais peregrinos que moradores.

Bem em frente, um gramado com traves foi o convite para os espanhóis testarem um representante do melhor futebol do mundo. Prevendo um desastre para a honra pátria, aleguei estar com os pés muito feridos para expô-los ao terreno irregular. Uma desculpa furada, diga-se de passagem.

O asseio foi engraçado, já que as divisórias dos chuveiros coletivos estavam ainda inacabadas e mal cobriam os tornozelos, além de os viajantes – principalmente os nórdicos – andarem em trajes de Adão e Eva pelo corredor.

Comidas e vinho postos, o ritual recomeçava: músicas, histórias, piadas etc. Mas, apesar de tanta festa e alegria daquela noite, por vezes distanciava-me da conversa e errava em pensamentos vagos; existencialistas, talvez.

Era como se continuasse a me perguntar o que realmente queria com aquela viagem; com toda a peregrinação.

Que busca era aquela?

Um resultado menos diluído, mais compreensível, desejava.

Passado Ferreiros, freguesia que marcava a derradeira etapa do *Codex Calixtinus*, tomei um desvio ao local em que se estabeleceu a Ordem de Santiago da Espada, em 1170, quando bravos cavaleiros juraram por toda a vida defender o Caminho dos bandidos e dos mouros. Consta que, ante a perseguição movida contra os Templários, muitos foram incorporados por esta Comendadoria espanhola.

Retornando à senda original, deparei-me com um casal portando a vieira no peito e enormes bolsas nas costas. Após notarem a pequena bandeira pregada em minha mochila, perguntaram ao mesmo tempo:

– Brasileiro, então és tu o “peregrino louco”?

Parecia que a história já havia se espalhado por todos os 800

quilômetros do Caminho. “As notícias literalmente andam rápido por estas paragens”, deduzi.

Uma colossal ponte de concreto elevava-se sobre um pântano artificial, que há trinta anos inundou dois históricos povoados da Rota Jacobeba, San Pedro e San Nicolás. Passei por cima das duas cidades submersas até a falda do morro ocupado pela moderna cidade de Portomarín, onde vivia a população despejada da planície.

Lá estavam García, Cristine, Edward e mais um que se juntava ao grupo, Antonio Jesus, um jovem catalão profundo conhecedor da música popular brasileira. Juntos, visitamos um pedaço da história resgatada daquelas povoações seculares: de San Pedro, os arcos de uma ponte gótica; de San Nicolás, sua curiosa Igreja românica em forma de torre-fortaleza dentilhada por ameias, trasladada pedra por pedra.

Horas de trabalho após, confluímos os cinco exaustos em Gonzar, vila de poucas casas e uma rua só – onde passava o Caminho. Combalidos, porém felizes por chegar, por queimar mais uma etapa do percurso. Alegria do dever cumprido. Vitória que era conquistada dia a dia como um exercício de paciência.

O abrigo estava tomado de conhecidos, muitos que não encontrava há semanas e que só tinha notícia por outros viajantes ou hospitaleiros. Conversei com todos eles, trocando as informações práticas usuais – novíssimas técnicas de curar as bolhas, o estado das rotas e dos refúgios que vinham pela frente –, além de obter dados sobre tantos outros colegas de quem havia perdido o contato.

Descobri que Milton estava agora bem adiante, enquanto Fernando, bem atrás, ainda como voluntário em Villafranca. Falaram-me também dos amigos “quarentões” e, o que realmente me preocupou, de um outro andarilho compatriota que tinha dado entrada no Hospital Militar de Burgos com forte insolação.

Novamente reunido a velhos companheiros de estrada, admiramos todos a aquarela de Pablo, desta vez representando os cruzeiros galegos, e vimos a luminosidade da tarde esvair-se através

do jardim.

A seu tempo, a escuridão varreu a localidade, enchendo o céu interiorano de estrelas cintilantes, algumas que despencavam sobre nossas cabeças e riscavam de giz o quadro-negro celeste. “São almas de peregrinos indo direto ao paraíso”, reza uma lenda medieval.

Um novo dia começava a se formar a leste quando abracei a via rural que se enfronhava nos bosques. De 500 em 500 metros, pequenos marcos de pedra sinalizavam a distância até Santiago, em uma contagem regressiva que só fazia acelerar mais os corações dos peregrinos.

Decidi andar sozinho, distanciado poucas centenas de metros na frente dos amigos. Uma angústia tomava meu peito e sabia que algo estava por vir.

Segui a passos cadenciados pelo cajado em itinerários sempre desertos, bem longe das auto-estradas e do burburinho das metrópoles, o que proporcionava tranqüilidade e solidão tão necessárias para escutar o que a Rota de Santiago insistia em me dizer ao pé do ouvido.

O verde enchia meus olhos e o vento jorrava ar limpo em meus pulmões. A cada passo, em cada curva ou subida íngreme, eu era levado a pensar em minhas questões. Na verdade, a única coisa que havia para fazer além de caminhar e caminhar.

Mas isso não era nenhuma novidade: assim foram todos estes 35 dias pela Rota Peregrina, sempre com muito tempo livre para devaneios e indagações.

Só que desta vez as imagens enfim pareciam interligar-se de forma mais homogênea, vendo claramente o quanto estas semanas no Caminho estavam paulatinamente me ensinando.

Havia aprendido a sua língua.

Tinha descoberto o maior segredo, a grande mística da Rota das Estrelas: a arte de encontrar-se. A obra do autoconhecimento.

Por sendas rústicas traspassei aldeias cuja soledade já havia me acostumado em três dias pela Galiza. Um obelisco marcava setenta quilômetros até Santiago, enquanto tomei um diminuto ramal de terra que invadia a floresta fechada, cujas altas árvores formavam um imenso túnel.

Sobre suas copas vistosas, o sol já raiava forte no meio do céu, construindo ao solo negro e limpo pequenas marcas de luzes que atravessavam as frestas entre as folhas e galhos.

E eram dezenas, centenas delas, formando um corredor dourado por uns cem metros.

Olhando para este chão, foi que tão claramente como nunca eu pude ver o meu Caminho de Santiago: era como se aqueles incontáveis pontos de luz ao solo fossem um grande quebra-cabeças, e o Caminho, a forma de montá-lo.

E, para minha feliz surpresa, tive uma resposta emocionada saída das entranhas de meu corpo e mente para tudo o que intimamente buscava: constatei que eu já havia armado o “meu” quebra-cabeças. Que as minhas peças já estavam todas agrupadas.

Em uma avalanche de idéias, vi que meus temores tinham regredido, as ânsias estavam abrandadas e muitas questões respondidas.

Descobri que tinha vivido ali tudo o que desejava antes da partida, até bem mais que as minhas previsões. Vivências e lições engrandecedoras, que em condições normais talvez demorasse anos para experimentar.

Havia encontrado uma forma de viver onde meus sonhos fossem respeitados, desistindo daquela “vidinha” sem sentido em que nos escondemos dentro de grossas carcaças e sob telhados de vidro. A mesma que o tempo, a solidão, o medo e o ócio vão pouco a pouco nos acomodando.

Ao quarto de hora para o meio-dia de um domingo aos onze de

julho de 1993 decidi que minha peregrinação estava terminada. Resolvi que o meu Caminho acabaria ali mesmo, naquele exato ponto, no meio do grande bosque e suas fagulhas de ouro. Que era chegado o epílogo de uma grande e misteriosa aventura pelos montes, prados e bosques da Espanha.

O fim do sonho. O cabo de meus dias como peregrino.

Se eu o havia aproveitado do melhor modo, não sei. Talvez não. Mas o que realmente importava era que eu tinha dado o melhor de mim. E é isso que faz as coisas valerem a pena.

Passados mais de 700, faltavam ainda uns setenta quilômetros até a Catedral de Santiago, decerto. Porém, concluí que o Caminho de Compostela não é físico, não se restringe a uma linha desenhada nos mapas.

“O Caminho não é o início, muito menos a chegada. É o subir das montanhas, o descer das ladeiras, o cruzar de campos e florestas. A solidão e as amizades. É o suor, é o sangue. As lágrimas. A febre. Sorte de estar a cada dia em lugares diferentes e que nunca tinha nem ouvido falar. É o barro nas bordas de minha calça”, julgava.

Pois tudo isso já fazia parte de algo que ninguém poderia jamais me tirar: as minhas experiências no caminho. Atingir à Catedral de Santiago podia ser um final glorioso da jornada, mas nunca a essência da peregrinação.

Assim, o “Caminho íntimo” e o “Caminho físico” que até então andavam juntos como faces de uma mesma moeda, ora tornavam-se distintos. O primeiro eu havia logrado pleno êxito; e o segundo passara a ser uma formalidade ou mera vaidade, algo que provavelmente dispensaria.

Eu tinha, enfim, encontrado a porta de saída do labirinto. E a luz que vinha lá de fora ainda ofuscava meus olhos.

Era o remate de meu Caminho. Um fim sem pompa. Simples, como as coisas em nossas vidas devem ser. Olhei para trás e vi o quanto tinha mudado. Tudo o que passei. O que aprendi. O que ven-

ci. E o que perdi também.

Previa que a decisão de encerrar a minha busca tão próximo do fim do roteiro, tão perto de Compostela, poderia ser para os outros nada fácil de compreender. Mas, assim como havia passado a noite fria aos pés da Cruz de Ferro, já sabia que o Caminho de Santiago era feito de atos de coragem. E de fé.

Pois eu tinha a convicção cega de que encontrara minhas respostas. Que já havia largado no chão os pesos que carregava; desatado-me das correntes. Emergido do mar revolto que me sufocava em uma noite sem luar nem estrelas.

Havia renascido ao percorrer o Caminho da Morte.

Parei o passo, baixei a mochila e sentei-me no meio da trilha que ainda atravessava a floresta. Um forte sentimento de companhia, de aconchego, estranhamente me rodeou, tomando-me por inteiro. Parecia também escutar vozes que se mesclavam ao barulho do vento que batia vigoroso nas copas dos velhos carvalhos e das folhas secas que caíam.

Ali, estendido ao chão, rezei em voz baixa várias orações conhecidas, muitas vezes confundindo partes de uma e outra. Comovido pelo desfecho de uma longa e difícil empreitada, era tomado pela emoção transbordante que jorrava de meu peito e fazia tremer o corpo em êxtase.

Eu vi a fé ressurgir.

Ouvi os sinos e as trombetas.

Bebi o néctar dos deuses.

Sabia que agora poderia transformar completamente a minha vida. Havia conquistado esta faculdade.

E era exatamente deste poder que o Caminho vinha por semanas a fio tentando me falar, mas só encontrava ouvidos pouco maduros; corroídos pelo dia-a-dia ou tapados pelo medo.

A alegria de recomeçar, de renascer era imensa e eu tocava, agradecido, com as palmas abertas aquele chão, aquelas miúdas

porções de terra peregrina. Terra santa ora iluminada por pedacinhos de sol.

Capítulo XVII



AS AGULHAS DA CATEDRAL

*Chegou de repente o fim da viagem
Agora já não dá mais pra voltar atrás
Assim meu sapato coberto de barro
Apenas para não parar
Nem voltar atrás.*

Telo e Márcio Borges

NADA MAIS RESTAVA do que andar somente uma hora até a próxima cidade, Palas de Rey, de lá tomar um ônibus a Madri e, o mais rápido possível, vôo ao Brasil. Não tinha dúvidas de que o “meu” Caminho chegara ao seu final.

Enquanto isso continuava ali sentado na vereda, respirando os últimos ares peregrinos já com certa melancolia, aguardando os amigos que vinham atrás para me despedir.

Eu ainda estava excessivamente emocionado. Orgulhoso por encontrar tudo o que viera buscar, mesmo que antes não soubesse o que era precisamente.

Feliz por comprovar que as respostas estão dentro da gente e que só precisam de um “empurrãozinho” para virem à tona. Pequenas ações que, de tão simples, às vezes não damos a importância devida, como por exemplo ajudar alguém desinteressadamente, harmonizar-se com a natureza, ler textos sagrados, brincar com uma

criança, ver um pôr-do-sol ou até, se for o caso, percorrer a ancestral Rota de Santiago de Compostela.

“Não buscarias se já não tivesses encontrado”, exclamava Santo Agostinho em sábias palavras.

Certeza era que as transformações ainda ocorreriam, pois o Caminho não poderia se encerrar na Espanha. Deveria continuar por todos os dias de minha vida; trilhando-o em minha cidade, meu trabalho, minha casa.

E após isso tudo que passei nessa longa manhã, ainda faltava algo a ser feito, um detalhe talvez pouco significativo em termos práticos, mas que para mim era de extrema importância: deveria desvencilhar-me de qualquer distintivo santiagouista que carregasse, no caso, a concha pregada em minha mochila.

Até Palas de Rey não havia meios de transporte coletivos, e teria que vencer mais algumas léguas pela Estrada de Santiago. Assim, ao passo por diversos vilarejos não poderia de forma alguma mais ser identificado como um peregrino, usufruindo das prerrogativas e benesses de tal condição.

Rezava o costume que os andarilhos medievais, ao retornarem às suas cidades e países após cumprirem a peregrinação, não ostentavam seus símbolos, trafegando sem os salvo-condutos nem a proteção das Ordens Militares, pagando sua estadia e taxas alfandegárias como um viajero comum.

Do mesmo jeito deveria ser para mim também; um ex-concheiro que respeitava a fundo as tradições e já se preparava para voltar para casa depois de pôr fim à sua busca.

Só que, ao botar minhas mãos na mochila verde-oliva para sacar fora a concha, quase tombei para trás de tão surpreso: constatei que ela havia caído sozinha há não mais que cinco metros atrás, momentos antes de me sentar.

Era a terceira vieira que perdia: a primeira arrancada por um galho seco nos vastos campos de Palencia; a segunda, subtraída por um colega em Villafranca del Bierzo.

Agora, a última concha que restava, como que por vontade própria, despreendeu-se e caiu ao solo exatamente no momento em

que eu decidira que a peregrinação havia terminado.

Esta ventura emocionou-me ainda mais. Seria a confirmação de que a minha decisão estava correta. De que o meu dever pelas sendas do Real Caminho Francês estava cumprido.

E lá mesmo a deixei. Ali desejei tombar, concluindo também o seu Caminho de Santiago.

E o engraçado foi do mesmo modo como fiz semanas atrás nos meus primeiros momentos como peregrino em Saint-Jean-Pied-de-Port, logo depois intimamente reneguei aquele momento mágico:

“Ah, foi mera coincidência; nunca um feliz agouro ou presente de final de Caminho”, pensei.

Em poucos minutos apareceu a turma toda que esteve comigo em Gonzar na noite anterior, um bloco barulhento de roupas e corpos sujos de poeira, todos notando meu estado emocional deveras alterado, mas que, desta vez, já não tentava mais esconder de ninguém.

Fui por eles conduzido através de capões e vilarejos, só que não mais como peregrino. “Sou agora um simples turista”, fazia sempre questão de frisar. Na praça central de Palas de Rey, todos me abraçaram desejando êxito na viagem de retorno. Depois de trocarmos endereços e aquelas comuns e improváveis promessas de um dia nos reunirmos, os amigos caíram na Rota, indo ao encontro de seus destinos.

Ali deitei na grama sem maiores pudores, esperando a quentura aplastante da tarde se esmaecer com o passar das horas, na intenção de pegar o coletivo noturno a Madri.

Depois de um cochilo, eu já pensava em procurar a rodoviária municipal para comprar o bilhete quando reparei no monumento que presidia aquele largo: era a figura de um peregrino medieval talhada em pedra de capa, cajado, cabaça, alforje e vieiras, cuja existência e beleza artística não havia me deparado, tão preocu-

pado com os horários de ônibus e vôos.

Isto fez-me recordar novamente de Saint-Jean-Pied-de-Port e de um domingo calmo como aquele, 35 dias atrás: naquela manhã ora tão distante, eu havia dedicado minha caminhada à memória destes antigos peregrinos, heróis medievais que deixaram suas pegadas pelas mesmas terras por que passei nestas cinco semanas.

Da mesma maneira, às portas da Igreja de Nôtre-Dame naquela pequena cidade francesa, tinha prestado outro solene juramento: garanti a mim mesmo que chegaria andando até o túmulo do apóstolo depois de cruzar toda a Espanha.

Cumprir de forma literal estes dois votos, a fim de dirimir quaisquer dúvidas, era importante. Havia aprendido a confiar em minha palavra e não podia de forma alguma perder esta autoridade.

E lembrei também de Juanjo, peregrino valenciano que me havia dado uma moeda de cobre com a condição de que rezasse por ele aos pés do apóstolo na sua Catedral; e de tantos e tantos outros, dos campos ou das cidades, que pediam que eu levasse “recordações” ao santo; suas “lembranças” a Tiago. Uma grande responsabilidade.

Por tudo isso, tomei outra importante decisão: resolvi voltar às rotas que conduziam a Santiago de Compostela. Retornar à Via Láctea. Seguir por mais dois dias as flechas amarelas. Não mais como um autêntico peregrino, decerto, e sim como um turista-mochileiro comum.

Determinei que, antes de rumar para minha casa, continuaria a jornada até onde estão os restos milagrosos de São Tiago, e ali depositaria todas as orações a mim confiadas, assim como cumpriria integralmente meu compromisso.

Sim, marcharia por mais um par de dias até a Catedral Compostelana, um monumento venturoso de vários estilos arquitetônicos acrescentados conforme os gostos de cada época. E uma vez mais fui resgatado como um naufrago do “mundo real”, retornando ao onírico universo das peregrinações do qual por três horas estava afastado e já sentia saudades.

Pensando bem, não havia mal nenhum em acompanhar os ami-

gos em mais duas etapas. Só mesmo faria questão de não mais pôr os carimbos em minha credencial nem mesmo dormir nos refúgios, agora sempre lotados, para não ocupar a vaga de um verdadeiro peregrino.

Talvez ali estivesse começando um novo caminho, uma nova missão, embora não pudesse ainda saber o que viria pela frente.

O trajeto singrou por silenciosas pradarias até invadir a última Província cortada pela Rota Jacobeba, La Coruña, terra cheia de dólmenes, menires, petróglifos e demais vestígios de populações pré-históricas, abundantes por toda a Galiza.

Passei por rudimentares vilarejos onde, invariavelmente, se entrava ou se partia pelo cemitério. Lugares em que o tempo se esqueceu de passar; onde os ponteiros dos relógios deixaram de andar, ou, se ainda giravam, era em velocidade muito mais lenta, decerto.

Com o calor de fritar miolos, cheguei a Melide animado por uma banda de música no coreto da praça. Cristine, minha amiga helvética, que à porta da estalagem descansava os pés ao lado de Jesus, o catalão, admirou-se ao ouvir as fortes – e tradicionais – batidas de cajado que ecoavam pelas ruelas de pedra da cidade.

Para a surpresa geral eu regressara à estrada. Mas só que de um jeito bem diferente.

O albergue municipal era espaçoso, inclusive dotado de uma estrebaria para os raros casos de peregrinos a cavalo, atendendo as necessidades elementares de uma quantidade cada vez maior de pessoas; muitos “novatos”, na maioria classes inteiras de estudantes secundaristas que viajariam ao todo apenas quatro ou cinco dias, também usufruindo dos refúgios.

Porém, recusei-me a tomar a cama de algum andarilho, fosse ele “tradicional” ou “calouro”, tratando de achar uma pensão barata por perto.

Uma vasta planície verde era um presente aos legionários de São

Tiago, dia seguinte, no início da penúltima etapa antes da Catedral. Ainda era cedo e a cerração tão comum nestas paragens se esvaía lentamente. Adentrei a floresta cruzando riachos em vias improvisadas, equilibrando-me sobre enormes troncos tombados ou saltando de uma a outra pedra enfileirada na água. As altas copas dos sobreiros filtravam os raios de sol e, encontrando a bruma, pairavam no ar as cores do arco-íris.

Ao fim de uma estrada de 34 quilômetros, acudi à vila de Arca. Como ali não havia nenhuma pensão, acabei alugando a cozinha de uma casa de família para a noite. Uma vez mais dormir ao solo já não era problema algum.

Passei o resto da tarde visitando o refúgio, conversando principalmente com os novatos. Na “cátedra” de ex-peregrino, contei-lhes um pouco das minhas experiências, incentivando-os a ir adiante:

– Sempre além! Sempre a oeste! Pela manhã bem cedo seguindo nossas sombras; ao fim da tarde, o pôr-do-sol chamejando no horizonte. Um dia atrás do outro. E um de cada vez – dizia.

Também abraçava a minha nova “profissão”, cirurgião-de-bolhas-peregrinas, cuidando dos pés calejados de viajantes que na minha frente já faziam fila.

Aos poucos fui compreendendo que era esta a nova missão que o Caminho impunha. O verdadeiro motivo de ainda estar ali, naquela Rota que na verdade não mais me pertencia, visto que a minha aventura havia acabado 24 horas atrás: ajudar os irmãos andarilhos; dar a mão a quem mais precisava.

Fazer o bem sem esperar retorno.

Devolver ao próprio Caminho, um pouco que seja, do tanto que eu havia tão generosamente recebido. Como uma vela que vai passando seu fogo a uma outra, e esta, a mais outra e outra ainda, em um movimento repetido e constante, mas que, ao final, não consome nada da chama original.

Distribuir o calor deste fogo do mesmo modo que o camarada Jesus Jato havia falado dias antes em Villafranca del Bierzo. Saber que meus atos, por mais simples que sejam, irão repercutir ao redor; criar um “efeito dominó”. Bem como uma gota de orvalho que se des-

penca num lago calmo, gerando ondas circulares perfeitas que irão reverberar em todas as direções. Poder capaz de mudar o mundo.

Na minha última noite à Estrada Jacobeba, imaginava, feliz, a chegada na Catedral. E poucos metros após a entrada, alcançaria os arcos românicos trabalhados pelo mestre Mateu no século XII, o Pórtico da Glória. O local exato onde o roteiro “físico” terminava. Ponto final preciso conforme a tradição secular de quaisquer das diversas Rotas.

Cansado, antes do chão da cozinha que alugara por poucas moedas, aproveitei a folga no banheiro para fazer a barba já de duas semanas. Só que, ao olhar-me fixamente ao espelho, eu quase não reconheci aquele rosto que me encarava.

Não era mais o mesmo.

Acordei ansioso em minha derradeira manhã na Via Láctea. Mal podia acreditar que faltavam apenas 25 quilômetros até Compostela. Era um dia para não esquecer.

As primeiras milhas foram fáceis, atravessando áreas de reflorestamento de eucaliptos, sentindo por horas sua forte fragrância. Meus passos instintivamente corriam mais velozes, aflitos pela Catedral. Velinhos acenavam dos vilarejos e sentenciavam:

– Falta pouco, meu jovem!

Uma ponte cortava o rio Lavacola onde os antigos banhavam suas partes íntimas e limpavam a roupa para entrarem purificados na casa do apóstolo. Um ritual prático e simbólico. Em poucas e emocionantes horas, o traçado passou ao lado do aeroporto, cruzou núcleos de urbanização e começou a subir o Monte do Gozo, chamado deste jeito por ser o local em que pela primeira vez os peregrinos podiam ver a Catedral de Santiago, depois de tantos e tantos dias de sacrifícios.

Do alto, contemplei a grande cidade de Santiago de Compostela tomando todo o vale, bem ao alcance de meus olhos ainda incrédulos, algo que ficará gravado em minha memória para sem-

pre.

E, forçando um pouco a vista, pude ver as imensas agulhas de pedra da Catedral coroando sua parte antiga, distante não mais que cinco quilômetros. Sentindo na pele o motivo de assim nomearem aquele morro.

Se há dois dias havia conquistado o que íntima e espiritualmente tanto buscava, dando cabo da minha peregrinação, logo ali, em pouco menos de uma hora, eu terminaria esta longa viagem. Senti-me recompensado em poder sem demora adentrar à Catedral, cujas portas há séculos esperam ansiosas em receber seus peregrinos.

As idéias, então, começaram a misturar-se em um turbilhão de memórias e emoções. Senti medo por estar tão perto de realizar um sonho antigo. Receio de não saber como lidar com aquele novo conhecimento adquirido. De mais uma vez não conseguir controlar a emoção que já rasgava meu peito.

Mas sabia que não era hora de pensar e sim de agir.

Recuperei o fôlego e comecei a baixar a colina para, o quanto antes, pisar o solo sagrado daquela cidade que me abraçava. Sentia o peso de 800 quilômetros em minhas costas dizendo que valeu muito a pena.

Capítulo XVIII

A GLÓRIA

MANDAVA A TRADIÇÃO ancestral peregrina que os andarilhos, ao descerem o Monte do Gozo, assim o fizessem cantando. A ple-nos pulmões, velhos sambas da Portela, clássicos do Pink Floyd, The Clash e Legião Urbana ressoaram por aquela terra sagrada. Desfiei também canções infantis, poemas completos de Fernando Pessoa e o Hino à Bandeira, até.

Em pouco tempo meus pés tocavam no mítico *Campus Stellae*: a cidade de Santiago de Compostela. Jerusalém do Ocidente, a Sinfonia de Pedra, Cidade Santa, Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco.

O último elo de uma longa corrente.

Emocionado, abriguei-me para um rápido descanso na primeira igreja, a de São Lázaro – aquele, segundo a Bíblia, ressuscitado por Jesus. Não por acaso: eu começava também vida nova.

Passei uma hora serpenteando entre tráfego e avenidas de

prédios modernos. As setas pintadas nos postes e chão levaram-me à Rua dos Concheiros, a primeira referência direta ao Caminho até então.

A arquitetura ia mudando à medida que avançava em direção à zona histórica de Santiago. Casarões com quatro ou cinco pavimentos acompanhavam-me por uma via estreita e também muito movimentada, a Rua San Pedro.

Foi ali, em uma meia curva, por uma brecha entre o velho casario, eu vi, agora bem mais de perto, as torres da majestosa Catedral. Meu coração começou a dançar em meu peito e foi difícil esconder as lágrimas dos transeuntes – gente que saía do trabalho para o almoço e dezenas de turistas.

Atravessei a Porta do Caminho, a Rua das Casas Reais, Praça de Cervantes, Praça da Imaculada e, através de um arco gótico que traspassa o prédio do Arcebispo, cheguei a um largo aberto de chão de blocos de granito, a enorme Praça do Obradoiro.

Foi quando dei de cara com o monumento gigante de pedra, cujas agulhas riscavam o azul profundo do céu: a magnífica Catedral de Santiago de Compostela.

Ainda estupefato com a maravilhosa visão, ali encontrei meu colega catalão Jesus, que, notando meu estado deveras alterado pela emoção, tardou-se somente a dizer uma frase:

– Brasileiro, aqui está a Catedral: ela é toda sua.

Eram onze horas e quinze minutos de uma terça-feira, dia 13, do mês de julho do Ano Santo Compostelano de 1993, quando subi as escadarias, penetrando em sua nave principal românico-gótica.

Eu finalmente estava pisando o Campo das Estrelas.

Pousado sobre o mesmo local em que onze séculos atrás o ermitão Pelágio viu a chuva de luzes sobre a tumba do apóstolo.

Poucos passos adiante, alcancei a coluna central do Pórtico da Glória, dando final ao percurso físico. Lá, a fé de pessoas simples



e corajosas deixou suas marcas na pedra: por centenas de anos o toque dos peregrinos naquele mesmo lugar “cavou” o mármore em um formato similar ao de cinco dedos.

Emocionado, afundei minha mão naquela pedra fria, assim como milhões o fizeram antes. Os mesmos que fazia questão de homenagear.

Senti entre meus dedos a egrégora sagrada que me contava histórias muito antigas. De dor e ao mesmo tempo regozijo. De muitos que conseguiram realizar esta façanha que eu concluía por inteiro. Mas também de tantos outros que ficaram pela estrada, cujas cinzas, misturadas a esta terra santa, também formavam hoje o Caminho de Santiago.

Tinha alcançado a glória. Honrado meu sonho e minhas promessas. E experimentei – não pela primeira vez na Espanha – o gosto da felicidade plena. Aquela que todos nós algumas poucas vezes sentimos e, naquele momento fugaz, pensamos que irá durar para sempre.

Sob o altar-mor barroco, visitei a cripta que guarda os restos de São Tiago em uma urna de prata. Ali deixei todas as orações a mim confiadas ao longo do trajeto.

Rezei também pela Senhora Debril, pelos donos de vinhedos que abriram o passo de suas terras aos peregrinos, pelo quitandeiro que despertou a fera, os hospitaleiros que abriam mão de suas férias, por Juanjo e a senhora de Azofra que pagaram a oração com uma moeda, por Tomás, o “templário”, por Jesus Jato... Ufa! Eram tantos e tantos a quem deveria agradecer... Mas sabia que qualquer esquecimento meu seria recordado pelo apóstolo.

Ante as relíquias de São Tiago Boanerges, o primeiro apóstolo-mártir, o santo peregrino e cavaleiro, amigo de Jesus e padroeiro da Espanha, pus no chão de mármore branco, como oferenda, o meu cajado.

Entreguei o mesmo bordão a mim oferecido no primeiro dia de marcha por um misterioso homem montado em um trator que navegava aos píncaros franceses. O bocado de madeira dos Pireneus que me acompanhou fielmente por todos estes dias, em todas estas

longas milhas, em todos os passos. A minha “terceira perna”. Meu sustento, defesa e estímulo.

Em seguida, dirigi-me ao Escritório das Peregrinações em um prédio vizinho. Lá, o pároco responsável, Dom Jaime García, escreveu meu nome no Livro dos Peregrinos e entregou-me um belíssimo diploma todo em latim – a *Compostelana* –, comprovando a minha caminhada de fé, mas não sem antes perguntar:

– Ah, és tu o brasileiro que dormiu ao relento na Cruz de Ferro? O “peregrino louco”?

Àquela altura, parecia que toda a cidade de Santiago também já conhecia a minha história.

Recordando um Papa, Alexandre II, que concedeu indulto pleno a todos os que entrassem à Catedral por sua Porta Santa, aberta unicamente ao Jubileu do apóstolo, por lá voltei rapidamente ao santuário, obtendo pela tradição católica o perdão de todos os meus pecados.

A porta deve ter tido muito trabalho.

A Missa do Peregrino, sempre às 12 horas, estava por iniciar e novamente foi imensa a minha alegria de ver os amigos juntos ali nos primeiros bancos: Pablo, o pintor, Ramon, o basco octogenário, García, Edward, Jesus e a minha Cristine. A igreja estava lotada e eles haviam guardado desde cedo um lugar especialmente para mim.

Ao redor, distinguia rostos conhecidos de muitos, muitos outros que tive a sorte de encontrar pela estrada; todos radiantes, maravilhados com a suntuosidade do templo e a possibilidade de realizarem seus maiores objetivos.

Ao lado direito estava Dominique, o francês *hippie*. À esquerda, Xavier. Atrás, Miguel, Oscar e todo o grupo de estudantes que não encontrava desde Villafranca.

Alguns vieram depressa e me adiantaram. Outros devagar e eu os passei.

Mas estavam ali, juntos ou não, aos pés do apóstolo e de quem o enviou. No final de um Caminho que certamente era o início de outros mais que virão. Alguns tão incertos e difíceis quanto as rotas

que levam a Compostela.

Grupos uniformizados de associações de peregrinos de toda a Europa, que naquele dia visitavam a Catedral, portavam suas bandeiras nacionais e estandartes brasonados, dando mais pompa à cerimônia que começava. O próprio Dom Jaime comandou a celebração, antes fazendo questão de ler a relação dos grupos de concheiros que chegaram àquela manhã, dando o número de componentes, o ponto de partida e nacionalidade.

Como eu caminhava *a priori* sozinho, ele fez questão de em alto tom proferir:

– Também chegou a esta Catedral Guy Veloso, do Brasil, a pé desde Saint-Jean-Pied-de-Port, na França.

Os amigos todos sorriram e me deram novamente os parabéns, abraçando-me.

Antes da bênção final, especial aos peregrinos, um turíbulo de latão prateado de 1,5 metro de altura é trazido por oito homens uniformizados em trajes da Idade Média. Era o início do Ritual do Botafumeiro, um dos maiores espetáculos que o homem hoje tem o privilégio de presenciar e que é por séculos realizado da mesma forma.

O incensário gigante de cinqüenta quilos, chamado “botafumeiro”, é aceso e amarrado a uma extremidade de uma corda, que está ligada a uma polia fixa fincada à cúpula principal da Catedral, dezenas de metros acima do altar.

A equipe ritualística puxa firmemente a outra ponta da corda e o botafumeiro começa a movimentar-se de um lado para outro, assim como um pêndulo, pelas naves laterais do templo, a poucos metros das cabeças dos boquiabertos peregrinos e turistas.

O hino de São Tiago é solenemente tocado em órgão, enquanto o incensário atinge uma velocidade superior a setenta quilômetros horários, e percorre a cada movimento pelas naves um total de 48 metros.

O enorme turíbulo exalava seu perfume agridoce característico e benzia os peregrinos, cobrindo os espectadores mais próximos ao altar de uma aura branca feito nuvem. E a cada ida e volta

sentia que o fardo que carreguei nas costas por todo o Caminho tornava-se tão leve quanto aquela fumaça que subia ao céu.

Eu tinha 23 anos naquele 13 de julho de 1993. Era bem diferente daquele que semanas atrás adentrou timidamente a sala da Senhora Debril; que deu os primeiros passos pelas desertas montanhas pirenaicas.

Havia construído algo novo e sólido em minha vida e seus tijolos estavam ainda úmidos.

Foram 37 dias e 800 quilômetros de viagem. Conheci pessoas e costumes diferentes. Desenvolvi a tolerância; vivi a liberdade. Apostei diariamente no imprevisível; fiquei perto da natureza. Fiz amigos, cultivei uma fazenda de bolhas nos pés, bebi muito vinho e andei feliz mais que triste.

Caí, sofri, cri e apaixonei-me algumas vezes. Aprendi que o mundo é bem maior do que imaginava; que ainda há muito a conhecer.

Para trás, deixei amizades, recordações, uma pedra na Cruz de Ferro, três vieiras, palavras encorajadoras nos livros dos albergues e, em especial, minhas pegadas.

Talvez fosse este o meu principal legado. O quinhão aos que viessem a seguir.

Saí da Catedral acompanhado dos amigos mais chegados e marchamos juntos pelos bares da cidade por horas e horas a fio, sem mesmo perceber quando a noite, escoltada de uma densa bruma, tomou Santiago por inteiro.

Meu hotel era um velho casarão na sua parte histórica. No quarto que dava para a rua, a luminosidade de halogênio entrava por frestas na janela junto com o murmúrio dos últimos bêbados da madrugada que vagavam pelas calçadas.

Ainda muito agitado com as experiências do dia, em um impulso quase inconsciente, procuro uma bíblia na gaveta do criado-mudo.

Abri suas páginas ao acaso – como de costume – encontrando meu dedo indicador em única tentativa verso do Livro de Jó, que em letras pequeninas dizia a meus olhos arregalados:

Somente Deus conhece o caminho
só Ele sabe onde está a sabedoria
porque a Sua vista alcança
os lugares mais distantes do mundo.

E desta vez não achei que fosse “mera coincidência”. De forma alguma reneguei o milagre.

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS¹

Capa: arredores de Sangüesa – Rota Aragoneza (Navarra).
Capas interiores: arredores de Hornillos del Camino (Burgos).
Orelhas: Arroyo Sambol (Burgos) e Colina de Mostelares (Palencia).
p. 26/27: arredores de Rabé de las Calzadas (Burgos).
p. 54/55: arredores do Monte del Perdón (Navarra).
p. 66/67: Puente la Reina (Navarra).
p. 78/79: vila de Muruzábal (Navarra).
p. 104/105: arredores de Santo Domingo de la Calzada (La Rioja).
p. 134/135: Cruz de Ferro, Monte Irago (León).
p. 146: arredores de Villamayor de Monjardín (Navarra).
p. 181: Catedral de Santiago de Compostela (La Coruña).

¹ Fotografías © Guy Veloso. Direitos reservados.

AGRADECIMENTOS

Professores João Carlos Pereira, Cleyde Cichovski e Armando Alves, Celso Oliveira, Lorena Veloso, Jaime e Judith Arroyo, Júlia Santos, Saanaé Bitar, Danilo Tiisel, Ivy Portela, Maelô Velloso, Andréa Maron, Mazé Santos, Cristine Klautau, Viviane Martins, Sílvia Oliveira, Isabel Macedo, Adriana e Juliana Costa, Antonio Santana, Alessandra Natasha, Raquel Savariego, Getúlio Bispo, Jorginho Santana, Rosana Rebolças, Naga e Ananda.

NA INTERNET (COM FOTOS DOS LOCAIS CITADOS NO TEXTO):

<http://www.santiago.com.br>

NOTA:

Este livro não é um “guia prático”, e sim a descrição de uma viagem realizada em 1993. Para maiores e atualizadas informações sobre o Caminho (rotas, albergues etc.), favor recorrer à Associação de Amigos do Caminho de Santiago – Brasil ou à página na Internet.

DISTRIBUIÇÃO:

Sollus Distribuidora - (11) 2432 0337

1ª edição: abril de 1999

5ª edição: outubro de 2007

Omnia vincit amor

